

Greyce Kely Piovesan

Prezado Doutor, Querido Amigo, Caro Memorialista:
A sociabilidade intelectual nas cartas para Pedro Nava.

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História,
Centro de Ciências Humanas e Filosóficas,
Universidade Federal de Santa Catarina,
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^a Dra. Maria de Fátima
Fontes Piazza.

Florianópolis
Julho, 2009

Agradecimentos

Professora Maria de Fátima Fontes Piazza

Pelo apoio às mudanças, pela liberdade e fidelidade que me prestou. À ela devo o amor às missivas e a vontade de continuar.

Professor Henrique Espada

Por ter sido o primeiro a acreditar nesse trabalho, espero que aqui esteja decifrada um pouquinho mais da *Esfinge Pedro Nava*.

Professora Maria Teresa Santos Cunha

Sua admiração por Pedro Nava aumentou a minha e sua humildade me inspira profissionalmente.

Giselle Martins Venâncio

Autora de um trabalho maravilhoso, inspirador desse e que acolheu uma leitora-admiradora tão prontamente. Certamente reconhecerá um pouco de sua tese aqui. Espero que seja um motivo de orgulho.

Pessoal do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira e da Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa que me atenderam tão prontamente.

CAPES pela bolsa concedida que proporcionou um aprimoramento do trabalho.

Cristina

Companheira de jornada acadêmica, agradeço pela paciência, pela boa companhia mesmo nas horas de pânico (literalmente). Chega de competir para ver quem acaba os capítulos primeiro. Eu acabei Kity, e você?

Naty

Amiga incrível, das boas e más horas. Desejo que as boas continuem sendo a maioria. Agradeço o incentivo e a admiração que, mesmo sem merecer, você tem por mim. E tenha certeza, é recíproca.

Milena, Diana, Tati, Fernanda, Joana

Minhas contrerrâneas e companheiras de casa e de coração. Obrigada pela força sempre de longe mas sempre tão perto.

Bigo

O ser que esteve mais presente durante a elaboração dessa dissertação, que me distraiu nos momentos certos me levando para passear.

Seu Paulo, Dona Gisela e Deborah

Queridos que fizeram da minha estadia no Rio muito mais do que uma visita de pesquisa.

Amigos Peregrinos

Que me acompanham desde o início do mestrado e que oraram e torceram pela minha vida.

Meus irmãos de sangue e de coração, Enzo, Heloísa, Lídia, Priscila e Roni e os novos pais Mara e Carlos
Só o fato de existirem já me faz feliz.

Meus pais

Que apoiaram minhas escolhas e confiaram em mim. Sim mãe, acabei. Agora acabei!

Rafael

Pelas inúmeras vezes que me mandou escrever e aproveitar o tempo, que lhe é tão escasso, para produzir. Pelo apoio nas viagens ao Rio, por agüentar a bagunça na mesa e os papéis por toda a casa. Pelo exemplo profissional e humano que me dá todos os dias. Por ser meu ponto forte.

E principalmente, ao meu Deus pela minha vida e pela sua graça infinita.

Ah que medo de começar e ainda nem sequer sei o nome da moça. Sem falar que a história me desespera por ser simples demais. O que me proponho contar parece fácil e à mão de todos. Mas a sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e que mal vejo. Com mãos de dedos duros enlameados apalpar o invisível na própria lama.

(Clarice Lispector, A Hora da Estrela)

RESUMO

Este estudo trata das redes de sociabilidade do memorialista Pedro Nava através de suas correspondências. Pedro Nava ficou conhecido nacionalmente como memorialista nas décadas de 1970 e 1980 com a publicação de seis livros de memórias durante esse período. As cartas nos mostram como a convivência com outros intelectuais, conterrâneos mineiros, homens e mulheres que pertenceram a uma mesma geração e outros círculos ligados às letras e às ciências, foi importante para o reconhecimento da obra de Pedro Nava.

Palavras-chave: Pedro Nava, Epistolografia, Intelectuais, História, Arquivo Pessoal.

ABSTRACT

This study focuses on the social-intellectual network of Pedro Nava's memorialist through the letters exchange. Pedro Nava became nationally known as a memorialist in the decades of 1970 e 1980 with the publication of his six books of memory during these years. The epistolary exchange shows us how the relationship between Pedro Nava and other intellectuals, countryman from Minas Gerais, men and woman who belonged to the same generation and to other social circles linked to letters and science contributed for the recognition of his work as a memorialist.

Keywords: Pedro Nava, Epistolography, Intellectuals, History, Personal Archive.

Lista de abreviaturas

PN = Pedro Nava

AMLB = Arquivo-Museu de Literatura Brasileira

FCRB = Fundação Casa de Rui Barbosa

SUMÁRIO

1. Introdução	8
2. Capítulo 1: Cartas para os dias de semana	34
3. Capítulo 2: Amizade à mineira: cartas de conterrâneos	55
4. Capítulo 3: Relações epistolares	86
5. Considerações finais	113
6. Fontes	118
7. Referências bibliográficas	122
8. Anexos	133

Introdução

Lendo o texto de Philippe Artières, *Arquivar a Própria Vida*¹, parei logo no início: “Imaginemos por um instante um lugar onde tivéssemos conservado todos os arquivos das nossas vidas, um local onde estivessem reunidos os rascunhos, os antetextos das nossas existências”. Debaixo do armário de livros puxei uma caixa de madeira, uma verdadeira *guarda-memórias*, com agendas, diários, cartas, desenhos, fotografias, bilhetinhos para meus pais com a caligrafia recém aprendida ou datilografados na máquina de escrever, crachás de eventos de estudantes de história e recortes. E, vendo os objetos, me dei conta de que dentro desta caixa estava um pedacinho dos meus sentimentos, algumas das figuras que já fui e a partir de uma gravura, uma fotografia, um desenho, surgiram lembranças daquele dia, daquele tempo, das vivências que já nem parecem que foram minhas. Vejo, neste momento, estes papéis como minha identidade, uma autobiografia sem acabamento.

(...) Mas de tudo fica um pouco
Da ponte bombardeada,
de duas folhas de grama,
do maço,
- vazio – de cigarros, ficou um pouco
Pois de tudo fica um pouco.
Fica um pouco do teu queixo
no queixo da tua filha.
De teu áspero silêncio
um pouco ficou, um pouco
nos muros zangados,
nas folhas, mudas, que sobem.
Ficou um pouco de tudo
no pires de porcelana,
dragão partido, flor branca,
ficou um pouco
de ruga na vossa testa,
retrato.
Se de tudo fica um pouco
mas por que não ficaria

¹ ARTIÈRES, Philippe. “Arquivar a própria vida”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.21, p. 9-34, 1998.

um pouco de mim?
(...)
E de tudo fica um pouco.
Oh abre os vidros de loção
e abafa

o insuportável mau cheiro da memória.
(...)²

O *cheiro da memória* também se espalhou no ar de muitos dos leitores do escritor Pedro Nava. As suas obras memorialísticas serviram também como um elo para muitos reviverem suas próprias histórias através da lembrança, como se vê nas cartas de leitores: “Estou escrevendo para agradecer por tudo que tenho aprendido, melhorado e crescido depois que o conheci; também pelos momentos de lazer, risos, lembranças da minha infância que os seus livros fizeram vir à tona”.³ E ainda: “O que fica mais nítido, deste envolvimento com seu livro, é que todos nós temos nossos Baús. Você me fez abrir o meu e embora eu esteja quarenta anos menos que você, encontro ponto de unidade nas suas visões”.⁴

Mas, para mim, os livros de Pedro Nava foram aguçar a memória somente depois de conhecê-lo como médico. *Território de Epidauró* e *Capítulos da História da Medicina no Brasil*⁵ foram as duas obras que me apresentaram ao médico-memorialista. A partir de então, passei a conhecer o literato, o caricaturista, o médico interessado em literatura, o poeta bissexto e o egresso das hostes modernistas mineiras. Foi a partir daí que as *Memórias* de Pedro Nava entraram na minha vida e passaram a fazer parte de minhas próprias memórias na trajetória acadêmica.

A maior parte das publicações sobre este autor tratou especificamente dos livros de memórias, e foram escritas por

² ANDRADE, Carlos Drummond de. “Resíduo”. _____. *A Rosa do Povo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945. p.92.

³ Carta de Maria Alice do Amaral. São Paulo, 3 de abril de 1984. PN 032/AMLB/FCRB.

⁴ Carta de Fátima de Brito. Natal, 12 de agosto de 1983. PN 140/AMLB/FCRB.

⁵ NAVA, Pedro. *Território de epidauró*. 2ª edição. São Paulo: Ateliê editorial; Oficina do Livro, 2003.

Idem. *Capítulos da história da medicina no Brasil*. Cotia: Ateliê Editorial; Londrina: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003.

pesquisadores da literatura ou da lingüística. No campo da história, apesar do médico-memorialista ser muito citado ao se falar de modernismo e da cidade de Belo Horizonte nos anos de 1920, até o momento da escrita desta dissertação, poucos historiadores se dedicaram à obra do médico-memorialista. Dentre os trabalhos acadêmicos produzidos até a publicação do Inventário do Arquivo Pedro Nava⁶, em 2001, nenhum deles foi apresentado num programa de pós-graduação em História. Após este período, temos informações sobre trabalhos da historiadora Vanda Arantes do Vale⁷ que se ocupou dos livros de memórias.

A organização e a disponibilização dos arquivos pessoais tem contribuído significativamente para os estudos acadêmicos, especialmente os que envolvem personalidades do mundo cultural e político, incentivando pesquisas inéditas com documentos privados. Uma importante referência no Brasil em organização e disponibilização de acervos de intelectuais (escritores, poetas e jornalistas) é a Fundação Casa de Rui Barbosa através do Arquivo–Museu de Literatura Brasileira, onde estão depositados documentos pessoais de Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Hélio Pellegrino, Ribeiro Couto, Lúcio Cardoso, Isabel do Prado, Murilo Miranda e Pedro Nava, entre outros nomes da literatura e da política nacional, que estão disponíveis para os pesquisadores.

Os documentos presentes nos arquivos pessoais, sejam de homens e mulheres conhecidos nacionalmente ou de pessoas ordinárias, têm atraído o interesse de historiadores da cultura. A história cultural tem buscado uma articulação entre teoria e documentos arquivísticos, através do rompimento de fronteiras entre diferentes campos científicos, com diversos suportes metodológicos transversais a outras disciplinas. Através de debates em torno da escrita da história, os trabalhos apontam para a integração dos aportes literários e do conjunto das práticas nos sistemas discursivos,

⁶ VASCONCELLOS, Eliane (Org.). *Inventário do Arquivo Pedro Nava*. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Edições Casa Rui Barbosa, 2001.

⁷ VALE, Vanda Arantes do. *Medicina e literatura nas biografias e obras de Guimarães Rosa e Pedro Nava*. III Seminário Internacional Guimarães Rosa, 2004, Belo Horizonte. Caderno de Resumos. Belo Horizonte: CESPUC - MG, 2004.

Idem. *Memória e Memória de Pedro Nava* – Uma apresentação. I Encontro do Centro de Estudos dos Oitocentos. São João Del Rey, 2004.

articulando os textos com o contexto de sua produção e recepção. Uma nova responsabilidade social surge a partir das questões que os historiadores colocam para seus objetos.

Essa nova práxis histórica se caracteriza por um esforço de mostrar a pluralidade de miniracionalidades que organizam a vida social e o trabalho científico, ou seja, diante da especialização do conhecimento, é necessária a compreensão global dos problemas, não em direção a um sentido único, mas sobretudo na perspectiva de reconstrução de múltiplos sentidos a partir das histórias de que os diferentes grupos são portadores.⁸

No âmbito da renovação dos estudos históricos se encontram estudos acadêmicos que foram inspiradores para a elaboração dessa dissertação, como a tese de doutorado de Giselle Martins Venâncio, *Nas Tramas do Arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna*⁹, apresentada em 2003 na Universidade Federal do Rio de Janeiro. A autora analisou as redes de sociabilidade intelectual de Oliveira Vianna utilizando-se, entre outras fontes, da correspondência passiva vista como um *locus* de sociabilidade, mostrando que o sociólogo privilegiou a correspondência para estabelecer suas relações com o mundo das letras e da política.

A tese da historiadora Rebecca Gontijo, intitulada *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador*,¹⁰ também trouxe importantes apontamentos ao tratar, na segunda parte do trabalho, da construção do historiador como indivíduo e intelectual através de sua correspondência pessoal.

Outra importante referência para o estudo da epistolografia são os trabalhos escritos e organizados pela historiadora Ângela de Castro

⁸ NÓVOA, Antonio. “La nouvelle histoire américaine de l’éducation”. *Histoire de l’Education*, n. 73, janeiro. Paris: INRP, p.3-48, p. 9. Apud: VENANCIO, Ana Cristina et. Alii. (Org.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 21-22.

⁹ VENANCIO, Giselle Martins. *Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna*. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ (tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Social), 2003.

¹⁰ GONTIJO, Rebecca. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador*. Niterói: UFF. (tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Social), 2006.

Gomes. A obra coletiva *Escrita de si, Escrita da História*¹¹ traz diversos artigos tratando de estudos de cartas entre intelectuais, como Oliveira Lima e Gilberto Freyre, Monteiro Lobato e Oliveira Vianna e outros missivistas.

Ainda dentro do campo da epistolografia, destaca-se a publicação coletiva *Prezado Senhor, Prezada Senhora: estudos sobre Cartas*¹², organizada por Walnice Nogueira Galvão e Nádia Battella Gotlib, publicado em 2000. O livro reúne 41 artigos que tratam da escrita epistolar.

As cartas geralmente são papéis pessoais, que dificilmente chegariam ao domínio público. Na maioria das vezes, são jogadas fora pelos próprios destinatários ou seus familiares. Porém, as correspondências de intelectuais que as preservaram e que tiveram seus arquivos doados às instituições culturais (que geralmente visam à preservação da memória), ou ainda, que foram conservadas e colocadas ao alcance de pesquisadores pelos familiares, têm, há alguns anos, ultrapassado do espaço restrito do arquivo pessoal privado para o domínio público. Um dos casos mais expressivos no Brasil é do escritor Mario de Andrade, que manteve enquanto viveu uma vasta rede de comunicação epistolar. Sua relação com suas missivas foi ambígua, se perguntando constantemente se as cartas deviam ser vistas como obra pública ou pessoal, conforme revelou em artigo no *Diário de Notícias*, no qual chamou de “violão da literatura”, o chamado gênero epistolar:

É na verdade, o gênero ideal, de grande nobreza humana porque socializa, aproxima os indivíduos e cultiva a amizade. E ao mesmo tempo não se publica. Por intermédio das cartas nós podemos dar fuga aos nossos sentimentos e ideais, fazer literatura, mandar crônicas e contos aos nossos amigos, dezenas de sonetos, que serão certamente aplaudidos por eles, de noite e de dia, porque não fazem barulho. É certo que das dezenas de volumes já saídos este ano, a maioria não tem exatamente uma razão pública de ser. São legítima

¹¹ GOMES, Angela de Castro. “*Escrita de si, escrita da História*: a título de prólogo”. In: *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004

¹² GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Batella. *Prezado Senhor, Prezada Senhora* – estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

literatura de violão¹³.

Através dessa prática de escrita o autor de *Macunaíma* se aproximou dos amigos, se relacionou politicamente, exerceu influência artística e intelectual, tomou ciência de problemas nas inúmeras áreas em que atuava e driblou suas limitações diante de situações que lhe pareciam constrangedoras.¹⁴ Muitas das amizades do escritor paulistano foram efetivadas somente através de cartas, porém, em alguns momentos, o remetente delas declarava não desejar que viessem a público suas missivas. Carlos Drummond argumentou que

A obediência [em não tornar públicas as cartas] implicaria sonegação de documentos de inegável significação para a história literária do Brasil. Não só os praticantes da literatura perderiam com a falta de divulgação de cartas que esclarecem ou suscitam questões relevantes de crítica, estética literária e psicologia da composição. Os interessados em assuntos relativos à caracterização da fisionomia social do Brasil também se veriam lesados pela ignorância de valiosas reflexões abrangentes de diversos aspectos da antropologia cultural.¹⁵

Pedro Nava não teve esta reserva com sua correspondência, ao menos das que recebeu e guardou. O escritor ainda viveu quatro décadas após a morte de seu amigo Mário de Andrade e viu suas cartas tornarem-se públicas, contribuindo em 1982 com a publicação das que lhe foram enviadas.¹⁶ As demais cartas que estão no arquivo do memorialista não tiveram, até agora, uma grande divulgação publicização o que vislumbraria o rito de passagem do arquivo privado para a esfera pública

¹³ ANDRADE, Mário de. Dona Flor. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 maio 1940. In: SACHS, Sonia (Org.) *Vida Literária*. São Paulo: Edusp/HUCITEC, 1993. p. 188-189.

¹⁴ PIRES JUNIOR, Sidney Oliveira. *Embates de um intelectual modernista*. Papel do Intelectual na correspondência de Mário de Andrade. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, FFLCH, Departamento de História. 2004, p.42.

¹⁵ ANDRADE, Mário. *A lição do amigo*: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. Prefácio de Carlos Drummond.

¹⁶ ANDRADE, Mário. *Correspondente Contumaz*: cartas a Pedro Nava, 1925-1944. Edição preparada por Fernando da Rocha Peres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

em geral.¹⁷

As relações epistolares entre Pedro Nava e vários missivistas (escritores, políticos e intelectuais) de diferentes gerações compuseram uma prática que constituiu e manteve uma importante rede de relações pessoais, sociais, políticas e intelectuais, na qual o memorialista esteve inserido desde os anos de 1920 até o final de sua vida, na década de 1980.

Este trabalho tem como escopo trabalhar o arquivo de Pedro Nava, especialmente a correspondência recebida pelo memorialista no período posterior a publicação de seu primeiro livro de memórias, *Baú de Ossos*, em 1972. A partir daí, pretende mapear a rede sócio-intelectual a que Nava esteve integrado e que contribuiu para o reconhecimento de sua obra memorialística.

A troca epistolar entre Pedro Nava e outros intelectuais serviu como uma forma de aproximação em meio a uma rede de sociabilidade mais vasta. O estudo destas correspondências pessoais permite-nos conhecer melhor as tramas do campo intelectual brasileiro, a partir de um fragmento deste macro-campo.

Apesar do grande sucesso que seus livros de memórias fizeram nas décadas de 1970 e 1980, Pedro Nava não é um escritor tão conhecido e nem citado pelo grande público, principalmente pelas novas gerações. Daí a importância de apresentar um breve esboço biográfico do homem que deu título a esse trabalho. Pedro da Silva Nava, nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 5 de junho de 1903. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1916, para cursar o ensino secundário no Colégio Dom Pedro II, referência no ensino das humanidades na época. Voltou para Belo Horizonte para estudar medicina em 1921, onde trabalhou no Serviço Público – na Diretoria de Higiene do Estado – para custear as despesas com a faculdade. Formou-se em 1927, juntamente com Pedro Salles, Odilon Bherens e Juscelino Kubitschek.¹⁸

Foi durante a faculdade que Pedro Nava conviveu com outros

¹⁷Encontramos apenas um artigo que trabalhou com as correspondências de Pedro Nava. O artigo traz breves discussões acerca das cartas de alguns leitores das Memórias de Nava. CARDOSO, Marília Rothier. Carta de Leitor: reflexões a partir de uma seção do arquivo de Pedro Nava. In: GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Batella. *Prezado Senhor, Prezada Senhora* – estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

¹⁸MOING, Monique Le. *A solidão povoada: uma biografia de Pedro Nava*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

jovens moradores da *capital das alterosas* que freqüentavam os lugares da efervescência moderna: “eram todos estudantes de modo que suas manhãs eram passadas nas respectivas faculdades”.¹⁹ Seus encontros começavam a tarde e aconteciam principalmente na *Livraria Alves*, no *Café e Confeitaria Estrela* e no *Cinema Odeon* – “sobretudo às sextas-feiras, cujas noites eram ocasião de verdadeiro acontecimento social semanal, a chamada Sessão Fox”.²⁰

Esses rapazes foram chamados de modernistas mineiros, também conhecidos como *intelectuais da Rua da Bahia* e como os *rapazes do Estrela* e tiveram importante atuação no contexto político do período pelo teor de engajamento dos participantes do grupo e pelos conflitos de suas idéias com o poder vigente da época. A maioria desses estudantes cursava direito e vivia basicamente para os estudos e para a agitação literária e buscando andar de encontro ao convencionalismo local. Porém, os “meninos não ameaçavam tanto assim. Daí a pouco estariam bem sentados em seus gabinetes e escritórios”.²¹

Nava e sua geração se inserem numa rede de sociabilidade intelectual que circulou nas esferas do poder, principalmente durante o Estado Novo, como foi o caso de Gustavo Capanema, Milton Campos, Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, entre outros mineiros que se envolveram diretamente com o poder estatal.

Finalizado o curso de medicina, Nava exerceu a profissão de médico em Belo Horizonte, e em Juiz de Fora, onde trabalhou como funcionário da Saúde Pública do Estado de Minas Gerais. De 1931 a 1933, exerceu a medicina no interior de São Paulo, depois de ter passado uma fase difícil devido ao suicídio de sua namorada.

A coisa se deu assim: ele tinha um grande amigo, colega de turma, que se chamava Cavalcanti, que já emigrara de Belo Horizonte para o Oeste paulista, onde clinicava. Então, o Nava escreveu para o Cavalcanti perguntando se ele poderia arranjar uma colocação por lá. O amigo disse que

¹⁹ NAVA, Pedro. *Beira-mar*. Memórias 4. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003. p.106.

²⁰ NAVA, Pedro. *Beira-mar*. Memórias 4. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003. p.106.

²¹ AGUIAR, Joaquim Alves de. *Espaços da memória*. Um estudo sobre Pedro Nava. São Paulo: Editora da USP: Fapesp, 1998. (Ensaio de Cultura; 15) p. 170.

sim e ele foi e lá clinicou dois anos. Isso foi após a Revolução Paulista.²²

Após este período, mudou-se definitivamente para o Rio de Janeiro, onde permaneceu até a sua morte. Trabalhou como professor universitário, médico particular e do Serviço Público. Como fruto de suas pesquisas na área da medicina, escreveu mais de 350 artigos que foram apresentados em congressos médicos e publicados em revistas científicas. Em grande parte desses escritos tratou da reumatologia, especialidade a que Nava dedicou muitos anos de sua atividade profissional, sendo o Membro Fundador da Sociedade Brasileira de Reumatologia.

No exercício da sua vida profissional, por mais de cinquenta anos, Nava escreveu dois livros sobre história da medicina: *Território de Epidauro*²³ e *Capítulos da Medicina no Brasil*.²⁴ O primeiro, escrito de forma mais romanceada, recebeu elogios de seus amigos de geração.

Com 69 anos de vida, Pedro Nava lançou seu primeiro livro de memórias: *Baú de Ossos* (1972). “O escuro já vinha chegando quando ele se dispôs a falar da continuidade da vida pela mágica da memória e deu à luz os guardados de seu baú, fazendo-se herdeiro e transmissor do legado de várias gerações”.²⁵ Como escreveu seu amigo Carlos Drummond de Andrade, “a vida quis torcer Pedro Nava para o rumo exclusivo da ciência, mas viu-se, afinal, que esta não o despojou da faculdade, meio demoníaca meio angélica, de instaurar um mundo de palavras que reproduz o mundo feito de acontecimentos”.²⁶

²² Entrevista de Paulo Penido, sobrinho de Nava. NAVA, Pedro. *O Bicho Urucutum*. Seleção de textos de Paulo Penido. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998, p.22.

²³ *Território de Epidauro* foi editado em 1947 e foi reeditado em 2003. Neste livro Nava reuniu artigos que tratam de medicina, escritos de uma forma menos acadêmica, que permitiram ao autor tomar a liberdade de expressar suas opiniões sobre o tema. NAVA, Pedro. *Território de Epidauro*. 2ª edição. São Paulo: Ateliê editorial; Oficina do Livro, 2003.

²⁴ Publicado em 1948, reúne artigos que tratam da medicina e suas práticas na história, publicados primeiramente em uma revista médica. NAVA, Pedro. *Capítulos da história da medicina no Brasil*. Cotia: Ateliê Editorial; Londrina: Edel; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003.

²⁵ ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. “O móbile da memória”. In: Idem. *Enigma e comentário*. Ensaio sobre literatura e experiência. São Paulo: Cia das Letras, 1987, p. 69.

²⁶ ANDRADE, Carlos Drummond de. Baú de surpresas”. In: NAVA, Pedro. *Baú de Ossos*. Memórias 1. Rio de Janeiro: Sabiá, 1972.

No ano seguinte à publicação do *Baú*, Nava recebeu o Prêmio Luísa Cláudio de Sousa, do Pen Club e o Prêmio Personalidade Global - setor literatura, da Rede Globo de Televisão e do jornal *O Globo*. Também foi contemplado em 1974, com o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte, além de outros prêmios de reconhecimento ao seu labor literário. Nos jornais, muitos de seus conterrâneos mineiros publicaram artigos sobre as suas memórias. O autor foi chamado para publicar artigos em jornais e revista sobre diversos assuntos ligados à cultura e à sociedade em geral. Segundo relato de seu sobrinho, Paulo Penido, na introdução do livro *O Bicho Urucutum*, “teve uma época que o Nava era assim, uma espécie de guru da TV Globo. Tudo o que acontecia vinham perguntar a opinião dele. O que o senhor acha da Bienal do Livro? O que acha do movimento do amor livre? Lá estava Pedro Nava na televisão. Em tudo ele dava sua opinião”.²⁷

Em algumas cartas existentes no arquivo do médico-memorialista encontramos vários leitores contando que assistiram ou leram as opiniões de Pedro Nava em meios de comunicação.

Os livros de memórias continuaram a ser publicados nos anos posteriores a 1972. Em média a cada dois anos um novo volume chegava às livrarias e surpreendia os leitores. Para escrever suas memórias, Nava foi desentranhar do passado e da terra onde cresceu o rico filão de sua história pessoal. O memorialista reanimou “com a seiva viva da memória a grande árvore familiar enterrada no tempo, com todo o emaranhado de suas raízes que a prendiam a um contexto histórico-social concreto e ainda mais fundo”.²⁸ E para tal, trouxe muitas informações sobre a história do país, “buscando conhecer-se como se fosse obrigado a encarar a história da nação para reconhecer seu próprio retrato e poder situar-se em face do mundo”.²⁹

Durante a escrita daquele que seria seu sétimo livro de memórias, intitulado *Cera das Almas*, Pedro Nava acabou com sua vida com um tiro de revólver na cabeça, no bairro da Glória no Rio, lugar que tanto conhecia pelas suas caminhadas e seu olhar atento ao espaço.

²⁷ Paulo Penido, sobrinho de Pedro Nava, em entrevista para abertura de *O Bicho Urucutum*. A entrevista traz a opinião do sobrinho a respeito de alguns aspectos acerca da vida e da morte do médico-memorialista. NAVA, Pedro. *O bicho urucutum*. Seleção de textos de Paulo Penido. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998. p.26.

²⁸ ARRIGUCCI JÚNIOR, “O móbile da memória”. In: _____. op. cit., p. 76.

²⁹ *Id.*, p. 77.

Pedro Nava: intelectual de convivência e geração

O convívio com intelectuais, segundo Ângela Castro Gomes, é fundamental para o desenvolvimento de suas idéias e criações. O circuito de sociabilidade que os intelectuais se inserem os coloca no mundo cultural permitindo a eles interpretar o mundo político e social de seu tempo. Desta forma

não é tanto a condição de intelectual que desencadeia uma estratégia de sociabilidade e, sim, ao contrário, a participação numa rede de contatos é que demarca a específica inserção de um intelectual no mundo cultural. Intelectuais são, portanto, homens cuja produção é sempre influenciada pela participação em associações, mais ou menos formais, e em uma série de outros grupos, que se salientam por práticas culturais de oralidade e ou escrita.³⁰

A nossa opinião é de que o reconhecimento de Nava como um homem de letras e a divulgação de sua obra memorialística deve-se efetivamente ao convívio com uma plêiade de intelectuais, desde a década de 1920 com os modernistas mineiros até a sua presença contumaz no Sabadoyle (reuniões frequentadas por escritores, jornalistas e políticos na casa de Plínio Doyle).

Paulo Penido, que morou na casa de Pedro Nava no período estudantil, testemunhou essa relação do médico com algumas personalidades da literatura, da música e da política:

só com a convivência permanente comecei a ver de perto, no dia-a-dia, o ritmo da casa, as pessoas que o visitavam, inclusive aquelas pessoas famosas de que eu ouvia falar no colégio, como

³⁰ GOMES, Angela de Castro. “Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre”. In: Idem (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 51.

Afonso Arinos, Murilo Mendes, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Rodrigo de Melo Franco, Vinícius de Moraes...³¹

O capital simbólico adquirido ao longo da vida através das amizades, das relações mantidas com intelectuais mineiros e cariocas e através da aproximação que há muito vinha se fortalecendo no Brasil entre a classe médica, a política e os círculos literários, permitiram que Nava o reconhecimento como homem de letras, mesmo que considerado por Manuel Bandeira um poeta “bissexto”.³²

Para Sirinelli, a categoria intelectual é variável historicamente e pode ser classificada em duas acepções: uma sociocultural e outra baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, podem ser incluídos na classificação os jornalistas e escritores, os professores e os eruditos. Ainda, podem-se incluir os estudantes, criadores ou mediadores e receptores culturais. Porém, para determinados momentos da história, a classificação deve limitar-se aos criadores e distribuidores culturais, principalmente nos meios em que o ensino de nível universitário é muito difundido e não distingue diplomados do conjunto da sociedade.

A comparação entre épocas diferentes é sempre delicada, devido às mutações sociológicas, e seria ilógico propor uma definição demasiado rígida que, precisamente, apagaria de maneira artificial essas mutações. Mas, inversamente, sem um mínimo de harmonia quanto à definição, o estudo dos intelectuais fica reduzido à ineficácia e privado de abordagens comparativas fecundas.³³

Afinal, não são apenas as mudanças sociais que explicam o crescimento do número de intelectuais na história, mas também a

³¹ Entrevista concedida por Paulo Penido, sobrinho de Nava. NAVA, Pedro. *O Bicho Urucutum*. Seleção de textos de Paulo Penido. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998. p. 25.

³² Manuel Bandeira organiza a Antologia dos Poetas Bissexto, incluindo Pedro Nava nela. BANDEIRA, Manuel. *Antologia de poetas brasileiros bissexto contemporâneos*. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1946.

³³ SIRINELLI, Jean-François. “Os Intelectuais”. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 243.

abrangência maior ou menor da categoria intelectual.

Nos estudos sobre círculos intelectuais é comum discussões acerca destas redes de sociabilidade e de suas especificidades, sua organização interna e suas formas de relações estabelecidas com a sociedade. Frequentemente têm-se analisado a demarcação das especificidades que unem e delimitam estes círculos assim como a articulação entre a organização e funcionamento interno do meio intelectual e os modos de atuação de seus agentes, especialmente no plano político.³⁴

Segundo Chartier³⁵, essas redes de convivência frequentadas pelos homens de letras e política são essenciais para a existência do intelectual moderno, pois são os espaços públicos que garantem o sentido de seus trabalhos e divulgação cultural, dando-lhes certa autonomia. Também, para Michel Trebitsch os lugares de sociabilidade são uma das condições fundamentais para o trabalho intelectual.³⁶

As redes secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos. E assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se portando de uma dupla acepção, ao mesmo tempo redes que estruturam e microclima que caracteriza um microcosmo intelectual particular.³⁷

É difícil determinar quem pode ou não ser considerado

³⁴ TREBITSCH, Michel. Avant-propos: la chapelle, le clan et le microcosme *Les cahiers de L'IHTP*. N. 20, mars 1992, p.15. Apud: GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual". In: SOIHET, R., BICALHO, M. F. B., GOUVEA, M.F.S (Orgs.). *Culturas políticas*. Ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: MAUAD, 2005. p.260.

³⁵ CHARTIER, Roger (Dir.). *La correspondance: les usages de la lettre au XIXe siècle*. S.l., Fayard, 1991. Apud: Ibidem.

³⁶ TREBITSCH, Michel. Avant-propos: la chapelle, le clan et le microcosme *Les cahiers de L'IHTP*. N. 20, mars 1992, p.15. Apud: Ibidem, p. 261.

³⁷ SIRINELLI, Jean-François. "Os intelectuais". In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 252 e 253.

intelectual, porém, sabendo quem são as pessoas que circulam nos meios literários, culturais e científicos e as funções que elas ocupam nestes espaços³⁸, temos condições de avaliar o campo intelectual em que Nava se inseria como tal. O termo intelectual é amplo e impreciso, e com frequência se destacou o caráter polissêmico dessa noção e o aspecto polimorfo do meio dos intelectuais. A análise de Sirinelli que aponta duas acepções do intelectual, uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os mediadores culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento³⁹ nos parece conveniente.

O arquivo de Pedro Nava

Segundo Chartier, durante muito tempo, leitura e escritura foram estudadas em domínios separados. Mas, nos últimos anos, os pesquisadores têm voltado suas atenções para os escritos ordinários, aqueles pertencentes ao indivíduo, à família, circunscritos no privado revelando a importância da produção manuscrita no meio popular em diferentes épocas.

As formas são múltiplas: cadernos de segredos e de receitas, registros de contas, diários de família, correspondências, relatos de vida. Esses objetos testemunham as novas exigências de uma economia artesanal e comercial, que supõe cada vez mais o registro escrito das transações e o desejo dos indivíduos de um melhor controle de seu tempo através de uma escritura do presente, produzida dia a dia, e da memória do passado confiada à escritura.⁴⁰

O estudo dessas escrituras do cotidiano através dos arquivos

³⁸ TREBITSCH, Michel. “Avant-propos: la chapelle, le clan et le microcosme” *Les cahiers de L’IHTP*. N. 20, mars 1992, p. 11-21. Apud: VENANCIO, Gisele. *Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna*. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ (tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Social), 2003, p.35.

³⁹ SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 242.

⁴⁰ CHARTIER, Roger. Introdução: o livro dos livros. BRANDINI, Margareth. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil: Fapesp, 1999, p.12.

(institucionais ou não) que preservam esse material abre novos horizontes para a história cultural.

O arquivo de Pedro Nava possui muitos exemplos dessas escritas ordinárias: anotações pessoais, documentos referentes ao período escolar, cadernos de viagem, documentos pertencentes a várias famílias ligadas a sua, e principalmente, cartas dos leitores de seus livros, sejam eles seus pares ou não.

O arquivo de Pedro Nava encontra-se no *Arquivo Museu de Literatura Brasileira* (AMLB) da *Fundação Casa de Rui Barbosa* (FCRB), cujo inventário⁴¹ foi publicado em 2001 pela editora da Fundação. A composição deste arquivo foi iniciada pelo próprio Nava. O médico doou inicialmente uma carta de *Euclides da Cunha* a *Francisco de Paula Pedro de Alcântara* e outra à sua mãe. Depois, vieram as publicações modernistas *Estética*, *Klaxon* e *A Revista*, os originais dos seus livros de *Memórias*, as cartas que *Mario de Andrade* o enviou, o arquivo pessoal do tio *Antônio Sales* e, em 1984, pouco antes de morrer, fez a doação de alguns de seus desenhos e dos originais de *O Círio Perfeito*. Em 1985, um ano após sua morte, D. Nieta Nava, esposa do médico-memorialista, doou os papéis do marido que lhe pareceram pertinentes constar no arquivo.⁴² Os familiares de Nava continuaram contribuindo com materiais que pertenceram ao memorialista, sendo que a última doação, de objetos e papéis, foi em 2005.

Pedro Nava costumava escrever nos próprios documentos o assunto de que se tratava, mostrando uma certa preocupação com uma futura compreensão do conteúdo dos papéis. Daí a importância da marginália dos livros e cartas para a história editorial e da literatura. No caso das cartas, geralmente marcava se já haviam sido respondidas e quando a assinatura era incompreensível, anotava o nome do remetente abaixo ou ainda indicava quem era a pessoa, por exemplo: “carta de D. Ema Ribeiro Acioly, filha de João Ribeiro”.⁴³

O próprio Nava contou em vários trechos das suas *Memórias* e em entrevistas que tinha o costume de guardar coisas desde tenra idade.

⁴¹ VASCONCELLOS, Eliane (Org.). *Inventário do Arquivo Pedro Nava*. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Edições Casa Rui Barbosa, 2001.

⁴² Informações tiradas da Apresentação ao *Inventário do Arquivo Pedro Nava* escritas pela organizadora do arquivo Eliane Vasconcellos. VASCONCELLOS, Eliane (Org.). op.cit, p.10.

⁴³ Carta de Ema Ribeiro Acioli, s.d, s.l, Localização: PN 015.

Guardava tudo: objetos de familiares, fotografias de outras pessoas, bilhetes de terceiros, remédios antigos, documentos e papéis da sua família e de outras. Estes objetos eram guardados pelo médico pela satisfação que se dá por uma intensa surpresa ao lembrar, através do objeto, de algo que tinha esquecido, “algo banal, que nenhuma evocação consciente haveria de restaurar, mas que porta os afetos melhor do que qualquer discurso o faria (...)”.⁴⁴ O ato de guardar objetos de familiares e seus foi o método encontrado para prender o curso do tempo através desse objetos testemunhais.⁴⁵

Os *Documentos Pessoais* de Pedro Nava também fazem parte do arquivo, contribuindo como valor tradicionalmente autobiográfico do acervo com boletins, certidões, comprovantes de imposto de renda, contratos com editoras, recibos, currículos, declarações, entre outros vestígios acumulados ao longo de sua vida, especialmente, numa sociedade cartorial em que papéis são provas de existência.

Objetos também fazem parte dos vestígios dessa existência e estão presentes no acervo do arquivo de Pedro Nava. O memorialista foi um colecionador ligado à arte de preservar objetos que pertenceram a ele e a seus familiares, mantendo uma certa compulsão pelo colecionismo. Entre eles estão algumas das ferramentas que ajudaram o médico em sua profissão, como sabão antisséptico, pílulas de quinino e outros medicamentos todos em suas embalagens originais, o quepe que fazia parte de seu uniforme no período escolar, medalhas de santos, caixas de madeira herdadas de seus familiares, etc.

O arquivo pessoal de Pedro Nava permite vislumbrar uma “*vontade de guardar*” de tornar público o privado, mostrando a história pessoal dentro do contexto geral em que o sujeito se inseriu. Assim, a organização de um arquivo pessoal “acentua a individualidade do titular, redefinindo o seu lugar particular na pluralidade dos acontecimentos históricos”.⁴⁶

⁴⁴ RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou.... *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.11, n. 21, pp. 35-42, 1998, p. 41

⁴⁵ FRAIZ, Priscila. Arquivos pessoais e projetos autobiográficos: o arquivo de Gustavo Capanema. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 73.

⁴⁶ VIANNA, Aurélio, LISSOVSKY, Maurício e SÁ, Paulo Sérgio Moraes. A vontade de guardar: lógica e acumulação em arquivos privados. *Arquivo e administração*. Rio de Janeiro, vol. 10, n. 2, 1986. Apud: VENANCIO, Giselle Martins. *Na trama do arquivo: a*

Este processo de arquivar a própria vida, segundo Philippe Artières, é colocar-se no “espelho, é contrapor a imagem social à imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo”.⁴⁷ E foi desta forma que procuramos trabalhar com documentos presentes no arquivo de Nava, tendo em mente sua função social de guarda-memória, seguindo o que propõe Luciana Heymann:

Instituições criadas com a vocação declarada de preservar a memória têm sempre caráter político, na medida em que a memória é instrumento político, capaz de criar identidades, de produzir um discurso sobre o passado e projetar perspectivas sobre o futuro. Vale destacar, ainda, que a memória, objeto central dos empreendimentos, confere legitimidade ao projeto institucional e aos agentes sociais que a ele se dedicam.⁴⁸

Não olhamos para o arquivo valorizando-o por representar uma face mais verdadeira do sujeito individualizado por ele, e sim porque através dele podemos compreender as relações entre as representações subjetivas do titular e a construção da memória que se fez dele.⁴⁹

O arquivo de Pedro Nava conta com mais de 6.000 documentos manuscritos e datilografados, “fragmentos autobiográficos”⁵⁰ que registram aspectos de sua vida pessoal e pública. Dentre esses documentos mais de 3.000 são correspondências pessoais. Passemos, então, às cartas de fato, principal fonte dessa dissertação.

trajetória de Oliveira Vianna. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ (tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Social), 2003. p. 19.

⁴⁷ ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.21, pp. 9-34, 1998, p.11.

⁴⁸ HEYMANN, Luciana. De arquivo pessoal' a 'patrimônio nacional': reflexões acerca da produção de legados. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005, p. 21

⁴⁹ VENANCIO, Giselle Martins. *Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna*. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ (tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Social), 2003, p. 20.

⁵⁰ FRAIZ, Priscila. Arquivos pessoais e projetos autobiográficos: o arquivo de Gustavo Capanema. In: GOMES, Angela de Castro. *Capanema: o ministro e o seu Ministério*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p.74

Cartas para o médico, para o amigo e para o memorialista: todas para Nava.

Trabalhar com cartas é um desafio para o historiador, principalmente se este busca documentos em séries completas ou quando pretende fazer delas fontes de memória e objetos passíveis de análises históricas. Para isso, o pesquisador precisa ordená-las de forma cronológica ou temática, fazendo com que estas migalhas, estes fragmentos históricos possam trazer uma maior compreensão dos indivíduos através de suas relações. Desta forma

É fácil entender (...) por que o estudo de correspondências é tão recente e ainda não muito praticado. Se por um lado ele remete ao uso de uma fonte tradicional e bastante valorizada pela historiografia, por outro, ao definí-la como seu próprio objeto de investigação, o pesquisador acaba por distanciar-se do que é ainda freqüentemente realizado nos estudos históricos. A essa novidade soma-se ainda a dificuldade de lidar com documentos que podem ser numerosos, heterogêneos, em certos casos, dispersos, o que desafia o pesquisador quantitativamente e qualitativamente.⁵¹

As cartas são documentos geralmente presentes nos arquivos pessoais, trazendo revelações íntimas e públicas e, ao contrário do telefonema, serve como documento e é o local onde se pode expor ou esconder-se, de maneira pensada, argumentar com calma, esboçar pensamentos e apagá-los, rasgar o papel e escrever outro.

Geralmente as epístolas são elaboradas primeiramente no rascunho, e somente após a revisão são passadas à limpo e enviadas para o remetente, que nem sempre pensa no trabalho de elaboração de tal prática de escrita. Nas cartas que estão no arquivo do médico-

⁵¹ GOMES, Angela de Castro. “O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual”. In: GOMES, Angela (Org.) *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: FVG, 2000. p.20.

memorialista Pedro Nava, algumas vezes, constam rascunhos de cartas enviadas por ele ao remetente. Ter em mãos a correspondência passiva e ativa do sujeito que se está analisando é o ideal do pesquisador que usa as missivas para seus objetivos, sendo possível desta forma analisar o diálogo epistolar completo dos envolvidos. Porém, as cartas-resposta (ou perguntas) de Nava são minoria no arquivo, quando muito, são cópias esparsas ou rascunhos. O remetente que mais possui cópias ou rascunhos de cartas do próprio Nava anexados às cartas recebidas é a Livraria José Olympio Editora, que editou a maioria de seus livros em vida, e que, provavelmente por conta dessa relação autor-editora, que envolve tramites legais e capitais, teve suas cartas-resposta arquivadas pelo memorialista. São 24 cartas recebidas e 8 rascunhos escritos por Nava, fazendo com que esse seja o conjunto de missivas mais completo, com correspondência passiva e ativa, que consta no arquivo.

Porém, mesmo sem ter em mãos o *conjunto ideal* de epístolas (recebidas e enviadas) podemos perceber as vozes dos interlocutores desse diálogo. As duas vozes que compõem este diálogo podem ser vislumbradas muitas vezes através da correspondência passiva, principalmente se o pesquisador busca nas missivas elucidar tramas das redes em que o destinatário esteve inserido.

Michel Trebistch, em *Correspondances d' intellectuels*⁵², coloca que as cartas podem ser estudadas como um gênero literário, correspondendo a um duplo status, de fonte e de objeto e através delas os pesquisadores podem analisar as relações sociais dominadas pela escrita e pela oralidade. Acreditamos que as missivas também possam servir como suporte peculiar para analisar as sociabilidades estabelecidas entre o autor e o leitor da obra, pois são raras fontes escritas que trazem as ações permeadas pela imaginação e pela subjetividade dos sujeitos-leitores. As cartas são capazes de apresentar um testemunho registrado no momento da leitura ou logo depois dela, dando ao pesquisador a oportunidade de visualizar o relato sem depender apenas dos depoimentos orais apoiados na memória dos leitores.

As correspondências têm um status de narrativa pessoal, que se

⁵² TREBITSCH, Michel. Correspondances d' intellectuels. Les cas des lettres d' Henri Lefebvre à Norbert Guterman. In: RACINE, Nicole; TREBITSCH, Michel (Orgs.). *Les Cahiers de L' IHTP*, n.20: Sociabilités intellectuels: lieux, milieux, réseaux. Paris: IHPT-CNRS, mars 1992.

aproxima das escritas de si, contidas nos diários e autobiografias, diferentes dos textos que são elaborados com o objetivo de publicação, conferindo-lhes um contrato de autenticidade. Este tipo de fonte, relacionada à escrita de si, carrega consigo o tema da verdade como sinceridade, assumindo a subjetividade e construindo sobre ela a **sua** verdade, com intenções de revelar dimensões íntimas e profundas do indivíduo-autor. Nesse tipo de texto, a narrativa se faz introspectivamente, de forma que a subjetividade se assenta na sua autoridade, sua legitimidade como prova. Assim, “a autenticidade da escrita de si torna-se inseparável de sua sinceridade e de sua singularidade”.⁵³

Segundo Ângela Castro Gomes, este tipo de fonte, que traz a escrita de si como principal aspecto, pode dar ao pesquisador a ilusão de estar descobrindo o verdadeiro eu do sujeito-escritor das cartas com o sentimento de veracidade que lhe é constitutivo. O documento pode produzir um “excesso de sentido do real pelo vivido”.⁵⁴

Ao propiciarem um mapeamento de uma parte do universo naviano, as correspondências recebidas pelo autor nos fornecem muitos dados que possibilitam compor sua trajetória pessoal e intelectual. O objetivo central desse trabalho não é escrever uma biografia do memorialista Pedro Nava, porém, sabemos que o arquivo e as cartas nele presentes fazem parte da história de uma trajetória individual e intelectual e que através da escolha de um sujeito como objeto de pesquisa e da reconstrução de suas redes sociais mostraremos uma parte de sua trajetória de vida contada através das vozes de seus remetentes.

Importantes discussões da historiografia estão ligadas às questões de cunho biográfico, remetendo ao problema das relações entre o indivíduo e a história. Essas discussões também são relevantes para os estudos que têm como fonte principal a escrita de si, como a epistolografia. A escrita pessoal busca produzir uma narrativa que pretende traduzir a essência do sujeito da escrita através do efeito da sinceridade e da verdade.⁵⁵

⁵³ GOMES, Ângela de Castro (Org.). A título de prólogo. In: *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 15.

⁵⁴ GOMES, Ângela de Castro. “Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo”. In: Idem (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 15.

⁵⁵ Ibidem.

O texto do sociólogo Pierre Bourdieu, *A ilusão biográfica*⁵⁶, tornou-se referência nos estudos das ciências sociais e da história sobre biografia. Para este autor, o problema da biografia está em conceber o relato biográfico como a escrita de uma vida, de um conjunto de acontecimentos de uma existência individual. Este conjunto coerente e organizado de fatos é visto como guiado por um caminho unidirecional até o fim da estrada, o final da história. Assim, a trajetória aparece segundo uma ordem cronológica de fatos ocorridos de forma lógica desde um começo (o nascimento ou o momento que se inicia a “parte interessante” da história da vida do sujeito) até chegar ao final.

Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário.

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como um relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.⁵⁷

Os relatos das histórias de vida, geralmente, descrevem a vida como um caminho orientado por um começo, um meio e um fim. Tratam os acontecimentos como etapas de um desenvolvimento necessário, em que o autor, selecionando fatos significativos, estabelece conexões entre eles para dar coerência a uma determinada vida. Para

⁵⁶ BOURDIEU. A ilusão biográfica. In: AMADO, J. & FERREIRA, M.M.. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 185. Originalmente publicado com o título de L'illusion biographique. *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*. (62,63):69-72, juin 1986.

⁵⁷ BOURDIEU. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, J. & FERREIRA, M.M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 185. Originalmente publicado com o título de L'illusion biographique. *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*. (62,63): 69-72, juin 1986.

compreender uma trajetória de vida, Bourdieu propõe um desvio pela construção do espaço em que essa trajetória se passa, reconstruindo a rede de relações sociais do indivíduo, elaborando por fim uma avaliação da superfície social onde se encontra o sujeito e que determina suas relações objetivas. Propõe ainda o uso do conceito de *habitus*, uma identidade prática historicamente situada que permite a existência do indivíduo e sua ação em diferentes campos.

Porém, segundo Sabrina Loriga, nem sempre o modelo tradicional que segue um fio linear contando a história de vida de grandes homens é o modelo usado na construção de biografias e a noção de *habitus* pode deixar de lado as atividades subjetivas do indivíduo a ser biografado.⁵⁸ A biografia pode ser vista como um exercício capaz de juntar a história social e história individual em que o sujeito encontra uma pluralidade de caminhos a considerar e a escolher.⁵⁹

Muitos são os caminhos para se chegar à reconstrução parcial de uma trajetória de vida. Daí, a análise de Giovanni Levi apontar que um dos maiores problemas que o historiador pode encontrar na reconstituição biográfica é imaginar que os sujeitos históricos obedecem a uma racionalidade limitada, seguindo uma tradição biográfica estabelecida na disciplina de história, satisfazendo-se com os “modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas”.⁶⁰

Segundo esse historiador italiano, o estudo da biografia com seus questionamentos e técnicas características da literatura foram transmitidos à historiografia. E foi esta influência literária que fez com que os historiadores se deparassem com obstáculos documentais, como, por exemplo, os atos da vida cotidiana, o caráter fragmentário dos sujeitos e os momentos contraditórios de sua constituição.

Sobre o caráter fragmentário da identidade do sujeito a ser biografado, cabe ao historiador ter em mente que não é possível apreender o todo essencial do sujeito da descrição. E, ainda, de que

⁵⁸ LORIGA, Sabrina. “A biografia com problema”. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p.244-245.

⁵⁹ CLOT, Yves. La outra ilusion biografica. *História y Fuente Oral*, n.2 – Memória y Biografia. Barcelona, 1989, p. 36. APUD: GONTIJO, Rebecca. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador*. Niterói: UFF. (tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Social), 2006, p.113

⁶⁰ LEVI, G. “Usos da biografia”. 1989. In: AMADO, J & FERREIRA, M.M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.169.

forma poderá a sua narrativa histórica representar a descontinuidade de uma vida, de uma formação não linear. Não temos a intenção de escrever a história de vida de Pedro Nava, mas, ao escrever sobre suas relações epistolares, estaremos falando de uma parte dessa trajetória, a intelectual pelo menos.

Seguindo a proposta de Levi de investigar a relação entre indivíduo e grupo, buscando enfrentar a questão da constituição e durabilidade do grupo como algo dinâmico, considerando as margens para a liberdade do indivíduo, pretendemos reconstituir uma parte da trajetória do médico-memorialista Pedro Nava através de suas relações epistolares e sua inserção em determinados campos intelectuais.

As cartas são importantes pelo que transmitem culturalmente, e por isso merecem ser divulgadas, mas mesmo em nível pessoal há esse reconhecimento, quando as cartas são a efetivação da amizade, aceitar a publicação é expor essa amizade. Diante da distância pessoal a carta corresponde a uma grande aproximação⁶¹.

Na opinião de Dauphin, “vestígio de uma realidade complexa, a forma carta absorve uma infinita diversidade de práticas e de registros, que é importante esclarecer”⁶², expressando mais do que o texto nela escrito. A materialidade da carta

denota a condição de sua redação, a análise de sua trajetória e a identificação de seu(s) destinatário(s) – se individual, institucional ou familiar – permite a compreensão dos mecanismos de sua circulação e a sua presença num arquivo, isto é, o conhecimento dos gestos em prol de sua conservação, deixa entrever os critérios que definiram sua importância.⁶³

⁶¹ GUIMARÃES, Julio Castañón. *Distribuição de papéis*: Murilo Mendes escreve a Carlos Drummond de Andrade e a Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996. p. 9

⁶² DAUPHIN, Cécile. Pour une histoire de la correspondance familiale *Romantisme*, Paris, Albin Michel, 1995, p. 89-92. APUD: VENÂNCIO, Giselle Martins. *Na trama do arquivo*: a trajetória de Oliveira Vianna. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ (tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Social), 2003. p. 25.

⁶³ VENÂNCIO, Giselle Martins. *Na trama do arquivo*: a trajetória de Oliveira Vianna. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ (tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Social), 2003. p. 25-26.

Portanto, neste trabalho elaboramos uma forma de agrupar as cartas dentro de critérios de classificação da tipologia dos remetentes.

A seleção das correspondências tratadas nesta dissertação foi feita, primeiramente, a partir da seção *Correspondência Pessoal* contida no *Inventário do Arquivo de Pedro Nava*. Através da leitura dos resumos das cartas contidos na publicação do Inventário, selecionamos as que tratavam das Memórias de Nava ou de produções literárias, alcançando um total de 428 remetentes⁶⁴. Porém foi somente com a leitura de todas as cartas selecionadas que definimos finalmente qual seria o *corpus* que nos ajudaria a mapear as redes sociais e intelectuais de Pedro Nava, alcançando um total de 335 missivas, enviadas por 61 remetentes.

No arquivo verificamos a presença de muitas cartas de pessoas que mantinham contato pessoal com Pedro Nava, seja por presença física ou por conversas telefônicas e ainda assim enviavam cartas. É um bom exemplo da existência de uma cultura epistolar ainda presente nas décadas de 70 e 80 do século passado. Entre este tipo de remetentes estão os amigos do *Sabaloye*, reunião de *homens de letras* na casa de Plínio Doyle, aos sábados, da qual Pedro Nava era um ativo participante. Estas cartas, enviadas nos dias de semana, serão tratadas no primeiro capítulo dessa dissertação, que pretende expor e problematizar essas relações tecidas nas tardes de sábado e estendidas para os outros dias da semana.

O segundo capítulo da dissertação tratará de parte de uma rede de sociabilidade entre intelectuais mineiros, identificada através das epístolas enviadas e arquivadas por Pedro Nava. Neste capítulo, procuramos analisar os signos da mineiridade que unem o escritor a outros intelectuais, vistos como símbolos identitários comuns, estabelecendo uma identificação mútua que ajudou a impulsionar Nava como escritor. Não queremos afirmar, com isso, que Nava não foi merecedor do reconhecimento intelectual que teve em vida. Longe disso, pretendemos mostrar como essa rede de sociabilidade mineira contribuiu para o reconhecimento da sua obra memorialística num determinado campo intelectual.

Buscando fugir de outra forma de *ilusão biográfica*, a de pensar que os acontecimentos da vida são muito originais e singulares nas trajetórias individuais, usamos o conceito de geração em que as

⁶⁴ Convém lembrar que, a maioria dos remetentes enviou mais de uma carta, portanto, o número de cartas é bem maior que o número de remetentes.

experiências compartilhadas por sujeitos de uma mesma geração define muitos aspectos e fatos de suas vidas.⁶⁵

No terceiro capítulo analisamos as redes de sociabilidade entre Nava e outros escritores, jornalistas, artistas e acadêmicos que integraram uma elite intelectual, entre 1972 e 1984, localizada nos principais centros culturais do país, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

A correspondência passiva de Nava permite verificar que ele se relacionava com desenvoltura no meio intelectual, como mostram as cartas que recebeu de Instituições culturais, como a Associação Paulista de Críticos da Arte, a Câmara Brasileira do Livro e o Museu Histórico do Rio de Janeiro. As relações entre Nava e essas instituições culturais serão mapeadas através das epístolas institucionais, que propiciarão um fecho para a dissertação, sem nenhuma pretensão de totalidade, nem de finitude.

⁶⁵ Entrevista cedida por Roger Chartier a Isabel Lustosa. In: www.pphp.uol.com.br/tropico. Consultado em 02 de janeiro de 2009.

***Pedro Nava, reumatólogo
dos melhores entre os nossos:
nas suas mãos, o reumático
nunca vai para o Caju.
Mas quando escreve memórias,
como o Nava é diferente!- Mata tudo que é
parente, e, além disso, guarda os ossos no
fundo do seu baú.***

(Trecho de Atas-Poemas escrita por Henrique Resende em um dos encontros do Sabadoyle. Apud: SENNA, Homero. O Sabadoyle. Histórias de uma confraria literária. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000. p. 13-15).

Primeiro Capítulo

Cartas para os dias de semana

A correspondência privada dos intelectuais vem sendo tratada pelos historiadores como *lócus* fundamental de sociabilidade, principalmente nos estudos que se concentram no período anterior à explosão da comunicação virtual.

Desta forma a correspondência assegura uma aproximação das formas de estruturação do campo intelectual em um dado momento e lugar, permitindo que se investigue como funciona esse pequeno mundo e como se deve entender a própria noção de intelectual.⁶⁶

Segundo Bourdieu, o campo intelectual é uma “rede de posições intelectuais variadas que se definem pelas relações que têm entre si e pelo lugar que ocupam no campo como um todo, a autoridade ou poder simbólico dos agentes intelectuais sendo diferentes e competindo, por assim dizer, pela hegemonia”.⁶⁷ As posições intelectuais de um campo estão enraizadas na cultura da época e são perpetuadas pelas relações sociais e práticas tradicionais consagradas.

Desta forma, para entendermos um intelectual e as formas de continuidade e transgressão do mundo cultural que herdou, é importante a busca do campo intelectual a que o autor pertenceu.

Pedro Nava atuou como médico por mais de cinquenta anos de sua vida e, mesmo sem se envolver diretamente como escritor antes dos livros de memórias, esteve inserido em alguns círculos culturais através

⁶⁶ GOMES, A.C. “Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre”. In: GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FVG, 2004. p.53.

⁶⁷ BOURDIEU, Pierre. *The Field of Cultural Production*. Cambridge: Polity Press, 1993. Apud: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p.19.

de suas aproximações com o mundo das letras. Segundo Nava

Tudo começou quando Drummond fez cinquenta anos, e me pediram para escrever alguma coisa. E eu escrevi uma coisa chamada "Evocação da Rua da Bahia". E essa Evocação foi sendo transcrita em vários jornais, e caiu mais ou menos no conhecimento de todo mundo. Fernando Sabino e Otto Lara Resende, que gostaram muito, viviam me repetindo: "Você tem que escrever suas memórias, tem que contar aquelas histórias de Belo Horizonte..." E eu fiquei tentado em contar nossa vida estudantil de Belo Horizonte. Mas achei um contra-senso só contar isso. Então, resolvi começar do princípio.⁶⁸

Este relato do próprio memorialista mostra que antes mesmo da escrita das memórias o médico já mantinha relações com outros intelectuais, ao menos seus conterrâneos de Minas.

Nos estudos sobre círculos intelectuais é comum discussões acerca destas redes de sociabilidade e de suas especificidades, sua organização interna e suas formas de relações estabelecidas com a sociedade. Frequentemente se têm analisado a demarcação das especificidades que unem e delimitam estes círculos, assim como a articulação entre a organização e funcionamento interno do meio intelectual e os modos de atuação de seus agentes, especialmente no plano político. Segundo Michel Trebitsch, os lugares de sociabilidade são uma das condições fundamentais para o trabalho intelectual.⁶⁹

As redes secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento

⁶⁸ Relato de Nava. KAZ, Stela. Uma leitura sensorial de Pedro Nava . Estudo para concepção e montagem de exposição em homenagem ao centenário do escritor. In: www.casaruiabarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/kFCRB_StelaKaz_LeituraSensorial.pdf, p. 4.

⁶⁹ TREBITSCH, Michel. "Avant-propos: la chapelle, le clan et le microcosme" *Les cahiers de L'IHTP*. N. 20, mars 1992, p.15. Apud: GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: SOIHET, R., BICALHO, M. F. B., GOUVEA, M.F.S (Orgs.). *Culturas políticas*. Ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: MAUAD, 2005. p.260.

dos intelectuais envolvidos freqüentemente apresentam traços específicos. E assim entendida, a palavra sociabilidade reveste-se portando de uma dupla acepção, ao mesmo tempo redes que estruturam e microclima que caracteriza um microcosmo intelectual particular.⁷⁰

De acordo com Sirinelli, os intelectuais se organizam a partir de uma sensibilidade ideológica ou cultural que lhes é comum e das afinidades que fazem a convivência ser prazerosa. Estas reuniões de homens e mulheres em torno das suas afinidades são estruturas organizacionais que se modificam conforme as épocas e os subgrupos de intelectuais analisados pelo pesquisador. Essas redes, por sua vez, alimentam os microclimas, onde os intelectuais desenvolvem suas atividades. É necessário levar em consideração todos os elementos que possam influenciar no funcionamento dos microclimas, como por exemplo, a sociedade da época, a cultura, os afetos e desaletos políticos, a tradição, etc.

Sendo assim, as redes de sociabilidade formadas pelos encontros aos sábados na casa de Plínio Doyle, os Sabadoyles, serviram como espaços de convivência, definidos por uma proximidade de espaço e de tempo onde a troca e a fermentação de idéias são compartilhadas, fornecendo pressupostos político-ideológicos mais ou menos comuns. E, os *microclimas* serão tratados aqui como frutos das relações profissionais e pessoais estabelecidas entre as personagens de uma mesma rede, definindo a organicidade dos agentes participantes no interior de cada espaço de sociabilidade.

Essas *charlas sabatinas*⁷¹ iniciaram-se nas vésperas do Natal de 1964, quando Carlos Drummond passou a freqüentar a biblioteca do advogado e bibliófilo Plínio Doyle. Segundo o dono da casa:

Em fins de 1964, Carlos Drummond de Andrade iniciou uma série de visitas à minha residência, na Rua Barão de Jaguaripe, nº62, aos sábados, sempre às 15 horas, com a finalidade de consultar

⁷⁰ SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 252 e 253.

⁷¹ SENNA, Homero. *O Sabadoyle: história de uma confraria literária*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000. p.13.

livros ou revistas da minha coleção, por simples curiosidade ou na procura de elementos para suas crônicas. Chegava, informava o que queria e conversávamos até às 17 horas em ponto, e íamos a pé até a Rua Conselheiro Lafaiete, onde o poeta encontrava a esposa, D. Dolores, para irem a um cinema (...).⁷²

Com o intuito de conseguir um prefácio do poeta itabirano para as poesias de Rui Barbosa que a Casa de Rui pretendia publicar⁷³, Américo Jacobina Lacombe, então diretor da Casa, passou a freqüentar também a biblioteca de Plínio Doyle aos sábados, continuando mesmo após a resposta negativa de Drummond, pois, segundo o bibliófilo, o poeta disse que não podia escrever o prefácio, por ser uma edição oficial, ele não falaria que as poesias eram ruins, mas também não poderia elogiá-las: eram fracas. No ano seguinte, esteve no Brasil um representante da Academia de Estocolmo que viera sondar Carlos Drummond para o Prêmio Nobel e procurou primeiramente o editor José Olympio para interceder junto ao indicado. Juntou-se Plínio Doyle, Paulo Rónai e Antônio Houaiss num sábado à tarde para convencer o poeta ao menos a não escrever uma crônica recusando o convite, afinal, seria uma missão quase impossível fazê-lo aceitar a indicação ao prêmio. “O compromisso dele era apenas de ficar calado, sem nada dizer sobre o assunto; assumiu o compromisso de nada dizer, mas não aceitava concorrer ao prêmio, não queria ver seu nome indicado”.⁷⁴

Desta forma, o apartamento da Rua Barão do Jaguaripe, número 62, passou a ser, primeiramente, o lugar para se encontrar Carlos Drummond de Andrade, que não era muito afeito às aparições públicas⁷⁵. Plínio Doyle, em sua autobiografia intitulada *Uma Vida*,

⁷² DOYLE, Plínio. *Uma vida*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Casa Rui Barbosa, 1999. p. 107.

⁷³ As poesias foram publicadas em 1971, com o prefácio do presidente da instituição.

⁷⁴ DOYLE, Plínio. op. cit. p. 108.

⁷⁵ Pedro Nava na ata comemorativa do 80º aniversário do poeta Drummond, em 30 de outubro de 1982, escreve sobre o jeito arredio do amigo: “o jeito modesto, antivaído e contra toma-lugares que é uma das características de Carlos Drummond de Andrade é comentado com má vontade pelos que não entendem aquelas qualidades senão como orgulho e soberba. Estas palavras malevolentes e inverdadeiras, já tenho ouvido, mas sempre protestando contra elas. (...) Ele é apenas um homem que sabe defender duas coisas que são só dele e de que ninguém pode participar e dividir com ele. O seu tempo.

citou alguns nomes dos primeiros *sabadoylianos*:

Não sei qual foi o primeiro grupo que se formou ao lado de Drummond. Sei que Lacombe, Joaquim Inojosa, Peregrino Júnior (meu vizinho do 65), Aurélio Buarque de Holanda, Ciro dos Anjos, Luís Viana Filho, Afonso Arinos, Wilson Martins, Raul Bopp, Murilo Araújo (meu vizinho do 58), Mário da Silva Brito e mais alguns, cujos nomes me escapam, freqüentavam o Sabadoyle (ainda não tinha esse nome), na casa 62 da Rua Barão do Jaguaripe (...).⁷⁶

Essa espécie de Confraria Literária⁷⁷, que reunia escritores e amigos dos livros, passou a ter seus encontros registrados em atas a partir de 1972, sugestão do dono da casa, amante dos registros em papel e colecionador de manuscritos e autógrafos, que não perdeu a oportunidade de colher assinaturas e novidades literárias de diversos intelectuais. As Atas do Sabadoyle são obras de grande valor literário, feitas no calor da hora por diversos freqüentadores assíduos ou eventuais. Entre os que compuseram esses manuscritos estão: Alphonsus de Guimarães Filho, advogado-poeta mineiro, Henrique de Resende, o delicado poeta de Minas, que se assinava Enrique, e em outros tempos dirigira a revista *Verde*, de Cataguases e depois se tornou assíduo nos encontros, Gilberto Mendonça Teles, crítico literário goiano, Carlos Drummond, o iniciador das reuniões, Raul Bopp, o gaúcho autor de *Cobra Norato* e do termo Sabadoyle, Pedro Nava, o médico que surpreendeu como memorialista já em idade avançada, entre outros autores das mais de 1000 atas dos mais de 1500 encontros.⁷⁸

O seu direito à solidão”. SENNA, Homero. *O Sabadoyle: Histórias de uma confraria literária*. Reportagem de Homero Senna. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

⁷⁶ DOYLE, Plínio. *Uma vida*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Casa Rui Barbosa, 1999. p. 108.

⁷⁷ Expressão utilizada por Homero Senna em seu livro sobre os encontros na casa de Plínio Doyle. SENNA, Homero. *O Sabadoyle: Histórias de uma confraria literária*. Reportagem de Homero Senna. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

⁷⁸ Plínio Doyle forneceu os seguintes números: “ao escrever estas notas num domingo, 23 de junho de 1996, verifico que a ata de ontem teve o número 1.153, tendo sido a primeira, como já foi dito, a de 11 de novembro de 1972; como as reuniões do Sabadoyle tiveram início no Natal de 1964, entre uma data e outra houve 409 Sabadoyles sem ata, o que

Os freqüentadores do Sabadoyle, na sua maioria em idade propecta, já não atuavam plenamente na literatura ou na política, porém, é importante atentar para o capital cultural e social adquiridos por esses intelectuais ao longo de suas vida.

Pedro Nava, assíduo participante das *charlas sabatinas*, escreveu sua primeira ata em outubro de 1977, comemorou aniversários, recebeu homenagens através das atas escritas por amigos e as prestou, como na ata de 30 de outubro de 1982 dedicada ao amigo e aniversariante da ocasião que *foi senhor de seus caminhos*,⁷⁹ Carlos Drummond de Andrade.

Apesar dos encontros frequentes na casa do amante dos livros Plínio Doyle, encontramos no arquivo de Pedro Nava cartas remetidas por estes senhores ao médico-memorialista. A presença destas missivas mostra que a distância e a ausência não eram as únicas motivações para a efetivação do ato de escrever cartas⁸⁰, pois o tempo entre os encontros pessoais não era tão grande a ponto de requerer o envio de uma carta, levando em conta a morosidade dos serviços do correio.

Desta forma, acreditamos na existência de uma cultura epistolar que serviu para estender e reforçar os diálogos tidos ou antecipar partes dos que viriam a ter esses homens. Assim, podemos perceber que as cartas enviadas pelos freqüentadores do *Sabadoyle*, mostram a existência de uma cultura epistolar que se manteve apesar dos encontros pessoais e dos telefonemas trocados entre os missivistas.

Através do Inventário do Arquivo Pedro Nava e posteriormente, da leitura das correspondências contidas no próprio arquivo, selecionamos 13 remetentes frequentadores mais assíduos do Sabadoyle

significa, ao todo, 1.562 reuniões. Como a presença média era de 15 sabadoylianos por reunião, chegamos ao total de 23.430 comparecimentos”. DOYLE, Plínio. *Uma vida*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Casa Rui Barbosa, 1999. p.116.

⁷⁹ Ata escrita por Nava em 30 de outubro de 1982. Apud: SENNA, Homero. *O Sabadoyle*. Histórias de uma confraria literária. Reportagem de Homero Senna. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000. p. 154.

⁸⁰ Distância e ausência são, ainda hoje, motores para a efetivação do ato de escrever cartas, de se corresponder. Cartas movem-se na presença e ausência, ao mesmo tempo em que, à distância, mantêm vínculos. BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Crystina Venancio. Laços de papel. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Crystina Venancio (Org.) *Destinos das letras. História, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002. p.5.

que enviaram cartas ao médico-memorialista.

Os remetentes estão listados na tabela que consta nos anexos dessa dissertação. (Anexo 1)

Os frequentadores do *Sabadoye* não remetiam cartas com assiduidade, afinal a frequência dos encontros pessoais e os possíveis contatos pelo telefone bastavam para efetivar a amizade através da comunicação. Os remetentes mais assíduos são Drummond e Afonso Arinos, pois mantiveram a troca epistolar com Pedro Nava muito antes de existir a *Confraria Literária* na casa de Doyle, através da amizade iniciada na década de 1920 que se estendeu para outro tempo e lugar, o Rio de Janeiro das décadas de 1970 e 1980.

O primeiro remetente selecionado foi também o primeiro frequentador do *Sabadoye*, praticamente o inventor dos encontros. Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) que fora amigo de Nava desde a década de 1920, companheiro do *Café Estrela* e das vivências juvenis em Belo Horizonte, é um dos remetentes mais assíduos presentes no arquivo do médico-memorialista: 32 cartas que cobrem o período entre setembro de 1947 a novembro de 1983. Carlos, como costumava assinar as missivas, por conhecer os talentos literários de Nava o incentivava a escrever mais, muito antes das memórias. Em uma carta de 1947 o poeta clamou ao médico para que este fosse um escritor brasileiro, elogiando *Território de Epidauró* (lançado no ano em que a carta foi escrita). Na segunda carta guardada pelo destinatário, Drummond elogia a fala do médico:

Meu caro Nava: que beleza de discurso! E dizer que você, além de especialista insigne na medicina, se recusa a ser escritor público, dominando tão bem a expressão literária! abraço agradecido e amigo de seu velho Carlos.⁸¹

O poeta itabirano incentivou o futuro memorialista a escrever mais, acreditando no talento daquele que Mário de Andrade considerou o melhor dos jovens mineiros no momento que os conheceu:

Quanto à poesia dele [de Pedro Nava] não sei

⁸¹ Carta de Drummond a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 8 de março de 1965. PN 38/AMLB/FCRB.

ainda, porém me parece que será o mais batuta de vocês todos. Como poeta. Você tem elemento lírico mais sutil, mais intenso mesmo, é difícil de explicar assim de sopetão em carta e não estou pra fazer desde já artigo sobre vocês, quero esperar mais um pouco, porém você me parece mais perto do Manuel, Nava me parece mais perto do Guilherme (de Almeida) e de Ronald (de Carvalho).⁸²

As epístolas de Drummond para Nava, ao menos as que foram guardadas pelo destinatário, na sua maioria, são posteriores a publicação de *Baú de Ossos*, momento em que os dois passaram a ter mais tempo de convívio em locais de sociabilidade intelectual frequentados por sua geração, como, por exemplo, o *Sabadoyle*. Nava aposentou-se em 1968 do exercício médico, dedicando-se totalmente à escrita das memórias e ao convívio, ainda que pouco, com os amigos e colegas amantes das letras.

Desta forma, 28 das 32 cartas datam do período posterior a 1972, e trouxeram até Nava recortes de jornais sobre sua obra; recados da filha de Drummond; Maria Julieta que recebera o memorialista e sua esposa em Buenos Aires, em 1980; agradecimento por livros emprestados e sugestões de mudanças para os livros de memórias. Carlos Drummond era considerado pelos amigos um sujeito avesso às muitas palavras e aparições, mesmo com os mais íntimos. E não é diferente com o amigo Pedro Nava: as cartas na sua maioria são bilhetes, com poucas palavras, porém muito afetuosas usando como tratamento inicial *Nava querido*, se remetendo algumas vezes também a Nieta Nava.

Cyro dos Anjos (1906-1994) tem três cartas de sua autoria presentes no arquivo de Nava, entre 1969 e 1974. Cyro, como costumava assinar, enviou uma cartinha antes da publicação de *Baú de Ossos*, em 1969, agradecendo os cumprimentos por sua entrada na

⁸² Mário de Andrade, em carta a Carlos Drummond em 1925 falando sobre os mineiros. Cartas IV, José, n.8, Rio de Janeiro, maio de 1977, p.41. Apud: ANDRADE, Mário de. *Correspondente Contumaz*: cartas a Pedro Nava, 1925-1944. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 45.

Academia Brasileira de Letras⁸³, mostrando que Nava já frequentava, antes da publicação de *Baú do Ossos* (1972) ao menos através de correspondências-rede o mesmo círculo intelectual do remetente. As duas outras cartas foram enviadas por Cyro dos Anjos de Brasília, ambas datadas de 1974 e timbradas com o cargo de Conselheiro do Tribunal de Contas do Distrito Federal. Uma das cartas é um agradecimento pelo envio de *Balão Cativo*, identificando-se com a obra:

Lí-o com enormíssimo interesse e, na parte de Belo Horizonte, com a emoção de quem ali viveu em quadra um pouco posterior, mas ainda respirou a mesma atmosfera captada pelo menino que se esgueirava entre os grandes e ouvia tudo, guardava tudo.⁸⁴

As cartas enviadas nos dias de semana muitas vezes completavam as conversas iniciadas durante as *Charlas Sabatinas*. O recurso da carta, além de fazer parte de uma cultura da escrita epistolar, serviu como complemento das relações estabelecidas nos *lôcus* de sociabilidade intelectual.

Cyro dos Anjos, mesmo morando em Brasília, frequentava o Sabadoyle em suas passagens pelo Rio de Janeiro. Em carta de 2 de setembro de 1974, o remetente completou através da epístola a conversa iniciada em uma das reuniões: *Fiquei de lhe mandar os dados editoriais da publicação sobre que conversamos no escritório do Plínio. Ei-los (...).*

Raul Bopp (1898-1984), o gaúcho autor do termo *Sabadoyle* remeteu duas epístolas ao caro amigo Nava⁸⁵, elogiando, na primeira, *Baú do Ossos* e na segunda, *Balão Cativo*. O signatário das cartas não cita o nome dos livros que elogia, somente:

⁸³ Cyro dos Anjos (C. Versiani dos A.), jornalista, professor, cronista, romancista, ensaísta e memorialista, nasceu em Montes Claros, MG, em 5 de outubro de 1906, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 4 de agosto de 1994. Eleito em 10 de abril de 1969 para a Cadeira n. 24, na sucessão de Manuel Bandeira, foi recebido em 21 de outubro de 1969, pelo acadêmico Aurélio Buarque de Holanda. <http://www.academia.org.br/>

⁸⁴ Carta de Cyro dos Anjos a Pedro Nava. Brasília, 05 de fevereiro de 1974. PN48/AMLB/FCRB.

⁸⁵ Tratamento usado pelo remetente.

*Seu livro caro Nava um encantamento
Estou adorando o seu livro*⁸⁶

Porém, através da datação das missivas podemos concluir que se trata dos dois primeiros livros de Pedro Nava, pois a primeira é de janeiro de 1974 (período que apenas *Bau de Ossos* havia sido lançado) e a segunda de dezembro do mesmo ano, quando já tinha sido lançado *Balão Cativo*, o segundo dos seis livros de memórias.

A primeira correspondência remetida por Raul Bopp foi um telegrama que naquele tempo era uma forma rápida, no recebimento de informações e a quantidade de palavras, e eficiente de manter ativa uma rede de sociabilidade.

O poeta e crítico literário Mário da Silva Brito, que definiu as reuniões na casa de Doyle como o *pão nosso de cada sábado, amassado com o trigo limpo, claro, puro, da amizade*,⁸⁷ assinou 2 missivas que foram guardadas por Pedro Nava, a primeira no ano de 1977 e a segunda em 1978, ambas enviadas do Rio de Janeiro. O tratamento inicial da primeira carta dado pelo remetente é *Mestre Nava* e após poucas palavras que acompanharam uma fita cassete com sonatas de violino, as despedidas foram feitas pelo “seu constante admirador”. As reuniões na casa de Doyle eram frequentemente citadas nas missivas trocadas entre os sabadoylianos, servindo também como uma extensão dos laços de amizade iniciados ou continuados nas reuniões de sábado. A segunda epístola enviada pelo autor de “Cartola de Mágico”⁸⁸ trouxe anexada a Ata do Sabadoyle de 5 de junho de 1976, redigida pelo remetente em homenagem ao aniversário de Pedro Nava. Pelas datas da carta e da Ata, vemos que se passou pelo menos dois anos entre a redação das duas.

Plínio Doyle (1906-2000) não causou surpresa ao constar na lista de remetentes de Nava. Porém, o número de missivas assinadas pelo advogado e amigo dos livros e dos escritores, decepciona os que esperam encontrar uma série de cartas remetidas por ele: há somente um bilhete, sem data nem local. Certamente, existem muitas razões para a

⁸⁶ Telegrama de 9 de janeiro de 1974 e carta de 25 de dezembro de 1974. PN128/AMLB/FCRB.

⁸⁷ ATAS-POEMAS. Rio de Janeiro, 1974. p. 30. Apud: SENNA, Homero. *O Sabadoyle: Histórias de uma confraria literária*. Reportagem de Homero Senna. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

⁸⁸ BRITO, Mário da Silva. *Cartola de Mágico*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1976.

escassez de epístolas assinadas por Plínio, mas como destinatário e remetente não podem mais esclarecer tais razões, cabe-nos tentar recompor o tecido devorado pelo tempo, tentando preenchê-lo com possibilidades. A primeira explicação possível seria a convivência assídua entre Nava e Doyle, não apenas através das reuniões de sábado, nas quais o médico-memorialista era uma presença constante, como também nos contatos estabelecidos através das doações feitas por Nava ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, fundado por Plínio e Drummond em 1972 que usaram seus contatos intelectuais para enriquecer o acervo com diversos materiais pertencentes a escritores brasileiros. Doyle foi diretor do Arquivo entre 1972 e 1990, organizando uma exposição sobre Pedro Nava em 1983 e recebendo doações do autor. Outra possibilidade seria o extravio de algumas missivas, porém esta parece mais remota se compararmos com a grande quantidade de documentos presentes no arquivo.

Mas como apontam os estudos, os epistolários são sempre lacunares, e, esta falta de documentos seriais é uma constante nos acervos de intelectuais. Não podemos limitar o mapeamento das redes de sociabilidade somente a esse tipo de fonte histórica. A amizade entre Nava e Doyle é evidenciada através dos relatos de terceiros e deles próprios. Em sua autobiografia, o bibliófilo citou diversas vezes o nome do memorialista amigo em todos os dias da semana, não apenas nos sábados de sua vida.

O bilhete de Doyle, guardado por Nava, serviu apenas para acompanhar uma capa de catálogo telefônico, em que aparece a foto que inspirou Drummond a escrever o poema *Triste Horizonte*, em 1976, que remete a Belo Horizonte da década de 1920 *mariodeandradamente celebrada*. O bilhete não traz data e como estamos no terreno das possibilidades, acrescidas de evidências históricas, a Ata de 14 de agosto de 1976 pode nos dar pistas: Péricles Madureira, autor da Ata, festeja através dela a publicação no Jornal do Brasil daquela manhã do poema *Triste Horizonte*. Será que o bilhete foi enviado ainda no calor da hora da publicação do poema?

Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990) foi amigo por toda a vida de Pedro Nava e foi quem lhe apresentou a esposa Nieta. Nascido em Belo Horizonte, o advogado e jurista, vinha de uma tradicional família de políticos mineiros e envolveu-se na vida política nacional, foi professor de história e memorialista, ocupando em 1958 a cadeira de

número 25 da Academia Brasileira de Letras⁸⁹. Afonso Arinos freqüentava regularmente as *charlas Sabatinas* e até 1974 havia redigido quatro Atas-poemas. Em várias Atas seu nome foi citado, em prosa e poesia, comemorando o lançamento de seus livros, os prêmios recebidos ou simplesmente apontando sua presença.

No arquivo de Nava estão 10 cartas enviadas pelo amigo Afonso Arinos, entre 1959 e 1981. No discurso de homenagem a Pedro Nava por ocasião de seu 80º aniversário, em 1983, Afonso Arinos mencionou a troca epistolar entre eles, muito tempo antes das memórias:

Nossa amizade fraterna consolidou-se para o resto da vida. Quando Nava deixou o Colégio, um ano antes de mim, passamos a trocar cartas copiosas, que imitavam Eça de Queirós. Rodrigo, meu primo, leu algumas e indagou de mim no seu jeito seco e sarcástico: trata-se de poeta ou de prosador? Ele seria uma e outra coisa, e mais cientista e pintor e amigo, o homem que vive e recolhe nos seus livros as águas da vida, as que caem do céu e as que rolam nas sarjetas, águas claras, lodosas, serenas ou revoltadas. Desde cedo Nava se anunciou, antes de produzir, na amizade de Mario de Andrade, de Drummond, na esperança dos amigos. Entre estes estava eu, que não esperava, mas sabia que era questão de tempo.⁹⁰

As missivas trocadas durante a adolescência entre os dois e citadas no discurso de Arinos não se encontram no arquivo de Nava. Certamente as cartas que foram conservadas não são todas as que Nava recebeu durante sua vida, portanto, como já afirmado, elas podem nos ajudar a mapear apenas uma parte da rede de sociabilidade do médico-memorialista. As epístolas com datas posteriores a 1972 (ano da publicação do primeiro livro de memórias) tratando das obras navianas são maioria no arquivo. As cartas anteriores a este ano são, em grande

⁸⁹ Mais informações sobre os ocupantes das cadeiras acadêmicas no site: www.academia.org.br

⁹⁰ Discurso de homenagem a Pedro Nava na ocasião de seus 80 anos, escrito por Afonso Arinos de Melo Franco. Apud: SENNA, Homero. *Op. cit.* p.166.

parte, de colegas ou instituições médicas ou de amigos de Minas Gerais, como é o caso de Arinos.

Os jovens moços do *Café Estrela*, através da amizade estendida pelos anos, continuaram suas discussões no Sabadoye, talvez um pouco menos *desatinados*⁹¹, mas certamente com ainda mais histórias para contar. Há uma ata escrita pelo próprio Nava em julho de 1982 mostrando como as lembranças da juventude fizeram parte das conversas dos mineiros nos encontros aos sábados.

Apesar de jamais ter assistido, nas reuniões do Sabadoye, qualquer resposta em ata a atas anteriores, a última, assinada pelo nosso caro amigo Joaquim Inojosa, pede certos reparos e o resumo feito por mim de cena passada em Belo Horizonte no início dos anos vinte e de que sou a única testemunha viva. Isto me obriga a um depoimento de absoluta verdade cujo penhor é o respeito que tenho pelos amigos mortos e participantes, como eu, dos fatos aludidos. (Passa a contar o caso de uma baderna que fizeram os moços no Cemitério do Bonfim na capital mineira.⁹²

Afonso Arinos, conforme mostram os locais de onde foram remetidas as cartas, não usava o recurso da correspondência nos momentos em que estava no Rio de Janeiro: todas foram remetidas de outras cidades, senão outros países. As cartas trouxeram notícias das viagens, informações familiares, elogios e comentários sobre os livros de Nava acusando o recebimento dos mesmos, com um tratamento carinhoso e íntimo, estendido aos familiares de ambos.

Outro freqüentador do *Sabadoye* e remetente de Pedro Nava, ainda que casual, foi o poeta mineiro Alphonsus Guimaraens Filho (1918-2008), o redator da primeira Ata-poema.

A Nava ele remeteu apenas uma carta, agradecendo pelo envio de dois poemas escritos por seu pai e comentando sobre um erro

⁹¹ WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada*. Jornalistas e escritores em Minas Gerais. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

⁹² SENA, Homero. *O Sabadoye*: histórias de uma confraria literária. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000. p. 146.

tipográfico em um deles. A carta é de 1977, remetida do Rio de Janeiro e tem apenas uma folha. Não sabemos se existiram mais cartas do poeta para o memorialista, mas nas Atas estão citados por várias vezes os nomes dos dois, presentes num mesmo sábado em que provavelmente ampliaram o diálogo que as epístolas não registraram.

O carioca Antônio Houaiss (1915-1999), já citado no curioso caso de tentativa de convencer Drummond a aceitar o Nobel, foi um dos primeiros sabadoylianos. Estudioso da língua portuguesa e lexicógrafo foi recebido em 1971 pelo amigo Afonso Arinos de Melo Franco para ocupar a Cadeira de número 17 da Academia Brasileira de Letras, tornando-se em 1996 presidente da instituição.

No arquivo de Pedro Nava encontram-se 4 cartas enviadas pelo autor do tão importante dicionário Houaiss. A primeira é de agosto de 1974 e se refere ao “querido Nava”, trazendo informações sobre termos da língua portuguesa, ao que parece, respondendo ao destinatário suas dúvidas. Após três páginas de explicações gramaticais, o remetente pergunta: “Basta?” E despede-se amorosamente com “Seu, do coração certo sempre Antonio Houaiss”.

A segunda carta é de novembro de 1976 e remete a um encontro entre destinatário e remetente na casa de Afonso Arinos. A epístola estendeu a conversa e consumou uma promessa de envio do poema *Lendo Pedro Nava*, de Nei Leandro de Castro. A leitura de um conjunto de epístolas enviadas por diferentes remetentes a um só destinatário, permite perceber a forma como as redes de sociabilidade funcionam e se mantêm através da troca de produções textuais e dos relatos de convivência em outros locais que esses intelectuais frequentaram, como a casa de Arinos, citada por Houaiss.

A carta de abril de 1981 contém divagações sobre o termo Galodas-trevas (título do terceiro livro de memórias de Pedro Nava) e ao final uma promessa de envio do resultado de um exame de ácido úrico, aproveitando as vantagens da amizade com um médico. Este tipo de referência ao Nava como médico era comum nas cartas dos amigos, que aproveitavam a experiência do remetente e a intimidade de que desfrutavam para uma consulta médica via correio. Segundo Paulo Penido, poucos amigos procuravam Nava no consultório, pois sua especialização a partir de 1948 foi a reumatologia. Há um episódio narrado pelo sobrinho, que trabalhou com Nava de 1961 a 1967, que mostra como antes mesmo de ser um memorialista, foi um médico

amigo de intelectuais:

Até o Nava morreu de rir, porque o Fernando (Sabino) era um atleta e chegou lá, dizendo que estava com uma dor no ombro. O Nava perguntou como a dor aparecia e então o Fernando deu uma cambalhota e começou a andar assim de cabeça para baixo, com as mãos no chão. E disse: Pois é, quando eu faço isso me dá uma dor no ombro... O Nava olhou para mim, piscou o olho e disse: Ah, é? Vou receitar um remédio e tudo vai passar. Quando o Fernando saiu me disse: É que o Fernando de vez em quando fica com saudade, marca uma consulta, inventa uma doença e vem até aqui bater um papo. Doutra feita, o Fernando Sabino foi atropelado de verdade e correu lá para o Nava, que então lhe disse em tom de blague: Pela primeira vez você me aparece aqui com uma coisa que eu posso tratar.⁹³

Em todas as missivas, Antonio Hoauiss iniciou o tratamento com *Meu querido Nava* e terminou com afetuosas despedidas, mandando abraços e beijos para a esposa do destinatário. Os protocolos epistolares usados nas cartas oscilam conforme a modalidade da epístola e a condição de quem a escreve, repercutindo na linguagem e na organização do discurso presente no papel.⁹⁴ Os tratamentos iniciais e finais usados pelos amigos sabadoylianos mostram uma intimidade conquistada e projetam a relação existente entre o escritor e o receptor da carta.

O modernista pernambucano Joaquim Inojosa foi também, um frequentador assíduo da Confraria Literária da Casa de Plínio Doyle, onde escreveu e foi citado em várias Atas, que hoje são fontes para o estudo da vida literária no Rio de Janeiro, no período por elas compreendido. Muito do que se produziu e aconteceu em literatura foi

⁹³ NAVA, Pedro. *O bicho urucutum*. Seleção de textos de Paulo Penido. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998. p.31.

⁹⁴ GÓMEZ, Antonio Castillo. “Como o polvo e o camaleão se transformam: modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna”. In: BASTOS, Maria Helena Câmara, CUNHA, Maria Teresa Santos e MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Orgs.). *Destinos das letras: História, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 40.

registrado nelas: lançamentos de livros, novas obras, recebimento de prêmios, posses nas Academias de Letras, além do cotidiano das reuniões de sábado à tarde.

Para Pedro Nava, Inojosa enviou ao menos 3 cartões, todos do Rio de Janeiro entre 1974 e 1979, desejando melhoras de saúde, enviando recorte de jornal sobre o livro *Beira-mar* (quarto livro de Memórias) tratando o amigo como *Mestre*. Os cartões são curtos, sem muitas palavras, mas escritos de maneira afetuosa.

O advogado e historiador Américo Jacobina Lacombe (1909-1993) foi amigo de Doyle desde os tempos da faculdade. Foi um intelectual envolvido com as instituições culturais, foi eleito em 1974 para a Academia Brasileira de Letras, presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, membro da Academia Portuguesa de História e do Instituto de Coimbra e foi diretor da Casa de Rui Barbosa por cerca de 50 anos.⁹⁵

Há apenas uma carta de Lacombe para Nava no acervo do memorialista, escrita em janeiro de 1974 contendo agradecimento do remetente pelo envio do livro *Balão Cativo*, informando que a leitura ia muito bem.

O paulista Cândido Motta Filho (1897-1977) que foi eleito para ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras em abril de 1960, foi um jornalista envolvido com a política e lecionou diversas disciplinas em diferentes locais. Péricles Madureira de Pinho assim descreveu Cândido Motta Filho na Ata de 5 de fevereiro de 1977, lembrando a morte do amigo:

As nossas atas registram a vida. Não podem ser todas alegres. Hoje sepultou-se Cândido Mota Filho, um dos grandes das letras, e também das letras jurídicas. Aqui estive, aqui deixou amigos – todos seus admiradores. Jornalista, crítico literário, professor de Direito, memorialista, figurou na juventude em grandes movimentos de renovação. E a pessoa humana era toda bondade. Mereceu a admiração de todos os brasileiros. Terá, com certeza, a saudade dos amigos.⁹⁶

⁹⁵ DOYLE, Plínio. *Uma vida*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Casa Rui Barbosa, 1999. p. 56.

⁹⁶ SENA, Homero. *O Sabadoyle*: histórias de uma confraria literária. Rio de Janeiro: Casa

Mota Filho foi também um dos frequentadores do Sabadoyle e enviou ao menos uma carta a Pedro Nava, em fevereiro de 1973. A epístola serviu como um elogio escrito a *Baú de Ossos* registrando as impressões do amigo sobre o livro de Nava: “Nunca vi um Baú de Ossos com carne tão abundante e delicioso!” Uma carta que serviu para reforçar o grupo das críticas favoráveis registradas em papel às memórias de Nava.

Gilberto Mendonça Teles o jovem frequentador da casa de Doyle nos sábados à tarde, enviou dois cartões a Pedro Nava, ambos em 1983, primeiramente uma cópia de dedicatória em verso em “A retórica do silêncio”, com modificação para futura publicação, e no segundo cartão uma cópia do poema “Sou um labirinto de ossos”, de autoria de Rosalvo Júnior. Os dois cartões trazem impressos o nome do remetente, num papel próprio para a escrita de cartas ou bilhetes, o que reforça a idéia da existência de uma cultura epistolar fortemente praticada entre os intelectuais desta época.

As cartas dos sabadoylianos para Nava, com exceção das de Drummond e Arinos, não formam um conjunto numeroso de documentos, servindo mais como correspondências-rede do que como um *locus* de discussão intelectual.

Nem todos os amigos do Sabadoyle escreveram ao memorialista. Peregrino Júnior, que frequentava a casa de Plínio nos sábados à tarde, trocou missivas com Nava somente no período anterior às reuniões, tratando de um assunto que lhes era comum: a medicina. Outros sabadoylianos assíduos ou eventuais como Homero Senna, Maximiano de Carvalho e Silva, Raul Lima, Luís Severo da Costa, etc, não constam como signatários de Nava no arquivo. Desta forma, como já afirmamos acima, as cartas não podem sozinhas mapear toda a rede de sociabilidade de um sujeito. A comunicação e a convivência entre os intelectuais também se dá em outras esferas do convívio e em outros *locus* sociais.

Como podemos ver essas cartas enviadas nos dias de semana foram mais interessantes por sua função do que pelo seu conteúdo, pois serviram mais para fortalecer e manter as sociabilidades do que como suportes para discussões e fomentações de novas idéias. São na maioria

epístolas curtas que trazem elogios e palavras agradáveis.

E os meninos encontram-se em outro tempo e lugar...

A casa de Plínio Doyle tornou-se um local de sociabilidade intelectual e mais ainda da convivência amigável de uma geração quando as flores das idades já não tinham mais o viço juvenil.

As cartas enviadas pelos sabadoylianos a Nava tratam na maioria das vezes de assuntos rápidos, sem muitas discussões, nem muitas páginas. São cartas de homens em idade de compartilhar mais do que de discutir, que se consagraram intelectualmente e não precisavam das vaidades juvenis, desfrutando da experiência que só a maturidade traz. Em uma entrevista dada em março de 1984⁹⁷, Nava falou da velhice como um tempo em que não se precisa mais dar tanta atenção às críticas: “Na velhice, como já me disse Carlos Drummond de Andrade, numa conversa que tivemos sobre as reações ao uso do palavrão na literatura, podemos dar bananas para a periferia”. Também na ata que escreveu em outubro de 1982, Nava falou da velhice como uma fase solitária, porém libertadora: “Precisamos nos preparar maduramente para que ela, (a solidão) na velhice, nos seja – não inimiga, mas a amiga e o bálsamo, não o castigo, mas a exaltação e a liberdade”.⁹⁸

Pedro Nava, ao falar dos motivos que o levaram a escrever suas memórias já em idade avançada, mostrou-se, como apontou Davi Arrigucci Jr.:

consciente da cota de narcisismo inevitável em todo livro de memórias, mas se esquivava, procurando se apagar no pudor mineiro de falar de si mesmo, como quem tivesse buscado antes o testemunho que a autobiografia pura e simples, preferindo a situação de espectador de seu tempo. Entrava, porém, a falar da vida encurtada na velhice, da nostalgia da plenitude vital, que seria preciso reviver pelo discurso da memória, sugerindo um certo desespero da finitude e uma necessidade premente de combater a morte a todo

⁹⁷ Veja, 28 de março de 1984. p. 8. Seção Entrevista.

⁹⁸ Ata de 30 de outubro de 1982. SENNA, Homero. p. 154.

custo, encontrando razões novas para prosseguir vivendo e não acabar como velho suicida.⁹⁹

Essas cartas dos sabadoylianos são de homens que se identificavam no gosto pela literatura e pelas artes, nas vivências de uma geração e que mesmo sem concordar em tudo, se elegeram nas afinidades. Um repórter perguntou a Nava, quando se descobre a velhice, e ele respondeu: “na comparação com os outros, os amigos de geração. A gente olha o amigo e pensa em como ele está acabado. Fulano está um caco, dizemos. Quando pronunciamos essa frase a respeito de um amigo, não há dúvida: a velhice chegou também para nós”.¹⁰⁰

Lembranças à família

As correspondências revelam, além das afinidades com o mundo da escrita, amizades que partem da esfera intelectual e penetram na privada, com referências familiares de ambos, remetente e destinatário. Um exemplo disso são os abraços e lembranças estendidas a Dona Nieta Nava pelos remetentes do marido. O amigo de Nava, Abgar Renault no final de cinco das sete cartas enviadas por ele ao memorialista, mandou lembranças a D. Nieta e em duas inclui sua esposa Ignez nas despedidas. Amigos de longa data como Drummond, Afonso Arinos de Melo Franco e Juscelino Kubistchek pela liberdade concedida através da aproximação que os anos permitem, estendiam as lembranças a outros membros da família, certamente por conhecê-los pessoalmente também:

Por tudo de bom e de belo que você os dá, o abraço afetuoso de Dolores, de Maria Julieta e do seu velho Carlos.

Beijos para Nieta, também de Bia e Sílvia (filhas de Arinos de Melo Franco)

Queridos amigos D. Nieta e Nava.¹⁰¹

⁹⁹ ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. “Móbil da memória”. In: Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.68.

¹⁰⁰ Ibidem.

¹⁰¹ Carta de Drummond, Rio de Janeiro, 5 de junho de 1978. PN 038/AMLB/FCRB.

Os intelectuais que não foram amigos de Pedro Nava na juventude também estenderam seus abraços a família¹⁰², como Antonio Houaiss, que em duas das quatro epístolas mandou beijos para D. Nieta. Ou ainda o poeta potiguar Luís Carlos Guimarães que apesar de manter relações apenas epistolares com o memorialista, em três das cinco cartas enviadas mandou recomendações à esposa de Nava.

As cartas trazem em seus diálogos referências a outros locais de encontro e sociabilidade que estes homens e mulheres freqüentavam, suas visitas pessoais que transferiam a amizade formal, dos círculos sociais e intelectuais para uma amizade afetiva, envolvendo os familiares e o espaço privado da casa.

Carta de Afonso Arinos de Mello Franco, Washington, 13 de fevereiro de 1973. PN 385/AMLB/FCRB.

Carta de Juscelino Kubtschek, 23 de março de 1976. PN 485 /AMLB/FCRB.

¹⁰² Nava não teve filhos, então o núcleo de sua família limitou-se a ele e a Nieta.

Se eu fosse historiador, tudo se resolveria. Se ficcionista, também. A questão é que o memorialista é forma anfíbia dos dois e ora tem de palmilhar as securas desérticas da verdade, ora nadar nas possibilidades oceânicas de sua interpretação.

(Pedro Nava – Chão de Ferro – Memórias 3)

Segundo Capítulo

Amizade à mineira: cartas de conterrâneos

No afã de escrever suas memórias, Pedro Nava foi desentranhar no passado e na terra natal um rico filão de sua história de vida, reanimando

[...] com a seiva viva da memória a grande árvore familiar enterrada no tempo, com todo o emaranhado de suas raízes que a prendiam a um contexto histórico-social concreto e ainda mais fundo. E para tal, trouxe muitas informações sobre a história do país, buscando conhecer-se como se fosse obrigado a encarar a história da nação para reconhecer seu próprio retrato e poder situar-se em face do mundo.¹⁰³

Para José Maria Cançado, ao ler a obra de Nava é impossível não sentir a força enlaçada na experiência brasileira de diferentes temporalidades através de uma escrita conectada à história social e cultural do país.¹⁰⁴

Nas memórias de Pedro Nava há uma raiz primeira que vem da tradição da conversa mineira, que ele praticou por toda a vida e de onde colheu grande parte do material da memória familiar, reunindo, depois, uma grande quantidade de documentação, o que faz lembrar o trabalho dos historiadores modernos.

Suas histórias sobre Minas Gerais tocaram a memória e a emoção dos que viveram momentos diferentes num mesmo território cultural e geográfico. Ao tentar recriar o passado, seja pela reconstrução documentada da memória voluntária ou pela involuntária, o memorialista tem de lidar com o que falta, “tanto na reconstituição irrealizável de um todo único, quanto no fragmento imantado pelo conteúdo da experiência, que dá vida ao símbolo, mas não pode evitar

¹⁰³ ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. “O móbile da memória”. In: _____. *Enigma e comentário*. Ensaio sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.76.

¹⁰⁴ CANÇADO, José Maria. *Memórias videntes do Brasil: a obra de Pedro Nava*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

que seja apenas uma semelhança fugidia de uma totalidade perdida”.¹⁰⁵

Em *Beira-mar*, seu quarto livro de memórias, Nava escreveu sobre a fase estudantil vivida em Belo Horizonte que marcou seu círculo de amizades por toda a vida.

Eu disse atrás de minha frequência ao escritório de Aníbal Machado. Descrevi depois o estreitamente de minha camaradagem com o Romeu de Avelar e minhas idas a sua casa. Lidos, são acontecimentos que parecem de fases sucedentes. Nada disto. Eram simultâneos. [...] Mas há ainda um aspecto importantíssimo na minha vida, também coevo das idas ao Aníbal e ao Lula. Foi a simpatia e logo a amizade que começaram a me unir a Carlos Drummond de Andrade. Subseguindo nossa confraternização na noitada que descrevi, encontrava-o frequentemente na calçada do Odeon esperando a segunda sessão, íamos a ela, depois ficávamos à espera dos jornais na esquina da casa do Seu Arthur Haas, dali subíamos ao Estrela, do Estrela saíamos a vaguear pelas ruas de uma Belo Horizonte deserta de homens mas cheia de sombras e cheiros vegetais e finalmente escalávamos todos os infinitos – inclusive o de cada um de nós. Só ele e eu? Não. Era enorme o grupo a que o Carlos me apresentou. Era composto do próprio poeta, de dois moços da casa da Madame – Francisco Martins de Almeida e Hamilton de Paula e mais Abgar Renault, João Guimarães Alves, Heitor Augusto de Sousa, João Pinheiro Filho, dos irmãos Alberto e Mário Álvares da Silva Campos, de Emílio Moura, Mário Casassanta, Gustavo Capanema, Gabriel Rezende Passos, João Alphonsus de Guimaraens e Milton Campos. O tempo traria ainda para nossa convivência Dario Magalhães, Guilhermino César, Ciro do Anjos, Luís Camilo e Ascânio Lopes. Escrevendo o nome desses amigos de mocidade e vendo o que eles foram depois – não posso deixar

¹⁰⁵ ARRIGUCCI JÚNIOR, *op. cit.*, p.87.

de dizer do orgulho de ter pertencido a grupo tão ilustre. Dele sairia, já nos anos vinte, a contribuição mais importante de Minas para o Movimento Modernista. Tínhamos o hábito de nos reunir na Livraria Alves e principalmente no Café e Confeitaria Estrela. Daí, além do pejorativo futuristas que nos davam os infensos, a designação de Grupo do Estrela – como nos chamavam os indiferentes. Mas tudo isto é uma longa história...¹⁰⁶

A partir dessa citação de Nava, procuramos localizar no arquivo cartas remetidas por esses amigos de longa data, atentando para existência de uma rede de sociabilidade intelectual e de amizade pautada na idéia de pertencimento a um mesmo espaço ou tempo, tratando de uma outra face da rede de sociabilidade intelectual de Pedro Nava, tecida essencialmente por dois fios essenciais: o de geração e o de conterraneidade.

A hipótese desse capítulo aponta para a década de 1920 como um período crucial na formação de uma rede de sociabilidade tecida pelas relações de amizade que manteve ao longo da vida, o que ajudou na consagração de Nava como escritor na década de 1970. Também, convém ressaltar que, ao se debruçar sobre os signos da mineiridade em suas memórias, Nava chamou à atenção de toda uma geração que se identificou com sua narrativa compartilhando sentimentos de pertencimento e de identificação.

Os rapazes desatinados

Belo Horizonte nos idos de 1920, assim como outras cidades, passou pela rápida modernização em algumas áreas, sem deixar de conviver com as tradições e emblemas da República Velha. Estas mudanças culturais podem ser vistas nos escritos dos rapazes *desatinados* modernistas, que misturavam suas experiências provincianas da infância com as novas idéias modernizadoras que vinham de outras capitais juntamente com seus desvarios juvenis. A

¹⁰⁶ NAVA, Pedro. *Beira-mar. Memórias 4*. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003. p.100-101.

cidade foi povoada por novas personagens como bondes, jornais, cafés, livrarias, cinemas, bares, além de novos projetos urbanísticos que mudaram a paisagem provinciana da capital mineira, como lembra Carlos Drummond nos versos:

*Por que ruas tão largas?
Por que ruas tão retas?
Meu passo torto
foi regulado pelos becos tortos
de onde venho.
Aqui tudo é exposto
evidente
cintilante. Aqui
obrigam-me a nascer de novo, desarmado*¹⁰⁷.

Emílio Moura, em entrevista concedida em 1952, evocou aqueles anos de mocidade:

Precisávamos fazer barulho, quebrar a pasmaceira ambiente, ou, antes, sacudir a indiferença literária de Belo Horizonte, cidade sem editores, sem revistas, sem jornais. Inventávamos logo vários colaboradores, modernistas uns, outros passadistas, jogávamos estes contra aqueles, forjávamos polêmicas crudelíssimas¹⁰⁸.

Maria Zilda Ferreira Cury em seu trabalho sobre a juventude de Carlos Drummond de Andrade afirmou que os *novos* da capital mineira foram se envolvendo com temas inovadores que agitavam outros espaços brasileiros e trazendo discussões mais modernas para os meios de comunicação, principalmente os jornais da cidade. Essa modernização não foi radical, pois os escritores mineiros prezavam o respeito pela tradição sem que isso diminuísse seu ímpeto renovador. O grupo dos modernistas mineiros do início da década de 1920 manifestou desde o início o interesse pela temática nacionalista, buscando incluir em seus escritos o abasileiramento cultural, mas sem deixar de lado a

¹⁰⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. Ruas. In: _____. *Esquecer para lembrar* - Boitempo III, Rio de Janeiro, José Olympio, 1979. p. 90.

¹⁰⁸ APUD: WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada*. Jornalistas e escritores em Minas Gerais. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 26.

mineiridade – ou seja, o regional como vocação para o nacional.

Ora fazia pender para uma visão organicista da sociedade brasileira, ora tingia-lhe a feição nacionalista de uma coloração efetivamente mais renovadora. Se o grupo não se caracterizou por grandes arroubos formais, seu Modernismo se orientou em direção a uma postura nacionalista que incluía eventualmente a discussão do universalismo. (...) Percebe-se claramente com isso a necessidade de teorização expressa em muitos dos textos críticos publicados por eles, na tentativa de apreensão do moderno que lhes caracterizasse a produção iniciante e a postura conjunta.¹⁰⁹

Estes *novos* – como Cury se refere – compuseram o grupo do *Estrela*, nome do café em que se reuniam para suas calorosas discussões, um dos *lôcus* de sociabilidade dos jovens intelectuais mineiros do início da década de 1920¹¹⁰. O *Estrela* apresentava-se com orgulho no anúncio de 1919 na revista *Minas em Foco* como uma “casa de elite, freqüentada pelas famílias de escol e preferida pelos acadêmicos de linha, não só pela presteza e amabilidade dos seus serviços de garçons como também pela modicidade de seus preços, a confeitaria querida da nossa sociedade”¹¹¹.

Em 1924 o grupo teve contato com a *Caravana Paulista* composta por D. Olivia Penteadó, Godofredo da Silva Teles (genro de D. Olivia), Tarsila do Amaral, Oswald e Mário de Andrade, Nonê (filho de Oswald) e Blaise Cendrars. Esta visita dos paulistas, que pretendiam mostrar um pouco do país ao poeta estrangeiro, foi de extrema importância ao grupo mineiro, que até então não tinha a dimensão da importância de sua atuação enquanto homens de letras, e, a partir de então, passaram a ser chamados de *os modernistas mineiros*.

Segundo Pedro Nava, a *Caravana Paulista* foi o pólen que resultou na criação de *A Revista*. O periódico foi o terceiro publicado no

¹⁰⁹ CURY, Maria Zilda Ferreira. *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo* em papel jornal. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p.14.

¹¹⁰ A Livraria Alves e o Bar do Ponto também foram lugares de reuniões dos amigos.

¹¹¹ WERNECK, *op. cit.*, p. 38.

Brasil (julho de 1925) de fatura modernista, antecedido apenas por *Klaxon* (maio de 1922) e por *Estética* (setembro de 1924) e tinha uma apresentação gráfica simples, pois dependia dos escassos recursos tipográficos do *Diário de Minas*, onde foram impressos os três números.

O conteúdo de *A Revista* esboçava uma posição nacionalista, valorizando o passado histórico do Estado de Minas Gerais através da conservação da arte e dos monumentos históricos, reclamando através desta preservação uma identidade mineira. Pedro Nava constatou que eram “profundamente brasileiros, nacionalistas e tradicionalistas” – apesar da posição “esteticamente avançada”.¹¹²

Para o memorialista mineiro, os princípios do *grupo do Estrela* podem ser resumidos no que segue:

O que combatíamos eram as tradições tumulares, os espantalhos acadêmicos, o passado que nem um apenas museu. Queriamo-lo sempre forte e inspirador do presente e como tanto, delineador do futuro. Renegávamos a ação separadora dos regionalismos – que víamos com maus olhos. (...) A origem de todos esses nomes que entraram em nossas histórias política e literária está no Grupo de Estrela e *A Revista* é o retrato de alguns deles como eles eram em 1925¹¹³.

A Revista agitou os meios literários de então, mobilizando o debate entre os militantes modernistas, seus simpatizantes e seus antagonistas. Vários intelectuais de outros estados da federação se manifestaram sobre o periódico, por exemplo: em carta a Carlos Drummond de Andrade, o poeta carioca Ronald de Carvalho elogiou e apoiou a publicação; Tristão de Atayde em dois artigos de *O Jornal* teceu críticas a respeito do periódico; Mário de Andrade, em várias cartas que enviou aos jovens de Minas, incentivou os autores, comentando sua produção literária; Ribeiro Couto em carta a Martins de Almeida disse que a revista era ótima, elogiando João Alphonsus e Pedro Nava; Manuel Bandeira, como não poderia deixar de ser, apoiou a

¹¹² *Ibid.*, p.4.

¹¹³ *Ibid.* p. 5.

iniciativa em carta a Carlos Drummond¹¹⁴.

Após algumas décadas, Drummond escreveu no *Correio da Manhã*, dois artigos sobre o surgimento de *A Revista*:

Chamava-se assim mesmo, A Revista, e publicou só três números, que o dinheiro não dava para mais. Ou não foi bem isso, porque, afinal, dinheiro não tínhamos nem para um número, e a publicação medrava à custa dos magros anúncios de uma companhia de seguros, de alguns alfaiates e de algumas casas de ferragens. A composição era feita no Diário de Minas e a impressão nas oficinas do governo, mas tudo pago com tostões difíceis. (...) E assim A Revista foi para o beleléu. Martins de Almeida, formado, seguiu de promotor para Oliveira. Emílio de Moura tocou-se para Dolores do Indaiá, Pedro Nava juiz-de-forou, outro meteu-se em Itabira (...) ¹¹⁵

O grupo do *Café Estrela* não pode ser caracterizado como um grupo com preocupações puramente literárias ou políticas. Seus membros tinham em comum a rebeldia juvenil que, por muitas vezes, buscava apenas adaptar os “atos gratuitos” à “provinciana-moderna” Belo Horizonte. Carlos Drummond contou em entrevista em 1985, que o grupo não tinha muita consciência do que estava fazendo: “fazia-se porque era uma espécie de expansão natural da mocidade, nós não estávamos satisfeitos com o que havia lá”. ¹¹⁶

Muitos estudos que aludem a Belo Horizonte da década de 1920 fazem referências ao quarto livro de memórias de Pedro Nava, *Beira-mar* ¹¹⁷. *O desatino da rapaziada* ¹¹⁸ de Humberto Werneck cita o livro de

¹¹⁴ DOYLE, Plínio. *História de revista e jornais literários*. Rio de Janeiro, MEC/Casa Rui Barbosa, 1976. p. 83. Plínio Doyle retirou estas informações do arquivo pessoal de Carlos Drummond, que lhe forneceu as cartas mencionadas, os artigos publicados em primeira publicação e os três números de *A Revista*.

¹¹⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Aqueles rapazes de Belo Horizonte”. In: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 jun. 1952 e 12 jul. 1952. APUD. DOYLE, Plínio. *História de revista e jornais literários*. Rio de Janeiro, MEC/Casa Rui Barbosa, 1976.

¹¹⁶ Entrevista concedida por Carlos Drummond de Andrade a Maria Zilda Ferreira Cury, em 11 de outubro de 1985. CURY, Maria Zilda Ferreira. *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seus grupo em papel jornal*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p.142.

¹¹⁷ NAVA, Pedro. *Beira-mar*. Memórias 4. São Paulo: Ateliê Editorial: Giordano, 2003.

Nava para tratar da cidade nessa época; recentemente, numa revista de circulação nacional, Roberto Said¹¹⁹ publicou uma reportagem sob o título *O poeta em chamas*, que trata de Drummond e de Belo Horizonte, e escolheu sua abordagem em *Beira-mar*. Dessa forma, podemos perceber como a obra memorialística de Nava é usada como fonte fidedigna para dar voz à história sobre um espaço e as suas transformações no tempo.

Segundo Helena Bomeny, aquelas manifestações literárias que poderiam ter se reduzido à ousadia de alguns rapazes que se reuniam na *Rua da Bahia* para conversar e debater idéias, na verdade se revertem em projetos intelectuais e políticos que se institucionalizaram e se tornaram hegemônicos nacionalmente¹²⁰.

Até o início da década de 1930, quando o grupo foi se dispersando, foram vários os momentos de descontração, de criação, de boemia e de realizações empreendidas pelos rapazes de Minas. Alguns destes momentos ficaram registrados, outros se perderam, mas o resultado desta vivência está nas obras literárias, nos projetos políticos, nas políticas públicas no campo da cultura, nos profissionais de renome da área jurídica e médica.¹²¹

O Manifesto da Mineirada

Na década de 1940, portanto, depois de ter deixado Belo Horizonte e os amigos da faculdade, Nava manteve-se ligado a seus colegas mineiros como mostram algumas cartas datadas desse período, como foi o caso do amigo Afonso Arinos e Carlos Drummond de Andrade. Um outro indício que mostra esta ligação continuada com o grupo do *Café Estrela* e com Minas Gerais, é a presença da assinatura de Nava no *Manifesto dos Mineiros*.

O *Manifesto dos Mineiros*, que a princípios chamou-se

¹¹⁸ WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada*. Jornalistas e escritores em Minas Gerais. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

¹¹⁹ SAID, Roberto. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, n. 33, junho de 2008.

¹²⁰ BOMENY, Helena. *Guardiões da razão: modernistas mineiros*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

¹²¹ SIQUEIRA, Jeseana Lilian. *Modernistas e Modernismos mineiros: uma introdução*. Juiz de Fora: UFJF, 2005. p. 18 (Monografia de bacharelado em História defendida no Departamento de História).

Manifesto ao Povo Mineiro, foi divulgado em outubro de 1943 por membros da elite liberal de Minas Gerais, reivindicando a redemocratização do país com o fim do Estado Novo. Foram impressos numa gráfica clandestina de Barbacena 50 mil exemplares que foram distribuídos ou colocados debaixo das portas das residências. Foi a primeira manifestação aberta contra a ditadura Vargas assinada por membros de famílias com grande prestígio social e político em Minas Gerais. O documento contou com 92 assinaturas entre as quais estavam a de Pedro Nava, Afonso Arinos e Milton Campos. O Palácio do Catete não tardou em agir: os signatários que ocupavam cargos públicos foram imediatamente despedidos e os que trabalhavam na iniciativa privada foram perseguidos e muitos igualmente demitidos. Nava, que na época trabalhava na Secretaria de Saúde da Prefeitura do Distrito Federal, foi demitido sendo readmitido no emprego público somente após a queda do regime de Vargas.

Não é o caso de aprofundarmos este período da política nacional que envolveu diversos intelectuais nas esferas do poder. Mas, não podemos deixar de mencionar a participação de Nava, muito menos efetiva do que alguns de seus colegas de geração e conterrâneos¹²², pois este episódio demonstra a sua ligação e seu reconhecimento no seio da intelectualidade mineira, mesmo que não participasse ativamente do círculo das letras, nem da política do país. O *Manifesto* que Nava assinou, trouxe em suas linhas muitos signos da mineiridade que perpassavam os discursos e as vivências dos coestaduanos:

Dirigimo-nos, sobretudo, ao espírito lúcido e tranqüilo dos nossos coestaduanos, à sua consciência firme e equilibrada, onde as paixões perdem a incandescência, se amortecem e deixam íntegro o inalterável senso de análise e julgamento. [...] Num tom de conversação em família - família numerosa, porém unida e solidária -, queremos recordar aos mineiros que o patrimônio moral como o espiritual não sobrevive ao desleixo. [...]

¹²² Como foi o caso de Carlos Drummond de Andrade e Gustavo Capanema que se envolveram diretamente nas hostes do poder estatal. O primeiro como chefe de gabinete do segundo, ministro da Educação e Saúde durante o Estado Novo.

Segundo Maria Arminda Arruda, a mineiridade tem as característica do mito, que quando passa a ser absorvido pelas identidades individuais e coletivas, torna-se instrumento político e de permanência, adquirindo uma dimensão ideológica. O *Manifesto* ainda trouxe diversas referências e mostra a importância da participação política de Minas Gerais nas decisões do país:

A extinção de todas as atividades políticas e de todos os movimentos cívicos forçou os mineiros, reduzidos à situação de meros habitantes da sua terra, a circunscreverem a sua vida aos estreitos limites do que é quotidiano e privado. Quem conhece a história das tradições da nossa gente, pode medir a extensão da violência feita ao seu temperamento por essa compulsória e prolongada abstinência da vida pública. O amor à crítica e ao debate, o apego às prerrogativas da cidadania, o dever político, no seu mais nobre e dignificante sentido, numa palavra, a irresistível vocação para a vida pública, não são, sem dúvida, felizmente, no Brasil, privilégio dos mineiros; mas devemos orgulhar-nos, por todas as razões, do fato de ser a comunidade mineira no País, por influência dos fatores de ordem histórica e social, aquela onde esse sentimento dos interesses coletivos e essa compreensão do mundo cívico, essa indomável e ativa tendência política nunca perderam sua força e constância.

Na análise de Sirinelli, os manifestos e abaixo-assinados permitem aos seus assinantes se engajar num protesto, é um lugar precioso para a análise das idéias e das sociabilidades dos microcosmos intelectuais.¹²³ A assinatura de Nava demonstra o seu sentimento de pertencimento também político à mineiridade, mesmo sem residir naquele momento em Minas.

¹²³ SIRINELLI, Jean-François. “Os Intelectuais”. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 249.

Duas gerações de remetentes

Ao compulsarmos o epistolário naviano, constatamos que os remetentes das correspondências incluíam vários nomes que foram conterrâneos do memorialista, alguns amigos da época da faculdade, alguns pertencentes a uma geração posterior. O conteúdo das cartas revelou que a maioria foi remetida de fora de Minas Gerais e no período posterior à publicação do primeiro livro de memórias: *Bau de Ossos*.

O quadro que consta no anexo 2 da dissertação explicita a seleção das missivas que compuseram o rastreamento de uma rede de sociabilidade intelectual mineira, na qual Nava pertenceu durante sua vida.

Milton Campos é o único que enviou epístolas a Nava apenas no período anterior a publicação de *Bau de Ossos*, 1972. Suas cartas trataram de assuntos referentes a sua interseção política em algumas questões profissionais de Nava.

Se compararmos a tabela dos remetentes amigos do *Sabadoye*, presente no primeiro capítulo, com a tabela acima, constataremos que alguns nomes se repetem. Conforme constata Humberto Werneck, em *O desatino da rapaziada*, esses mineiros tenderam para uma forte propensão em “fazer as malas, fincar barraca em outro canto – e, lá de fora, fica olhando, cada vez mais obsessivamente, para a sua terra natal”.¹²⁴

Alguns mineiros, amigos de Nava, demonstraram seus laços de amizade em outros documentos além das cartas, como nas Atas do *Sabadoye*, em seus livros, em prefácios e em entrevistas.

Afonso Arinos de Melo Franco, já citado no capítulo anterior, foi amigo de Nava durante muitos anos, mantendo uma relação próxima desde a manhã de 1915 em que se conheceram na quarta-classe do colégio Anglo-Mineiro. O próprio Afonso Arinos, em homenagem ao octogésimo aniversário do memorialista, conta da longa duração da amizade entre os dois e da admiração que o memorialista despertava nele:

Nava e eu nos acompanhamos sempre de perto, embora, às vezes, à distância, desde meninos. Não chega a me lembrar nitidamente do Colégio Anglo-Mineiro, em 1916, mas guardo idéia clara

¹²⁴ WERNECK, *op. cit.*, p. 13.

do Internato Pedro II, no ano seguinte. (Nava, também chamado O Conde, andava de monóculo e era um dos líderes do Colégio, não sabia bem por quê. Não era estudante excepcional, não se destacava na ginástica nem nos esportes, não era poeta confesso (não havia prosadores), nunca foi rixento, indisciplinado ou orador. Talvez não liderasse propriamente, mas fascinava o Colégio, por uma força indefinível, talvez por isso mesmo. Não se sabe bem por quê, mas, sem razão específica, O Conde era o centro das atrações. [...]) É muito difícil, para mim, falar de Pedro Nava sem me comover, tão ligados temos vindo pela vida, em horas de riso e morte. Nossos risos sem causa – a falta de causa é a causa do verdadeiro riso – nossas tristezas com causa ou sem ela, nossa firmeza e confiança nas horas mais duras, a palma aberta, o olhar indireto, a certeza. E em tantos anos as cenas inevitáveis em que a morte é o terceiro personagem presente – ou recado. De meninos a velhos, de perto ou de longe, nenhuma sombra, nenhuma dúvida, nenhuma hesitação, nenhuma crítica, sim, porque amizade ou não é, ou é falta de crítica. Assim vejo Nava há quase setenta anos.¹²⁵

Os amigos que acompanharam a trajetória de Nava desde a época de estudante de medicina em Belo Horizonte, mostraram que essa intimidade foi reforçada com o tempo, o que pode ser constatado nos códigos que transformam o texto em gênero epistolar, como as saudações e as despedidas. O tempo passado mostra-se presente em expressões como *velho, seu e para sempre amigo*. O acadêmico Abgar Renault (1901-1995) despediu-se em suas missivas com palavras afetuosas, sempre de “seu velho Abgar”. Cyro dos Anjos (1906-1994) também se denominou “velho amigo” de Nava. Nas despedidas epistolares, Austen Amaro foi o “sempre amigo”. Drummond sempre finalizava suas cartas como “seu velho Carlos”. O amigo que ocupou o

¹²⁵ Ata do Sabadoye de 28 de maio de 1983. In: SENNA, Homero. *O Sabadoye: Histórias de uma confraria literária*. Reportagem de Homero Senna. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000. p.166

mais alto cargo do sistema político brasileiro, a Presidência da República, Juscelino Kubitschek (1902-1976), enviou epistolarmente o “abraço afetuoso do amigo de sempre”.

A correspondência é um espaço que permite ao seu autor elaborar premeditadamente sua auto-imagem,¹²⁶ não somente remetendo às experiências vividas como também nos próprios códigos epistolares de saudações e despedidas. Segundo Venâncio, “a prática epistolar de um indivíduo pressupõe a elaboração de modos próprios de expressão que se manifestam nas imagens que ele constrói de si através da escrita, nas visões que forma do outro para quem escreve e na maior ou menor observância dos códigos epistolares”.¹²⁷ No caso dos *velhos amigos*, os remetentes usaram expressões que buscam a longa duração da amizade para fortalecer a intimidade com seu destinatário.

O sentimento de pertencimento de uma mesma geração esteve presente na ligação entre esses homens de letras evidenciado não somente na esfera pública, mas também na esfera privada, especialmente com as cartas. O poeta itabirano, antes da publicação das memórias de Nava, ao tratar de *Território de Epidauro* em carta de 1947, teceu comentários à respeito da geração a que pertencem os dois, o remetente e o destinatário.

Tive uma grande alegria com o seu Território de Epidauro. Nunca me conformei com o fato de você continuar sem o nome na capa de um livro. Uma geração é vaidosa de si mesmo, e sentir você tão bem dotado e ao mesmo tempo tão esquivo era o mesmo que sentir fraudado aquele nosso grupo da década de 20. Você, muito manhosamente, se refugiava num bissextismo cômodo, mas essa solução não me satisfazia, nem de resto à comunidade de seus amigos. Por isso mesmo, este Território, tão inteligente, tão rico de perspectivas para o leigo, a quem você desvenda aspectos pitorescos, poéticos e humanos da medicina – é uma espécie de pagamento de dívida. O livro saiu digno de você, cheio de ilustração sem

¹²⁶ DIAZ, Brigitte. *L'épistolaire ou la pensée nomade*. Paris: PUF, 2002. p.75-76

¹²⁷ VENÂNCIO, Giselle Martins. “Cartas de Lobato a Vianna”. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 127.

pedantismo, e vazado numa forma literária gostosíssima. Agora você fica intimado a nos dar outros.¹²⁸

Carlos Drummond faz referência ao grupo do *Café Estrela*, daí a cobrança que faz à Nava: que tinha obrigação de escrever e produzir literatura, por tudo o que fizeram juntos nos anos de efervescência cultural em Belo Horizonte. Afinal, a maioria dos integrantes da roda literária e juvenil dos modernistas mineiros estavam ligados à vida literária, à política ou ao jornalismo. Um outro amigo de longa data, Afonso Arinos, alguns anos mais tarde, também escreveu sobre essa obrigação literária que Nava deveria cumprir:

Os amigos esperavam pelo grande, o enorme escritor. Eu não esperava, apenas pacientava, porque já sabia. Quando ele lançou seu primeiro barco, de repente, as águas se encrespavam, espantadas. Depois os outros barcos vieram vindo, se alinhando à nossa vista. E outros virão.¹²⁹

Na análise de Sirinelli, uma geração se torna uma geração quando ganha uma existência autônoma juntamente com uma identidade, ambas geralmente determinadas por um acontecimento inaugurador, que algumas vezes pode ser verificado apenas em um setor bem determinado. A geração não é apenas um fato natural, mas também um fato cultural.¹³⁰

Uma geração abarca grupos de idade inseridos em um mesmo processo histórico-social dentro de uma forma particular de identidade de local. Foi a dimensão de partilhar socialmente experiências que conferiu um significado especial ao grupo dos modernistas mineiros que Nava esteve inserido em sua juventude e que o marcou indelevelmente

¹²⁸ Carta de Drummond a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 6 de setembro de 1947. Localização no arquivo: PN 38.

¹²⁹ Ata do Sabadoyle de 28 de maio de 1983. In: SENNA, Homero. *O Sabadoyle: Histórias de uma confraria literária*. Reportagem de Homero Senna. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000. p.166.

¹³⁰ SIRINELLI, Jean François. “A geração”. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janafna (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.p. 133.

para toda a vida.

Muitas vezes, nessas correspondências dos mineiros é possível constatar que a linguagem epistolar projetou uma imagem do destinatário e do remetente, permitindo capturar a singularidade das vidas dos envolvidos e até mesmo o projeto de uma geração.¹³¹

Os jovens mineiros, do grupo ao qual Nava pertenceu, procuravam se identificar como a geração que rompeu as amarras do século XIX, conforme contou Arinos:

Não quero referir outros nomes, de vivos e mortos, mas o certo é que a geração que, no Brasil, rompeu o cordão umbilical do século XX, veio para ficar na história da nossa cultura, não apenas inovando, mas criando por meio da inovação. Veja-se Freire na Sociologia, Drummond na Poesia, Calmon na História, Nava na Memorialística. Em conjunto, tomados os escritores, os temas, as formas, o raio do nosso século foi um segundo Iluminismo, parecido com o declinar do século XVIII.¹³²

Este orgulho de pertencer a uma geração e de não traí-la por toda a vida, também é defendido pelo próprio Pedro Nava em carta-resposta a Wilson de Lima Bastos, que em janeiro de 1982 escreveu ao memorialista comunicando-o que fora escolhido para ocupar uma cadeira na Academia Juiz-Forana de Letras. A resposta de Nava foi a seguinte:

Sou de uma geração de natureza anti-acadêmica como foi a dos 20 sem nenhuma exceção. Veja que ficaram fora das Academias CDA, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Prudente de

¹³¹ LIMA, Sonia Maria van Dijck; FIGUEIREDO JÚNIOR, Nestor. “De Gilberto Freyre para José Lins do Rego”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Batella (Org.). *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 244.

¹³² Ata do Sabadoyle de 28 de maio de 1983. In: SENNA, Homero. *O Sabadoyle: Histórias de uma confraria literária*. Reportagem de Homero Senna. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000. p.166

Morais, neto, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Raul Bopp e quantos outros....Os dados como exceções e que entraram para a Brasileira foram apenas grandes nomes que aderiram ao Modernismo. Manuel Bandeira, Ronald, Menotti, Guilherme de Almeida já eram grandes poetas antes da Semana de 22. Eu pretendo ficar completamente fiel a minha geração e aos grupos dos anos 20. Outro argumento: Ser acadêmico implica na aceitação grupal e fraternal de grande número de pessoas e é impossível, numa coletividade associativa, gostar de todos os companheiros. Pessoa do meu temperamento ia ser logo marginalizada – por sua incapacidade de convivência pacífica com toda gente.¹³³

Voltaremos a esta recusa de Pedro Nava, que não gostava de se envolver em políticas acadêmicas, no terceiro capítulo dessa dissertação. Por hora, continuaremos focados na questão geracional e dos conterrâneos do médico-memorialista que é o foco principal desse capítulo.

Nascidos mais tarde

Alguns dos remetentes mineiros de Nava não frequentaram o grupo do *Café Estrela* por pertencerem a uma geração posterior, mas mesmo assim identificaram-se na narrativa dos livros de memórias. É o caso de Hélio Pelegrino (1924-1988), Fernando Sabino (1923-2004) e Otto Lara Resende (1922-1992), três dos *Quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse*, conforme os definiu Otto Lara em 1980, quando a produtora Marilda Pedroso os convenceu, juntamente com Paulo Mendes Campos (1922-1991), a gravar um disco com poesia, prosa e depoimentos autobiográficos chamado *Os quatro mineiros*.¹³⁴

A nova geração vintanista (nascidos na década de 1920, enquanto o grupo que Nava pertencia já dava seus primeiros passos na literatura) de jovens homens de letras de Belo Horizonte cultivou uma

¹³³ Carta-rascunho de Pedro Nava a Wilson de Lima Bastos, Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1983. PN 108/AMLB/FCRB.

¹³⁴ WERNECK, *op. cit.*, p.101.

grande admiração pelos predecessores do grupo do *Café Estrela*. Segundo Paulo Mendes Campos, ele e seus amigos admiravam profundamente o poeta itabirano: “minha geração falava fluentemente um idioma oarístico, colhido nos versos de Drummond. Era a maneira mais econômica, secreta e eloqüente de nos entendermos”. Os jovens foram apresentados ao já consagrado poeta Carlos Drummond por Emílio Moura e passaram a trocar cartas com outros intelectuais mais experientes residentes em outros estados, como Mário de Andrade.¹³⁵

Na década de 1940, Minas contava ainda com a atuação de outros jovens que mais tarde seriam intelectuais, jornalistas e escritores de renome nacional, como Wilson Figueiredo, Francisco Iglésias e Octávio Melo Alvarenga, todos correspondentes de Pedro Nava nas décadas de 1970 e 1980, além de admiradores de sua obra memorialística.

Numa entrevista de 2006, Wilson Figueiredo contou recordações desses jovens em Belo Horizonte:

Meu primeiro emprego foi na Agência Meridional, dos Diários Associados, na Redação do *Estado de Minas*, em Belo Horizonte, no ano de 1944. Eu me preparava para o vestibular de Medicina por uma escolha tácita de família, desde que nenhum dos quatro filhos homens de meu pai quis seguir a profissão dele. Mas ao chegar à capital mineira, que ainda tinha em torno de 250 mil habitantes, fui morar em pensão de estudante, mudei da água para o vinho (ou do vinho para a água) e me enturmei com o pessoal da literatura. Já eram presenças nos suplementos literários o Hélio (Pellegrino), o Paulo (Mendes Campos), o Fernando Sabino, o Otto Lara Resende, além dos que já estavam federalizados, como Ciro dos Anjos, Emílio Moura, João Dornas, Guilhermino Cesar. Belô estava se civilizando, na administração JK, com o cassino da Pampulha e

¹³⁵ Algumas dessas cartas foram publicadas, como é o caso das envidas a Fernando Sabino. ANDRADE, Mario de; SABINO, Fernando. *Cartas a um jovem escritor*: de Mario de Andrade a Fernando Sabino. Rio de Janeiro: Record, 1981. 143p.

uma vontade enorme de ser grande cidade.¹³⁶

O fascínio dos moços

Em carta de 8 de março de 1981, se referindo ao livro *Correspondente Contumaz*, Hélio Pelegrino escreveu: “Enfim, livro cutuba. E, além disto, disparador proustiano, espoleta capaz de detonar a matéria do tempo: lembranças, lembranças, a figura do Mário, BH, vocês todos, nossos mestres, a grande dor das coisas que passaram (...)”.¹³⁷ O historiador Francisco Iglésias, em 27 de março de 1979, enviou a Nava: “V. deu-lhe uma grandeza que não imaginei ela já teve em outros tempos; o quarteirão do Bar do Ponto – lembro-me ainda bem dessa casa, embora nunca tivesse entrado nele (era menino, hélas!) [...] Li o volume sob completo fascínio”.

Este fascínio revelou uma identificação do grupo mineiro pertencente à geração posterior a de Nava, através de uma “saudades do que não viveram”, mas que inspirou suas experiências como grupo literário e juvenil e seus sentimentos de pertencimento a algo comum, uma mineiridade compartilhada entre diferentes gerações.

A admiração pelos conterrâneos da geração anterior também é demonstrada nos tratamentos e despedidas das epístolas. Fernando Sabino, amigo de Nava antes da publicação das memórias, tem no arquivo do memorialista duas cartinhas, uma elogiando entrevista concedida pelo amigo à Revista Veja e outra reafirmando um encontro entre os dois. Nas missivas usou um tratamento afetuoso, querido Nava, despedindo-se com: “seu amigo sempre renovado admirador”.

A primeira carta remetida por Wilson Figueiredo presente no arquivo do memorialista chegou ao destinatário com a seguinte abertura: “Mestre Nava”.¹³⁸ Otto Lara Resende também escreveu nas diversas

¹³⁶ Entrevista cedida ao site da Associação Brasileira de Imprensa em 27 de novembro de 2006. In: <http://www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=1608>.

¹³⁷ Carta de Hélio Pelegrino a Pedro Nava, Rio de Janeiro, 8 de março de 1981. PN 696/AMLB/FCRB.

¹³⁸ Carta de Wilson Figueiredo a Pedro Nava, Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1977. PN 372/AMLB/FCRB.

cartas sobre sua admiração por Nava e por sua “inspiração mineira”¹³⁹, e as despedidas eram quase sempre acompanhadas da palavra admirador, assim como Hélio Pellegrino: “Nava mestre, te mando meu abraço os votos e minha admiração, seu sempre.”¹⁴⁰ Francisco Iglésias não fez diferente e juntamente com elogios admirados ao Caro Pedro Nava, enviou abraços muito amigos, agradecidos e carinhosos.¹⁴¹

Memórias mineiras que compartilham mineiridade

Nava não foi o único memorialista mineiro. Entre os mais conhecidos encontram-se Vivaldi Moreira, Murilo Mendes e Afonso Arinos de Melo Franco.¹⁴² A produção memorialística de mineiros é permeada por um forte sentimento de mineiridade, na sua dimensão exclusivamente de identidade regional. Tais obras vislumbram o imaginário de Minas e contribuem para recriá-lo. Nas linhas dessas obras memorialísticas está o caráter mineiro que os autores se auto-identificam permeando o fluxo narrativo com signos comuns de pertencimento. “Esses memorialistas, quando se voltaram para as singularidades das suas histórias, ao dirigirem-se para o seu passado, empreenderam uma viagem na companhia dos seus conterrâneos”.¹⁴³

Os livros de memórias são assuntos recorrentes nas missivas enviadas à Nava, principalmente aquelas remetidas por seus leitores ordinários que viram nelas o ponto de identificação com o autor. Os colegas de letras e conterrâneos do médico-memorialista também expressaram sua admiração pela escrita naviana, remetendo à mineiridade.

Otto Lara Resende em carta de 25 de junho de 1976 escreveu

¹³⁹ Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava, Rio de Janeiro, 8 de abril de 1974. PN 761/AMLB/FCRB.

¹⁴⁰ Carta de Hélio Pellegrino a Pedro Nava, Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 73 e 8 de março de 1981. PN 696/AMLB/FCRB.

¹⁴¹ 4 cartas de Francisco Iglésias a Pedro Nava, Belo Horizonte, 21 de janeiro de 1974, 5 de maio de 1974, 27 de março de 1979, 5 de junho de 1983. PN 458/AMLB/FCRB.

¹⁴² MOREIRA, Vivaldi. *O menino da mata e seu cão piloto*. Memórias sincopadas. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1981. MENDES, Murilo. *A idade do serrote*. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1968. MELO FRANCO, Afonso Arinos de. *A alma do tempo*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1979.

¹⁴³ ARRUDA, Maria do Nascimento. *Mitologia da mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990. p. 199.

sobre *Chão de Ferro*: “[...] comecei a ficar siderado pelo “Chão”, que vou devorar depressa, asinha. Até desisto de ir a Minas. Pra quê? Pois Minas está aqui, muito melhor, pela sua mão. Recriada, isto é, valorizada, pura, sem ganga, sem cascalho.”

Afonso Arinos falou sobre as memórias mineiras de Pedro Nava em seu discurso em homenagem ao autor:

Ele não deixou Juiz de Fora, levou-a consigo e devolveu-a depois em páginas que reclamaram parabéns a Pedro Nava, parabéns a Juiz de Fora. Ele não se afundou nas brumas mas recolheu delas todo o inconsútil material com que se reconstroem as almas, os sentimentos, as angústias.¹⁴⁴

Outro mineiro amigo de longa data, Juscelino Kubitschek, escreveu em uma carta sobre este tema tão presente nas memórias de Nava:

No fundo, na essência, na síntese dos fatos e das coisas, é a nossa mineirice que nos impede de nos fechar em nós mesmos, ou dando as costas ao que nos cerca e nos desperta para vãos tão altos como este que você alcança nestas longas estórias de reminiscências e de saudade. Dizia o nosso excepcional Guimarães Rosa que ser mineiro é mudar por fora e conservar-se o mesmo por dentro. Nada, porém, nem sua brilhante carreira médica, nem suas viagens pelos exterior, nem sua erudição conseguiram modificar o *rêveur* de JF, para quem Proust é tão familiar. Nesta hora de Minas, o que vale a ela são os nossos escritores e poetas. Ninguém conseguiu eclipsá-los e você se incorpora definitivamente na linha literária dos mais expressivos nomes das letras mineiras, ao lado de expoentes solares como Guimarães Rosa e Drummond.¹⁴⁵

¹⁴⁴ Ata do Sabadoyle de 28 de maio de 1983. In: SENNA, Homero. *O Sabadoyle: Histórias de uma confraria literária*. Reportagem de Homero Senna. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000. p.166

¹⁴⁵ Carta de Juscelino Kubitschek a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1973. PN 485/AMLB/FCRB.

Estes “expoentes solares” citados por Kubitschek foram motivos de orgulho entre os intelectuais mineiros principalmente por, segundo eles, manterem sua mineiridade ao longo dos anos. E, Pedro Nava é um bom exemplo disso, despertando através de suas memórias o “mundo mineiro”¹⁴⁶ dentro de cada um dos contrerrâneos. Segundo Goulemot, ler é dar um sentido de conjunto, e não é encontrar o sentido desejado pelo autor. Ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido.¹⁴⁷ As cartas dos leitores para Nava mostram muitas vezes esses aspectos das histórias pessoais que pertencem a uma narração cultural. Desta forma, mesmo tendo vivido em Belo Horizonte em outra época, Otto Lara Resende contou a Nava nas cartas o sentido que deu à sua leitura das memórias:

Comecei a me lembrar do meu primeiro dia de repartição belorizontosa, ali na esquina da rua da Bahia com a rua Goitacazes e, do outro lado, a rua Goiás. Eu tinha 16 anos e fui alçado escadas acima, até a repartição fiscal e os processos [...] Mas quem sou eu, seu Nava, para um mergulho como o seu. O diabo não é, como está claro, como digo, apenas a agudíssima memória; é tudo; é a sua esponjosa natureza, que passou anos aí se infiltrando, se enchendo do melhor sumo e dos melhores sucos e agora, de repente, você ordenha o diabo dessa riquíssima esponja e nos dá esse baile que me tira o gosto de viver ao mesmo tempo que me justifica o inútil ofício de continuar vivendo. [...] Vale a pena estar vivo e ter luz nos olhos para incorporar (porque não é só ler, ler é muito pouco), para fundir-se a gente com o diabo dessa obra-prima succulenta [...] Não digo mais nada para não cair no ridículo.¹⁴⁸

¹⁴⁶ Em carta de 1 de setembro de 1978, Otto Lara Resende escreveu a Nava: Pois a riqueza náutica é tanta que se pega na gente, me agarrou, me impregnou, me deu vontade de pastichar, por pior que fosse. O mundo que você desencadeou dentro de mim.

¹⁴⁷ GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentido. In: CHARTIER, Roger. (Org.). *Práticas da leitura*. 2ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p.108.

¹⁴⁸ Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 1 de setembro de 1978. PN 761/AMLB/FCRB.

A gente não se vê, mas se ama.¹⁴⁹

Analizando o conjunto das cartas recebidas por uma pessoa é possível vislumbrar as ligações não apenas entre o remetente e o destinatário, mas também, entre os próprios escritores das missivas e outros intelectuais. A rede de intelectuais mineiros, da mesma geração ou não, manteve laços públicos e privados, às vezes íntimos, como nos mostra as epístolas enviadas para Nava. Através delas é possível descobrir os outros espaços de convivência desses mineiros ilustres: em carta de 8 de abril de 1974, Otto Lara Resende narrou um episódio acontecido antes da publicação das memórias na casa de outro mineiro, Juscelino Kubitschek:

Preparando a homenagem ao nosso grande CDA, pelos seus 70 anos, fui remexer em velhos papéis e encontrei a sua crônica, recorte amarelecido do Correio da Manhã, escrita pelo cinquentenário do Poeta. Guardei-a porque me pareceu extraordinária. Relida por mim, eu já cinquentão, babei de admiração pela graça e espontaneidade de seu cursivo. Imediatamente, sentei-me à máquina para intimá-lo a deixar de lado um pouco da Medicina e dos reumatismos e partir para um livro de memórias (ou ficção – dá no mesmo). No mesmo dia, encontramos-nos em casa do JK. Eu não sabia que V. ia lá jantar – lembra-se? Estava o Sette Câmara também. E aquele seu colega Pedro (de Almeida?). Quando o vi, assim que entrei na sala, anunciei minha mediúnica missiva. Você está intimado a escrever memórias. Bissexto uma ova! - etc. Foi como o saudei. Já escrevi – disse você. Quantas páginas? - perguntei incrédulo, apesar de sua sólida convicção. Seiscentas. Duvidei, você invocou o testemunho da Nieta, que confirmou o acontecimento.

¹⁴⁹ Trecho de carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 27 de abril de 1983. PN 761/AMLB/FCRB.

Em carta de setembro de 1973, Drummond escreveu: “O nosso Abgar que cultiva o hábito de recortar coisas pitorescas dos jornais, mandando-as aos amigos, enviou-me, entre outras curiosidades, esta destinada a você”. Em 1976, o poeta envia uma entrevista publicada de um outro mineiro, Emílio Moura, contendo alguns elementos que poderiam interessar ao médico-memorialista.

Outro mineiro dos tempos do *Café Estrela*, Abgar Renault, em um bilhete enviado a Nava escreveu: “mando-lhe a cópia da carta do nosso Carlos. Vamos publicá-la (...)”. Wilson Figueiredo, em fevereiro de 1979, na tentativa de organizar um jantar e reunir os mineiros, escreveu: “Quanto ao jantar, já convoquei a mineirada disponível: Otto, Hélio, Fernando, Paulo, Cyro; falta o Alphonsus e estou mandando uma carta ao Drummond, para evitar que ele recuse de saída ou diga que vai para não”. O mesmo remetente também combina outros encontros em outros momentos, “quem sabe juntamente com o Otto”¹⁵⁰. Fernando Sabino em 1982, pergunta a Nava: “e o nosso encontro marcado? Está de pé ou já se assentou?”.

Francisco Iglésias, escrevendo de Belo Horizonte remeteu uma carta a Pedro Nava, lembrando o encontro que tiveram na casa de Chico Barbosa, no Rio de Janeiro: foi uma alegria para mim o nosso encontro ontem, em casa de Xico de Assis Barbosa. [...] Entre outras vantagens da festa para mim houve a possibilidade de estar com V., conversar um pouco [...] Quando voltar ao Rio irei visitá-lo.¹⁵¹ Novamente encontramos notícias de mineiros fazendo da *cidade maravilhosa* o seu ponto de encontro, o melhor lugar para se encontrar ilustres conterrâneos. Em carta de agosto de 1981, Otto Lara pediu a Nava que comparecesse

na barraca de Minas da Feira da Providência. Diz ela [a organizadora da barraca] que o Carlos se comprometeu a ir. Será? E dia mais que vem gente de Minas, o Murilo Rubião, a Lúcia Machado de Almeida. Quer o Fernando, o Paulo,

¹⁵⁰ Cartas de Wilson Figueiredo para Pedro Nava. Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1979 e 3 de julho de 1979, respectivamente. PN372/AMLB/FCRB.

¹⁵¹ Carta de Francisco Iglésias para Pedro Nava. Belo Horizonte, 21 de janeiro de 1974. PN458/AMLB/FCRB.

o Hélio, outros mineiros, todos lá, no domingo não agora o dia, é em agosto, para o almoço mineiro. [...] Mas se Você for, se forem alguns mineiros amigos, então vamos lá, façamos desse sacrifício, tão fácil, um motivo de encontro, para bater papo, matar as saudades e também, por que não?, matar a fome de um lombinho. Além do mais, para nós será de graça o almoço (veja que me falaram mesmo este detalhe, mineiro é bicho danado).¹⁵²

Se o memorialista e os outros mineiros compareceram, não sabemos, mas que somente o fato de a barraca ter existido, o convite ter sido feito aos ilustres mineiros e ter sido aceito por alguns deles, já mostra a identificação destes intelectuais como conterrâneos.

A casa de Nava também foi um local de encontro dos intelectuais mineiros, conforme contou Otto Lara Resende: “O Wilson Figueiredo me faz inveja de visitas à sua casa, isto é, com visitas que lhe faz. [...] O Chico Barbosa [...] contou que esteve na sua casa, aniversário de Nieta [...] Uma amiga, menina jornalista, vive a me intimar que a leve para ver Você”. Porém, as visitas pessoais estariam no terreno da vida íntima e privada e logo o amigo complementa: “Você estaria disposto? Ninguém sabe. É uma chatice atacar uma pessoa em casa, como quem vai ao espetáculo sem pagar entrada, perturbar seus bastidores, sua limpa solidão, seu trabalho”.¹⁵³

Os silêncios

Geralmente as cartas, assim como as conversas presenciais, são diálogos, mesmo que o tempo entre pergunta e resposta seja maior. O remetente envia e aguarda a resposta, se esta não vem logo, na próxima vem as desculpas pela demora. Otto Lara Resende, em 24 de janeiro de 1980, enviou por linhas bem escritas suas desculpas:

Meu silêncio é vergonhoso e eloquente.

¹⁵² Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1981. PN 761/AMLB/FCRB.

¹⁵³ Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1980. PN 761/AMLB/FCRB.

Provoquei-o, v. ripostou com a infalível competência e eu, moita. Se tivesse lhe escrito logo estava hoje descansado, de consciência tranquila. Como não escrevi, ando intranquilo, suas cartas permanentemente à mão, sob os meus olhos, doendo no meu remorso. E eu: “É hoje, é amanhã”, enquanto a vida passa. Aquela carta, a sonhada, a que é inescrevível, aquela que vou adiando e, em nome dela, porque espero escrevê-la, não escrevo nenhuma. Então me decido hoje, depois de chegar da cidade, via beira-mar, com um sol esplêndido, os milhentos vagabundos, queimados, cavalgando motocicletas e moçóilas.

Os códigos de escrita para correspondências, o registro do local e da data, as saudações, as despedidas e a assinatura são o que fazem que um texto seja reconhecido como carta. Porém esses códigos também estão atravessados por acontecimentos que mostram suas versões de histórias que estão no cotidiano dos envolvidos no diálogo epistolar, como mostramos nas linhas acima. O quadro presente no Anexo 3 da dissertação mostra quantitativamente o que qualificamos acima.

“O mineiro só é solidário no câncer!”¹⁵⁴ E na literatura.

Os intelectuais mineiros publicaram diversos artigos em jornais, suplementos literários e revistas sobre Pedro Nava e a sua obra. No arquivo do *Museu de Literatura Brasileira* levantamos em torno de 20 artigos que trataram dos livros do médico-memorialista. O poeta Carlos Drummond de Andrade foi o autor que mais assinou artigos que continham em suas linhas o nome de Nava: foram pelo menos nove, entre 1956 e 1984, no *Correio da Manhã*, no *Jornal do Brasil*, no *Estado de Minas* e no *Minas Gerais*.

Também nas correspondências enviadas pelos jornalistas mineiros vislumbramos relatos de artigos e entrevistas publicados (ou

¹⁵⁴ Frase de Otto Lara Resende que foi citada por Nelson Rodrigues 47 vezes na peça *Bonitinha mas ordinária, ou Otto Lara Resende*, que estreou em 1962.

em vias de publicação) sobre a obra de Pedro Nava.

É uma tarefa difícil, mas não impossível, descobrir qual foi o real impacto da recepção e da divulgação da obra memorialística de Pedro Nava através dos artigos publicados por seus contrerrôneos nos jornais. Mesmo não sendo o foco principal dessa dissertação, as cartas dos leitores ordinários nos dão pistas sobre a chegada destes artigos ao público leitor. Muitas cartas contam sobre leituras sobre a obra de Nava em jornais e revistas, além das entrevistas concedidas pelo próprio autor. Não pretendemos mapear os leitores das memórias, mas discutir o que possivelmente levou estes jornalistas e escritores a publicarem textos elogiando a obra de Pedro Nava.

O jornalista Wilson Figueiredo tem no arquivo do memorialista apenas um artigo, intitulado *Galo-das-trevas: Pedro Nava na terceira pessoa*. Porém nas correspondências enviadas o jornalista remeteu a outras publicações em jornais envolvendo o nome de Nava. Em 31 de janeiro de 1979 mandou ao “Caro Nava” notícias da entrevista concedida a ele e a Luís Paulo Horta e que ainda não havia sido publicada. Um mês depois a entrevista continuava sem publicação e Wilson Figueiredo pediu a Nava suas correções e combinou de marcar a hora para o fotógrafo. Em 9 de julho de 1981, se dirigiu ao “Mestre Nava” ao enviar algo que seria publicado no sábado seguinte, dando ao interessado a liberdade para revisar o que escreveu: “Mude o que não lhe convier dizer: o JB é seu. Recomende-me a d. Nieta e tome lá um abraço do Figueiredo”.

Outro contrerrôneo de Nava, pertencente a uma geração posterior, Francisco Iglésias, nos dá notícias de artigos que publicaria em jornais de Minas. Em 1974 pediu desculpas pelas imprecisões do artigo que havia saído,¹⁵⁵ e em outra epístola prometeu um sobre a obra em conjunto de Nava, “algo como o gênero Minas Gerais e Pedro Nava”.

Dois dos *Quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse*¹⁵⁶, Paulo Mendes Campos e Otto Lara Resende publicaram artigos falando da obra naviana. O primeiro escreveu dois artigos que foram publicados um no periódico *Aldeia Global* e outro na revista *Vogue*, em 1974 e 1981,

¹⁵⁵ Provavelmente: *Balão Cativo*. Minas Gerais, Belo Horizonte, 19 jan. 1974. Suplemento Literário.

¹⁵⁶ WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada*. Jornalistas e escritores em Minas Gerais. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.101.

respectivamente. O segundo, jornalista e contumaz missivista Otto Lara, publicou ao menos cinco artigos sobre o memorialista. As suas cartas revelam os trâmites ou tratativas para essas publicações, assim como dão notícias de outros artigos sobre Nava: “Você deve ter visto, mas não custa mandar-lhe mais um recorte do artigo do Alcântara Silveira. [...] Às vezes me ocorre mandar-lhe recortes que lhe digam respeito, mas imagino que a esta altura, tão badalados como andam seus livros, você já tenha um excelente Lux-Jornal doméstico”. Ou ainda em 1974 em que numa mesma epístola remete a três artigos sobre o amigo:

Nava, você viu o artigo do Oscar Mendes? Deve ter visto, o Zé te terá mandado. Salva-se a justa admiração, mas contém bobagens como a proposta para mudar o magnífico título Baú de Ossos. Deixo de mandar porque não o encontro aqui agora, no meio do meu papelório. Vai o do Wilson Martinr, que V. Deve ter visto, claro, no Estadão. [...] O Paulo Mendes Campos escreveu excelente artigos sobre a sua personalidade global. Vai sair na revista da TV Globo. Oportunamente você receberá. Ainda não está impressa. Parece que vai ficar jóia.¹⁵⁷

Este tipo de alusão aos artigos publicados sobre Nava e a sua obra é um assunto recorrente nas correspondências recebidas, não apenas aquelas enviadas por jornalistas de renome que estavam sempre bem informados ao que se publicava nos jornais e revistas, mas também àquelas remetidas por leitores ordinários e outros escritores.

As epístolas também nos informam a respeito dos trâmites ou as tratativas para as publicações e o mundo editorial. Em 24 de janeiro de 1980, Otto Lara, respondendo ao questionamento do destinatário, contou das dificuldades que vinha encontrando para promover um debate entre Nava e Hélio Pellegrino:

Quanto ao debate, que eu tinha sugerido, e do qual participariam Você e o Hélio Pellegrino, o ímpeto foi morrendo, não me cobraram mais no jornal –

¹⁵⁷ Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava, Rio de Janeiro, 6 de maio de 1974. PN 761/AMLB/FCRB.

até que entrei numa zona de silêncio. Por isto não voltei ao assunto, que a meu ver daria boa matéria jornalística. Ando cansado de mover de graça, por minha inquieta curiosidade, o que rende para os outros e às vezes chateia, sem proveito, amigos, e amigos do seu quilate, que deviam ser pagos para responder ao telefone um boa-tarde. Deixei cair. O curioso, instrutivo e lastimável é que, silenciando eu, ninguém mais fala no tema, o que quer dizer que a orquestra de interesse que eu presumia ouvir era apenas a minha voz, o calor do meu próprio interesse. Todo mundo está se lixando. Só por isto (e precisava mais?) abandonei a idéia, que continua a me interessar, contando que outros a tomem a seu cargo. Estou velho e cansado. Não vou procurar sarna para me coçar. [...] Mas a gente não convence ninguém, caríssimo Pedro. Nós, marginais, não estamos na última fila da elaboração do poder, neste país de merda, onde governam gangsters.

Além de refletir sobre o papel dos intelectuais que no caso dos dois, não ocupavam cargos na esfera do poder estatal. Este trecho ajuda a desvendar os bastidores das redações de jornais e revistas, além de mostrar que as escolhas das matérias jornalísticas às vezes passavam ao largo do campo cultural e dos debates que se travavam no seio da intelectualidade.

As missivas de Otto Lara servem de testemunhos das leituras desses artigos, como nesse excerto de carta:

minha coluna domingueira: fico feliz de saber que Você lê fielmente. Feliz e ansioso. Aumenta a responsabilidade. Ultimamente, tento sair por uma veia meio moleque. Mas não dá para saber como repercute. É um silêncio tremendo que faz o jornal. Às vezes me ocorre que ninguém mais lê. Aí me mostram números, nunca se leu tanto. Eu já nem sei. Me sinto falando sozinho, com uma fé de matusquela em meia dúzia de princípios. Você

olha na prática, dá um desespero!¹⁵⁸

O fato de Pedro Nava revelar a Otto Lara que lia a sua coluna fez com que o jornalista sentisse o peso da responsabilidade de seus artigos, que certamente eram direcionados não apenas a um público geral mas também aos seus pares intelectuais. Tal qual Jean-Paul Sartre, Otto Lara Resende ao escrever também buscava “conquistar-se às paixões, à raça, à nação, e conquistar junto consigo os outros homens”¹⁵⁹. Mas, como não existe unanimidade, suas opiniões nem sempre agradavam:

um tédio de discutir esse assunto [pena de morte], de receber depois duas ou três cartinhas malcriadas...Um cara se deu o trabalho de recortar notícia de crimes bárbaros e me mandar os recortes sempre com a sugestão: Abrigue na sua casa este Fulano, Você que é contra a pena capital, etc. Ah, Nava, que cansaço! Mas passa.¹⁶⁰

Além de contar como os leitores recepcionavam seus artigos, o jornalista mineiro dava notícias sobre o lançamento de um livro de Nava, como aponta sua última epístola arquivada pelo memorialista, em 1983:

já falei com o Rubem Braga, que vai dar uma nota na tv, sábado. Não há tempo, nem recurso, para a entrevista agora, como desejávamos. [por conta do incêndio que atingira sua repartição]. Mas V. Será filmado e documentado no dia dos autógrafos [...] Carta sem data. Mas provavelmente é na época do lançamento de CF, pois o remetente enviou um artigo que foi publicado no O Globo no domingo seguinte, sob o título Chão de Ferro em que pisa o

¹⁵⁸ Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava, Rio de Janeiro, 9 de março de 1983. PN 761/AMLB/FCRB.

¹⁵⁹ SARTRE, Jean-Paul. “Para quem se escreve?” In: _____. Que é a literatura? 3º edição. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 2004. p. 55-56.

¹⁶⁰ Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava, Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1983. PN 761/AMLB/FCRB.

gigante.

Palavras no papel X Palavras no fio

Através das missivas dos mineiros podemos vislumbrar a existência de uma forte cultura epistolar, como já afirmamos. Mesmo com o advento dos modernos meios de comunicação (telefone, fax) que renunciavam o fim da escrita epistolar, essa prática de escrita continuou vigorosa na década de 1980. Uma boa ilustração para esta constatação são os relatos de Wilson Figueiredo: em fevereiro de 1979 escreveu: “Pelo excesso presumível de calor, e não pela incerteza que você me passou, estarei em Petrópolis até o fim da tarde de domingo. Se continuar a fossa, você poderá me desancar pelo telefone”. E em setembro de 1983: “Acho melhor eu lhe telefonar um dia desses e saber se você concorda em ouvir o comendador. Ou então peça à sua secretária para me ligar (JB ou em casa), a fim de que possa acionar o dr. Carlos. No mais, o abraço do seu obsoleto”. Otto Lara em diversos momentos das missivas falou em telefonar para Nava. Provavelmente jornalistas como Figueiredo e Otto Lara usavam mensageiros dos respectivos jornais para entregarem as missivas e bilhetes a Nava, pois em muitos momentos falaram de algo que iria acontecer no mesmo dia ou no dia seguinte.

Mesmo com a possibilidade de usar o telefone como uma forma de comunicação rápida, esses intelectuais mantiveram não apenas o sentimento de mineiridade compartilhada, mas também, o hábito epistolar. Otavio Mello Alvarenga contou numa missiva que desejava telegrafar-lhe durante uma viagem, porém acabou por telefonar-lhe duas vezes. Porém, como se os elogios feitos às memórias de Nava necessitassem de uma declaração por escrito, alguns dias após as ligações, remeteu uma epístola reafirmando em tinta e papel o que falara ao telefone.¹⁶¹

O uso da prática epistolar para a comunicação também, poderia estar relacionado ao recato de invadir o espaço privado da casa e do tempo do destinatário, conforme mostra Otto Lara em uma epístola, num momento que o memorialista estava recluso e sumido: “guardo sua resposta, que pode ser por telefone. Não telefono para não chatear”.

¹⁶¹ Carta de Otavio Mello Alvarenga a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1981. PN 29/AMLB/FCRB.

Ao mesmo tempo em que, a carta traz uma escrita pessoal, uma escrita de si, mantém uma distância entre os protagonistas do diálogo. A voz do remetente está no destinatário que lê a epístola e a distância permite uma elaboração das palavras que serão recebidas em outro tempo que não o mesmo da escrita. Já o telefonema, o tempo do falar e do ouvir é o mesmo, a pessoalidade é maior e sobra menos espaço para o ensaio.

Esses relatos exemplificados nesse capítulo, de encontros epistolares e locais de convivência com outros intelectuais e amigos nos mostraram uma face de Nava pouco conhecida até então. O mais comum é pensarmos no memorialista como o escritor recluso, que vivia fechado em seu apartamento do bairro da Glória por longos anos escrevendo suas memórias. No próximo capítulo, pretendemos mostrar um pouco mais da sociabilidade intelectual do memorialista, seus contatos profissionais e pessoais dentro dos círculos da elite intelectual das décadas de 1970 e 1980.

¹⁶² Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava, Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1983. PN 761/AMLB/FCRB.

Terceiro Capítulo:

Relações epistolares

A correspondência pessoal de um escritor é um espaço que ao mesmo tempo define a sua sociabilidade e é definido por ela, permitindo esboçar a rede de relações sociais de seu titular. No caso do memorialista Pedro Nava, as cartas serviram como espaço para manter relações pessoais que se pautavam, ou se iniciavam em torno de sua obra memorialística. Seus leitores enviaram sugestões, críticas, opiniões e, como era de se esperar, muitos elogios. Estas missivas nos dão pistas das redes de leitores que se formaram em torno de sua obra. Entre os que leram as memórias navianas e testemunharam em cartas suas opiniões, estão diversos escritores e homens de letras.¹⁶³

Essas epístolas, além de nos trazerem relatos subjetivos da apropriação dos textos navianos por parte dos leitores, nos ajudam a mapear os círculos letrados que Pedro Nava freqüentou, assídua ou esporadicamente.

Neste trabalho, entendemos o conceito de sociabilidade como um espaço de constituição de uma rede organizacional e como um microcosmo de relações afetivas. As cartas servem, portanto, para se entender esse pequeno campo e a própria noção de intelectual na

¹⁶³ Ao investigar a definição do significado da expressão “homem de letras” Roger Chartier afirma que, durante o século XVIII, alguns intelectuais idealizaram os letrados como indivíduos voltados para o estudo, a leitura e a vida em gabinetes. Entretanto se essa era a imagem ideal do homem de letras, a ela correspondia, desde o século XVIII, uma outra, mais real e cotidiana marcada justamente pelas estratégias de intercâmbios intelectuais. CHARTIER, Roger. “L’homme de lettres”. In: VOVELLE, Michel. *L’homme des Lumières*. Paris: Éditions du Seuil, 1996, p. 160. APUD: VENANCIO, Giselle. *Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna*. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ (tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Social), 2003. p.29.

sociedade moderna.¹⁶⁴

As cartas de um intelectual permitem vislumbrar a rede de relações sociais de seus titulares, ao mesmo tempo, que define o próprio intelectual a partir dessa rede.

A teia da correspondência de um intelectual permite vislumbrar a tessitura de sua rede pessoal e profissional e, através dela, pode-se caracterizar suas práticas de intercâmbio de idéias, de troca de livros e de divulgação de suas opiniões. Esboça-se assim, através da escrita epistolar parte de sua rede de sociabilidade, permitindo a (re) inserção de suas idéias em ambiente social e cultural.¹⁶⁵

Pedro Nava atuou de maneira mais efetiva no campo das letras durante a década de 1920 e, posteriormente, somente na de 1970. O seu círculo de relações pessoal e profissional continuou envolvendo um amplo espectro de “homens de letras”: escritores, jornalistas, poetas, ensaístas, políticos, bibliófilos, entre outros. Mas, foi somente, depois da publicação de suas memórias que o contato diuturno e a sua inserção no campo cultural brasileiro ou no seio da elite intelectual se tornou mais expressivo em sua trajetória.

De acordo com Sirinelli, os homens de cultura podem ser tanto os criadores - que participam da criação artística e literária ou no progresso do saber - como os mediadores - os que contribuem para difundir e vulgarizar os conhecimentos dessa criação e desses saberes culturais.¹⁶⁶ A classificação dos que pertencem a essa elite de criadores pode ser medida pela notoriedade, pela extensão da obra produzida e pelo reconhecimento por parte de seus contemporâneos. Quanto à mediação cultural, vai depender de seu poder da influência, algo muito

¹⁶⁴ GOMES, Ângela de Castro. “Em família: correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre”. In: _____ (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FVG, 2004. p. 52.

¹⁶⁵ VENANCIO, Gisele. “Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar.” In: GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p.114.

¹⁶⁶ SIRINELLI, Jean-François. “As elites intelectuais”. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Direc.) *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 259-261.

complexo de se aferir. Desta forma, a criação cultural e a mediação dependem muito da circulação dos saberes. As elites culturais definem-se não apenas pelo seu poder e pela sua influência intrínseca, como também pela própria imagem que o espelho social reflete.

Encontramos no arquivo de Nava cerca de 140 cartas de homens ligados às letras nacionais entre as décadas de 1970 e 1980. No quadro que consta no anexo 5 dessa dissertação, está quantificado esse grupo de remetentes.

Apresentações epistolares

As cartas serviram como um meio de aproximação entre os homens que detinham capital social, no caso de Pedro Nava, o seu epistolário demonstrou o seu reconhecimento pelos círculos letrados.

Ao menos até onde as missivas deixam transparecer, alguns homens de letras não conheciam Nava pessoalmente e foram estreitando os laços de amizade através de cartas. É o caso do jornalista paulista Clóvis Pacheco, que em 18 de fevereiro de 1980 enviou agradecendo, surpreso, a missiva enviada por Nava ao jornal em que trabalhava e no qual, publicou artigos sobre as memórias navianas. Na carta, Pacheco se apresentou, contou sobre sua esposa, que no momento era orientada por Antônio Cândido em sua dissertação de mestrado sobre Murilo Mendes e outros poetas. O remetente procurou mostrar em suas linhas epistolares, sua inserção em alguns círculos intelectuais e sua familiaridade com o objeto que o insere também nesse campo letrado, o livro:

Somos um casal que cultiva a literatura. [...] Desde rapaz afeiçoei-me aos livros e descuidei de tudo o mais para amearhar livros. Hoje temos uma biblioteca que Aurélio Buarque de Holanda calculou em oito mil livros há três anos. Cresceu muito depois de sua visita em 1977.

Clóvis Pacheco contou a Nava sobre suas relações epistolares também com outros intelectuais e escritores:

Coleciono primeiras edições e tenho assim, uma

infinidade de livros que valem muito. Igualmente aprecio livros autografados, como acontece com os de Drummond, de quem somos amigos epistolares. Correspondemo-nos há muitos anos. [...] Sempre cultivamos amizades com intelectuais e isso é o nosso prazer maior.¹⁶⁷

O remetente encerrou seu contato epistolar com uma poesia de sua autoria, “obedecendo ao mesmo mote que o Sr. Vinícius e Bandeira seguiram”, convidando Nava a visitá-lo em seu apartamento em São Paulo, onde teria a “maior satisfação em recebe-lo”, como recebeu Aurélio Buarque há algum tempo atrás.

Nas cartas seguintes, após o recebimento da primeira carta-resposta do memorialista, o remetente já sentiu-se mais à vontade e íntimo nos cumprimentos dos códigos epistolares. As cartas de Clóvis Pacheco mostram claramente a evolução da intimidade nos termos de abertura das missivas: a primeira é dirigida ao “Doutor Pedro Nava”, a segunda e a terceira, “Meu Caro Dr.”, sendo que a quarta passou para “Meu querido amigo Pedro Nava”. Uma forte aproximação unicamente epistolar até então.

Paulo Mendes de Almeida também era desconhecido de Nava quando recebeu um livro seu, enviado pelo próprio autor. Ao longo das cartas vemos também o fortalecimento dos laços afetivos, não apenas nos tratamentos e despedidas, que vão de “Caro Pedro Nava” a “Meu amigo Pedrão” à referências familiares, como também nos relatos de visitas pessoais a casa do memorialista, juntamente com a esposa, que passou a fazer parte das despedidas epistolares.

Outro Paulo, agora Duarte, enviou de São Paulo uma carta de apresentação dizendo-se já amigo de Nava, por saber dele pelos seus livros e por terem amigos de amigos em comum: “É evidente que você é meu velho conhecido. E amigo também. Pelos seus excelentes livros Baú de Ossos e Balão Cativo e, mais ainda, pela nossa amizade comum de Maria Amélia e Sérgio Buarque”. Essas amizades em comum serviram para aproximar os homens e mulheres de letras entre si. As cartas nos mostram como a circulação de nomes e obras de outros escritores circulavam no universo dos letrados, legitimando e incluindo

¹⁶⁷ Carta de Clóvis Pacheco a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 1980. PN 673/AMLB/FCRB.

outros intelectuais nele.

Papéis de carta

A análise dos códigos epistolares também passa pelo suporte sob o qual se elabora uma carta. Conforme afirmamos no capítulo anterior, acreditamos na existência de uma cultura da escrita epistolar que se utilizou de suportes específicos para se desenvolver. Muitas das cartas enviadas à Nava foram escritas num papel com o nome do remetente timbrado, na parte superior ou final da folha.

O amigo mineiro Otto Lara Resende, o bibliófilo paulista José Mindlin, a contrerrênea mineira Rachel Jardim, o jornalista Clóvis Pacheco, a filha do amigo Carlos, Maria Julieta Drummond de Andrade, o adido cultural do Brasil no Uruguai José Guilherme Merquior, Olavo Drummond e o jornalista Emil Faraht são alguns dos remetentes *profissionais* que enviaram seus escritos em papéis específicos para o uso epistolar.

Estes suportes personalizados para a escrita de cartas fazem parte de uma passagem de uma escrita de ordem menos privada, mas não menos de si, para uma escrita mais pública, mas profissionalizada, o que nos permite uma interpretação dos processos, das práticas, dos gestos envolvidos nas escolhas e nos usos desse ou daquele suporte.¹⁶⁸

Tecendo redes, tecendo obras.

Outra forma de agrupar as missivas seriam através do que Michel Trebitsch denominou de *correspondências-laboratório*, em que as idéias trocadas pela via epistolar fazem parte do próprio trabalho intelectual. Estas cartas são destacadas tanto por sua função de estímulo, inspiração e desenvolvimento do trabalho intelectual quanto pelo seu conteúdo, pois ele próprio é constitutivo desse trabalho. Este conjunto,

¹⁶⁸ HÉBRARD, Jean. “Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias. A escritura pessoal e seus suportes”. In: BASTOS, Maria Helena Câmara, CUNHA, Maria Teresa Santos e MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Orgs.). *Refúgios do eu*: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000. p. 29.

que não é naturalmente um grupo de cartas mas, assim colocados por esta dissertação, contém as epístolas que tratam de questões de cunho intelectual: opinião sobre os livros de Nava e de outros autores, sugestões de mudanças nas memórias, convites para entrevistas, artigos e prefácios, intercâmbio de livros e outras estratégias de divulgação da obra do autor.¹⁶⁹

O cronista Rubem Braga, que juntamente com Fernando Sabino e Otto Lara Resende fundou em 1968 a Editora Sabiá que editou o primeiro livro de Nava, enviou elogios e sugestões para *Baú de Ossos* em uma epístola:

p. 279: deve ser cúmulo onde está cumulus. Pag. 225: esta mal diagramado: a nota de pé-de-página está mal separada do texto, e não há sinal de que passa de uma página para outra. Acho que a leitura do livro seria melhor se uma boa parte das notas genealógicas ficassem para fim de capítulo ou fim de livro, assim como a numeração de fundadores e membros da Padaria Espiritual. Estou seco para ler o segundo volume. Abraço.

Neste caso o remetente tinha a liberdade de ser o editor. Mas outros remetentes-leitores também quiseram dar suas sugestões ou participar do fazer literário.

O escritor Marques Rebelo, em 12 de março de 1973, além dos elogios a *Baú de Ossos* apontou erros de grafia e de nomes de bichos presentes no livro, como o episódio da jibóia que comeu um touro, descrito por Nava que “nem uma sucuri conseguiria comê-lo na ocasião”. E continuou: “não sei se vale a pena alterar uma página tão bem escrita, mas não verdadeiramente científica”.

Por várias vezes durante a leitura das missivas enviadas à Nava, nos defrontamos com notícias de envio de livros a ele. Alguns de

¹⁶⁹ A historiadora Giselle Martins Venâncio rastreou no conteúdo das cartas enviadas a Oliveira Vianna este tipo de assunto. Este conjunto de cartas foi analisado em sua tese tanto no capítulo 3, quando ao tratar do processo de formação do acervo da biblioteca privada de Vianna, investigou através das cartas trocadas com intelectuais, o movimento de intercâmbios de livros, quanto no capítulo 4, ao se questionar, por meio das cartas de agradecimento, a estratégia utilizada por Vianna para a divulgação de seus livros, textos e idéias.

escritores menos conhecidos que usavam a remessa como estratégia de divulgação e conhecimento de sua obra dentro de círculos intelectuais já consagrados, outros de homens de letras já reconhecidos como tal, mas que também esperavam uma resposta, de preferência positiva, do médico-memorialista. Isso fica bem claro, no trecho da epístola de Miguel de Almeida, falando sobre seu livro de poemas *Dobrando Esquinas*: “queria que você gostasse, eu ficaria muito contente. te ligo no final de semana. Abraços.”¹⁷⁰

As cartas do jornalista Clóvis Pacheco para Nava também trouxeram outros pontos comuns aos missivistas de Pedro Nava: pedidos relacionados às memórias. O jornalista anexou um bilhete escrito à mão pedindo ao destinatário como poderia enviar-lhe os livros para que autografasse, dizendo já ter feito isso até com Carlos Drummond. Dificilmente, Nava negaria um pedido que já havia sido aceito até pelo mais arredio dos escritores mineiros de sua geração!

Nas cartas podemos ver uma rede de distribuição de livros entre Nava e seus pares. O próprio memorialista enviou vários exemplares de suas memórias aos seus leitores-escritores. Os jornalistas Miguel de Almeida, Edgar de Alencar, Otto Lara Resende, Clóvis Pacheco foram alguns dos que receberam as memórias à domicílio. O jornalista-remetente Miguel de Almeida enviou de São Paulo notícias à Nava sobre a circulação de seus livros. Ao que tudo indica, o memorialista havia enviado um livro de sua autoria a Almeida para que entregasse a Mário da Silva Brito, estudioso e crítico literário: “nava, recebi sua carta e já envio o livro ao mário da silva brito. o lançamento em são paulo foi ótimo, muita gente. vou em breve ao rio e teremos bom teço de prosa. abraços saudosos.”

O amigo Otto Lara Resende escreveu pedindo o envio de um exemplar a um amigo comum:

Pela undécima vez, o Hélio Pólvora, que Você conhece da leitura no JB, me garante que não recebeu o seu Baú. E sustenta que é discriminação anti-baiana, ou pelo menos contra Itabuna. Pela undécima vez, prometo ao Hélio reclamar de Você a correção desse equívoco. Agora reclamo mesmo. Será que V. pode mandar-lhe um

¹⁷⁰ Carta de Edgar de Alencar. S.I. e S.d. PN 26/AMLB/FCRB.

exemplar da segunda edição? Ele ficará por certo fulminado pela imensidão desse vitorioso Baú.¹⁷¹

A troca epistolar exigia dos missivistas: escrever, ler, responder e guardar cartas, como apontou uma analista. Também, os códigos de comportamento ditavam as regras que após receber um “mimo” (no caso, os livros de Nava), o destinatário precisava escrever ou ligar agradecendo e juntamente com o agradecimento vinham as considerações do leitor.

O ato de ler é uma prática de articulação e, não, de reconstrução do sentido de um texto. Uma prática que sendo individual, orienta-se pelas opções coletivas disponíveis em certo contexto político-cultural, o que permite verificar que todo texto é lido em função de outros e em função de algumas idéias que mobilizam mais um indivíduo ou grupo, constituindo uma certa tradição que se segue ou rejeita.¹⁷²

Edgar de Alencar, escrevendo do Rio de Janeiro, agradeceu em 1979 o envio de *Beira-mar* e em 1981 por *Galo-das-Trevas*, afirmando: “No meu modo se sentir (como leitor, é claro) você é o maior fenômeno das letras brasileiras de todos os tempos. (...)”.¹⁷³ Paulo Mendes de Almeida também acusou o recebimento de Baú de Ossos, em 1973, tendo-o recebido mesmo sem conhecer Nava pessoalmente: “[...] aliás, não foi surpresa para mim, embora conhecesse como todo mundo somente as pouquíssimas coisas que a sua avareza permitiu que viesse a lume. Espero ter, um dia, o prazer de vê-lo, de conversar com v., de ouvir de v. mesmo, as fabulosas histórias de Pedro Nava que nossos

¹⁷¹ Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 1 de agosto de 1973. PN 761/AMLB/FCRB.

¹⁷² GOMES, Angela de Castro. “Em família: correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre”. In: _____ (Org.). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: FVG, 2004. p. 71.

¹⁷³ Carta d Edgar de Alencar a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1981. PN 19/AMLB/FCRB.

amigos me contam”.¹⁷⁴

O advogado e escritor Paulo Duarte nos informou sobre um artigo publicado por Nava no *Jornal do Brasil* elogiando seu livro *Razões de Defesa por ter Vivido*. O remetente contou que enviou o livro ao memorialista, mas, não obteve resposta, nem acusou o recebimento, foi quando teve a surpresa de um artigo no jornal. Na mesma carta enviou outro livro, pedindo que Nava emitisse sua opinião sincera com “franqueza que usasse seria uma colaboração”.¹⁷⁵

A escritora Rachel Jardim, lançando-se como memorialista, enviou o livro *Os anos 40* ao já consagrado escritor de memórias e pediu uma resposta: “Pode devolver o livro pelo correio, se quiser, com uma palavra apenas: Li. Ficarei feliz”.¹⁷⁶

Olavo Drummond em 1983 escreveu a Nava agradecendo a apresentação que fizera ao seu livro *Ensaio Geral*, que haveria “de fulgir com a iluminação dos seus conceitos.”¹⁷⁷ Esses pedidos de apresentações e orelhas de livros também eram constantes nas cartas enviadas a Nava, principalmente se tratando de escritores com uma obra não muito divulgada nos meios culturais.

Em carta de 24 de janeiro de 1980, o amigo mineiro altamente envolvido com as querelas intelectuais das décadas de 1970 e 1980, Otto Lara Resende, escreveu a Nava dizendo ter recebido “um bilhete seu, de fim de ano, registro do recebimento do livrinho que lhe mandei, Vila Boa de Goiás”. Nas suas cartas também existem muitos relatos de entrevistas e escritos de Nava: “Vi sua entrevista a Gilberto Vasconcellos (quem é esse bárbaro?) na FSP. Boa foto”.

Nas missivas encontramos também alguns pedidos de indicações de leitura ou esclarecimentos acerca de assuntos que Nava dominava:

Por uma leviandade incrível, assumi o compromisso de falar sobre memorialística brasileira, num próximo dia em setembro. Guguta (Brandão) me pegou no enterro do Vinicius,

¹⁷⁴ Carta de Paulo Mendes de Almeida a Pedro Nava. São Paulo, 9 de janeiro de 1973. PN 28/AMLB/FCRB.

¹⁷⁵ Carta de Paulo Duarte a Pedro Nava. São Paulo, 16 de fevereiro de 1976. PN 321/AMLB/FCRB.

¹⁷⁶ Carta de Rachel Jardim a Pedro Nava. S.l. e S.d. PN 471/AMLB/FCRB.

¹⁷⁷ Carta de Olavo Drummond a Pedro Nava. São Paulo, 22 de novembro de 1983. PN 318/AMLB/FCRB.

entende-se. Na hora não me dei conta. Agora queria saber se V. não poderia me indicar algum texto seu (não precisa ser inédito), uma entrevista, qualquer coisa como esse da FSP, sobre “por que escrever memórias”. Se for preciso explico melhor ao telefone.¹⁷⁸

Nas cartas desses homens de letras também existem notícias acerca de produções de terceiros, mas geralmente, um conhecido em comum do remetente e do destinatário: “O Fernando está a todo vapor preparando uma promoção avassaladora para a entrada de “O gato sou eu”, que já li nos originais (são crônicas de jornal).”¹⁷⁹

Em uma das poucas cartas escritas por Nava que tiveram seus rascunhos arquivados está uma direcionada a Oscar Niemeyer, data de 21 de setembro de 1977. Ela nos traz mais relatos sobre as amizades intelectuais do memorialista. Com ela Nava agradece a remessa de um livro sobre a vida e a arte do arquiteto. “É uma honra ser contemporâneo e amigo de homens como o Drummond, o Portinari e Você. Principalmente quando se recebe uma dedicatória como a sua e o tratamento de amigo”.¹⁸⁰

Os pedidos de livros autografados ou com dedicatórias também ocuparam lugares nas linhas epistolares direcionadas a Nava. Em carta de 25 de junho de 1976, o contumaz missivista Otto Lara pediu ao amigo “sem constrangimento” para pegar um exemplar na “Zé Olympio e dedicar a Luis Eduardo Borgerth” e enviá-lo a “TV Globo, na rua Lopes Quintas, 303, 10º andar. Ou aos meus cuidados, no mesmo endereço, o que evita desvio e roubo”. A carta seguinte vai pedindo ao “Nava querido”: “aqui vão tres exemplares do Chão de Ferro que prometi a tres amigos, com a dedicatória do autor. Posso merece-la?”

Interceda por nós

Os pedidos de intercessão de Nava junto a outros intelectuais

¹⁷⁸ Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1980. PN 761/AMLB/FCRB.

¹⁷⁹ Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1983. PN 761/AMLB/FCRB.

¹⁸⁰ Rascunho de carta provavelmente enviada a Oscar Niemeyer. Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1977. PN652/AMLB/FCRB.

foram assuntos de algumas missivas recebidas pelo memorialista.

Edgar de Alencar em junho de 1982 enviou, acompanhado de uma cartinha, folhetos de Cordel de sua autoria, pedindo a Nava que entregasse alguns ao Plínio Doyle, para que este distribuisse aos Sabadoylianos: “Mas o seu e do Drummond vão antes”.¹⁸¹

O então procurador da República e homem envolvido com as letras brasileiras, Olavo Drummond, também pediu o auxílio de Nava para que umas linhas de sua autoria chegassem às mãos do poeta itabirano: “Estou acompanhando emocionado as homenagens que o país presta a CDA. Na televisão ele se confessou agnóstico. Daí surgiu o bilhete-poema, que eu lhe envio. Mande, também ao nosso Carlos, mas estou certo de que a avalanche de correspondência que o sufoca, há de impedi-lo de tomar conhecimento da homenagem de minha inspiração.”¹⁸² Talvez se chegasse pelas mãos de Pedro Nava o homenageado leria.

Outro exemplo é o de Paulo Mendes de Almeida que pediu para que Nava intercedesse junto a Drummond, o poeta pouco sociável:

Tenho um favor muito chato a lhe pedir, ou melhor, o que desejo é que v. complete um favor chato que já lhe pedira. Trata-se do seguinte: até hoje (desde novembro) o Carlos Drummond sequer acusou o recebimento do meu livro. Teria o Plínio Doyle se esquecido de fazer-lhe a entrega? V. poderia bater um telefonema para o Carlos? Seria pedir-lhe demais? Mande-lhe o livro por conter muitas referencias ao Poeta e a fatos de que ele foi protagonista. Julguei que tinha até mesmo o dever de enviar-lhe um exemplar, tanto mais quando, embora distantes, nossas relações são bem [?] e as mais cordiais. Mas não seria delicado que eu lhe fizesse a pergunta. Não lhe parece? ¹⁸³

¹⁸¹ Carta de Edgar de Alencar a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 10 de junho de 1982. PN 19/AMLB/FCRB.

¹⁸² Carta de Olavo Drummond a Pedro Nava. São Paulo, 9 de novembro de 1982. PN 318/AMLB/FCRB.

¹⁸³ Carta de Paulo Mendes de Almeida a Pedro Nava. São Paulo, 28 de março de 1977. PN 28/AMLB/FCRB.

Maria Julieta Drummond também pediu ao amigo Nava para interceder junto a outro intelectual¹⁸⁴, enviando com sua carta uma cópia da que havia mandado a Antônio Cândido, que não obtivera resposta. A remetente não escreveu, mas provavelmente era para que Nava fizesse o contato por ela.

Escritoras-remetentes

Até aqui pouco falamos de cartas femininas remetidas a Nava. No arquivo do memorialista, a maioria das remetentes mulheres foram leitoras ordinárias. Os nomes femininos mais conhecidos entre as missivistas são: Lygia Fagundes Telles, Rachel Jardim, Rachel de Queiróz (prima de Nava) e Maria Julieta Drummond.

A correspondência com Raquel Jardim, sua conterrânea de Juiz de Fora, tratou principalmente do funcionamento do Conselho Municipal de Proteção Cultural do Rio de Janeiro. Pedro Nava, ao assumir a presidência desse Conselho¹⁸⁵, chamou Rachel Jardim, que já era funcionária pública, para ser sua secretária executiva. Em uma longa carta datada de 9 de agosto de 1983, a também memorialista explicou-se sobre situações ocorridas no Conselho, falando “não ao chefe, mas ao amigo, ao médico, ao ser humano de rara qualidade”. Rachel Jardim não foi somente a secretária do Conselho, lançou-se escritora em 1973 com um livro de memórias além de ter em suas cartas a Nava assuntos ligados às publicações que estava organizando. Entre elas uma antologia chamada *Mulheres e Mulheres* onde o médico-memorialista teria reservadas algumas linhas.

A filha de Carlos Drummond de Andrade, Maria Julieta, além da amizade com Nava herdada do pai, também serviu como ponto entre o memorialista e editores argentinos, que lançaram uma seleção de suas

¹⁸⁴ Carta de Maria Julieta Drummond de Andrade a Pedro Nava. Buenos Aires, 23 de março de 1980. PN 40/AMLB/FCRB.

¹⁸⁵ Segundo Vasconcellos, a preocupação e o interesse de Nava pelo patrimônio histórico da cidade que escolhera para viver era tamanho que, ao ler a notícia publicada em *O Globo* de 11 de abril de 1970, de que o elevado do Santa Bárbara poria abaixo algumas residências do Catumbi, dirigiu-se ao bairro para apreciá-las pela última vez. Em seu recorte de jornal, desenhou um croqui das ruas percorridas e fez a seguinte anotação: “Fiz este passeio a 12.IV, para me despedir das velhas casas que vão cair” VASCONCELOS, Eliane. “De bissexto a contumaz. O arquivo pessoal de Pedro Nava.” In: _____ (Org.). *Inventário do Arquivo Pedro Nava*. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2001. p.20.

memórias no livro *Poliedro*. Suas cartas eram repletas de afetuosidade e referências familiares.

A escritora Lygia Fagundes Telles tem duas cartas suas arquivadas por Nava, uma rápida em forma de telegrama, parabenizando o memorialista por algum prêmio recebido e outra, escrita à mão, exaltando o escritor: “Aí está a prova das suas pompas e glórias em terras bandeirantes. Beijo”.¹⁸⁶

“O homem e a obra, os dois vão sempre juntos”:¹⁸⁷ Elogios às Memórias.

“Diante do monumento de solidez e eternidade que é a pena, que é a obra, que é o texto de Pedro da Silva Nava. Gigante! Gênio! Seu humilde indigno servo e leitor.” Foi com essas palavras que Otto Lara Resende encerrou sua carta de 1 de setembro de 1978, louvando a obra e estendendo para o autor o louvor.

As cartas são capazes de apresentar um testemunho registrado no momento da leitura ou logo depois dela, dando ao pesquisador a oportunidade de visualizar o relato sem depender apenas dos depoimentos orais apoiados na memória dos leitores. Segundo Trebitsch, as cartas são uma das raras fontes escritas sobre um modelo de relações sociais dominada pela oralidade.¹⁸⁸

Antonio Cândido, em 1976, escreveu a Nava demonstrando sua admiração pela obra e estendendo-a ao próprio escritor, enviando a palestra que faria em Belo Horizonte na Semana de Estudos Mineiros. Disse que gostaria de falar só de Nava na palestra, mas teria que falar da universalidade da literatura mineira contemporânea e enviou junto um ensaio a publicar que seria essa a “primeira tentativa que vale como oportunidade para dizer publicamente numa boa ocasião” o que pensava sobre a obra “extraordinária”.

¹⁸⁶ Carta de Lygia Fagundes Telles a Pedro Nava. Rio de Janeiro, novembro de 1983. PN 903/AMLB/FCRB.

¹⁸⁷ DARNTON, Robert. “A leitura rousseauista e um leitor “comum” no século XVIII”. In: CHARTIER, Roger. (Org.). *Práticas da leitura*. 2ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. p. 161.

¹⁸⁸ TREBITSCH, Michel. “Correspondances d’intellectuels. Lês cãs dês lettres d’Henri Lefebvre à Norbert Guterman”. In: (Orgs.) RACINE, Nicole; TREBITSCH, Michel. *Les Cahiers de L’IHTP*, n.20: Sociabilités intellectuels: lieux, milieux, réseaux. Paris: IHPT-CNRS, mars 1992, p. 10.

As memórias de Pedro Nava fizeram parte de memórias de toda uma geração que viveu o mesmo período. As epístolas que trouxeram elogios à obra naviana por muitas vezes também trouxeram reminiscências do signatário. “Como o tempo passou depressa meu amigo! Como éramos jovens e o mundo nos parecia melhor! Com você, levado por você, estou passeando pela Lapa dos nossos velhos tempos! [...] Bons tempos Nava”.¹⁸⁹

Como já afirmamos, as memórias renderam muitas linhas nas cartas remetidas a Pedro Nava. E um assunto recorrente em relação a elas era sobre a vinda dos outros volumes. Para exemplificar usamos novamente uma carta de Otto Lara, que em 1983, cobrou o próximo volume: “por que o seu livro não lançado lá? [na Feira do Livro em Copacabana] Espero que saia logo. Apresse o editor, para que não nos negue esse presente de Natal”.¹⁹⁰

Cartas de longe

Através da correspondência é possível estudar a constituição de uma rede de contatos que permitem situar Pedro Nava como integrante de produções culturais que por vezes extrapolaram os limites nacionais, como foi o caso da publicação de seus livros no exterior. Maria Julieta Drummond de Andrade trabalhou na organização de uma coletânea da obra de Nava que foi lançada em língua espanhola sob o título de *Poliedro*. Em 1979 ela enviou uma epístola informando o destinatário sobre a postergação do lançamento do livro.

Também de Buenos Aires, Alejandro Rodriguez Bustamante, que dirigia a *Revista Brasil-Cultura* enviou uma carta informando Nava sobre uma tradução que fizera para tal periódico:

[a tradução] nos há arrancado sangre, sudor y lágrimas. (...) Así como hemos editado em B-C el tema de las cocinas de sua abuela, cualquier otro trabajo sobre usos y costumbres, sobre características de su pueblo o reflexiones sobre su

¹⁸⁹ Carta de Oscar Niemeyer a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1981. PN 652/AMLB/FCRB.

¹⁹⁰ Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1983. PN 761/AMLB/FCRB.

geografía, nos interesa. También cabría la posibilidad de incluir em nuestra sección ANTología textos breves o fragmentos de obras mayores.¹⁹¹

José Guilherme Merquior, correspondeu-se com Nava durante sua estada em Londres e principalmente quando foi adido cultural do Brasil no Uruguai e em 1980 organizou, juntamente com Maria Julieta, a viagem para que o memorialista difundisse sua obra.

E logo após a publicação de *Poliedro*, chegou a Nava uma boa notícia: um artigo elogiando a obra publicado por María Esther Vázquez no jornal *La Nación*.¹⁹²

Consultas epistolares

O médico Pedro Nava foi muitas vezes evocado por seus missivistas. Em suas memórias, como não poderia deixar de ser, a medicina ocupou grande espaço de suas linhas. São relatos dos tempos da faculdade, do consultório numa narrativa repleta de termos médicos e um método investigativo muito próximo da área médica. “O olhar do narrador se aproxima do olhar do médico”¹⁹³.

Otto Lara Resende, em uma carta¹⁹⁴ pediu a Nava: “quem sabe Você pode dar uma orientação [sobre diálise] ao Marco Aurélio? Ele enfrenta a doença com destemor, como lhe disse”. Clóvis Pacheco contou detalhadamente suas aporrinhações físicas:

estou há anos tomando dilatadores e Hisgroton Reserpina. Depis de usar Isordil por muito tempo, um médico do Hospital dos Servidores me receitou Dilacorón 40, três ao dia. Mas o que me judia mesmo é a artrose nos dois joelhos [...] Eu não me queixava mais da artrose, mas voltou

¹⁹¹ Carta de Alejandro Rodríguez Bustamante a Pedro Nava. Buenos Aires, 18 de julho de 1979. PN 782/AMLB/FCRB.

¹⁹² A própria autora do artigo enviou uma carta comunicando a Nava sua publicação no jornal. PN 928/AMLB/FCRB.

¹⁹³ LIMA FILHO, Henrique Espada Rodrigues. *Descriirreconstrução: cultura e memória em Pedro Nava*. p.39.

¹⁹⁴ Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava, Rio de Janeiro, 9 de março de 1983. PN 761/AMLB/FCRB.

quando um médico nosso amigo esteve à morte eu passei a noite toda na ante-câmara dele, como num velório. E a partir daí meu estado se agravou novamente. [...] Já tenho feito infiltrações, mas o meu ordopedista me disse que não podem ser muito frequentes. Contento-me com injeções, supositórios e capsulas de Profenid. [...] Numa das vezes que estive internado, sofri quatro paradas cardíacas.

E assim seguiu por mais seis parágrafos. Talvez esperasse uma resposta do médico ao não tão breve relato de seus males do corpo.

Outro escritor amigo de Nava, Dalton Trevisan, ocupou muitas linhas escrevendo sobre seu estado de saúde ao médico-memorialista. São cerca de 20 missivas que incluíram exames de urina, sangue e radiografias, além do detalhamento das consultas a outros colegas de Nava e dos remédios que estava tomando. Verdadeiras consultas médicas epistolares!

De São Paulo também vieram pacientes-missivistas: Miguel de Almeida contou em carta de 15 de agosto de 1983 seus males de saúde, esboçando com certo humor o que somente um médico poderia entender:

hoje escrevo são seis da tarde. não fui trabalhar: um dente infeccionado me deixou com cara de buldogue – aliás, se fosse cara de buldogue até eu ia, mas como é um lado só, fica meio capenga, nada estético. o dentista me aconselhou a bocejar – ou buchechar? – dia inteiro, com água quente. é o que faço há horas. me sinto ridículo a cada meia hora esquentando água na cozinha, pondo numa caneca e subindo escadas em direção ao banheiro. lá, me sinto mais cretino: encho a boca d'água quente e oh – rosorosoros (é o barulho da água na boca!) não me aguento olhando no espelho. a cada situação a gente é posto por causa duma doenzinha besta. a culpa é minha, me entrego. faz tempo que a dentista (é mulher, a safada) manda recados pela claudia: oh, esse seu dente vai dá problemas. deu, né? fiquei duas noites sem dormir, uma dor filha da puta, funda, funda, nenhum remédio dando jeito. e olha que ara dia,

ou melhor, fim-de-semana que eu ia ao rio. já pensou que desgraça maior?

O humor na escrita está relacionado com uma certa intimidade do desabafo que se fez ao médico. E o amigo Otto Lara Resende, sempre com sua escrita muito humorada (no sentido bom e mau), em 6 de maio de 1974 escreveu: “estou numa gripe feia. E num mood de segunda-feira. Do fundo do poço, ainda sabendo que a vida vale a pena para admirar pessoas como Você e obras como a sua”¹⁹⁵.

“São coisas que só assentam bem numa epístola”¹⁹⁶

Mario de Andrade não fora o único a expressar melhor suas opiniões através de sua persona epistolar.¹⁹⁷ Alguns dos missivistas de Nava trataram nas cartas de assuntos delicados de se dizer pessoalmente. Um exemplo é o caso de Rachel Jardim que, logo após ter falado no telefone com Nava, desabafou seus sentimentos numa missiva: “Confesso que depois de falar ao telefone com você, considere-me a pessoa mais injustiçada do mundo.” Numa carta de seis páginas conseguiu escrever tudo o que não conseguiu falar ao telefone.¹⁹⁸

Outro remetente¹⁹⁹, “com a intimidade respeitosa que as amigas realmente sentidas conferem aos interlocutores”, pediu a Nava intervenção numa questão delicada. Já havia enviado seu currículo ao Francisco de Assis Barbosa para que lhe conseguisse um cargo na Fundação Casa de Rui Barbosa. O signatário dizia encontrar-se em “estado de calamidade econômica plena”, sem “nenhuma hipérbole!” A

¹⁹⁵ Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava, Rio de Janeiro, 6 de maio de 1974. PN 761/AMLB/FCRB.

¹⁹⁶ Trecho de carta de Ricardo Máximo a Pedro Nava, Rio de Janeiro, 23 de junho de 1983. PN366/AMLB/FCRB

¹⁹⁷ PIRES JUNIOR, Sidney Oliveira. Embates de um intelectual modernista. Papel do Intelectual na correspondência de Mário de Andrade. Tese de doutorado. Orientadora: Zilda Márcia Gricoli Iokoi. Universidade de São Paulo, FFLCH, Departamento de História. 2004. p.42.

¹⁹⁸ Carta de Rachel Jardim a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1983. PN 471/AMLB/FCRB.

¹⁹⁹ Decidimos não citar o nome do remetente diante de uma questão tão delicada e por vezes constrangedora.

gravidez de sua esposa dificultou ainda mais sua frágil situação financeira, dando um “toque de doce barbárie a ela.” Sua vida acadêmica e seus contatos universitários estavam defasados pela longa estadia na Europa e na sua volta presenciou “o anti-espetáculo dos grupos constituídos, os feudos demarcados, as capitanias espirituais acaparadas”. Se não fosse a amizade que construiu com Nava, com Francisco Iglésias e com Alceu Amoroso Lima, sua “solidão sócio-intelectual conquistaria um recorde planetário!” Após tentar diversas Instituições de pesquisa, não obteve o menor sucesso. Assim é que, “respeitando muito afetiva e intelectualmente” Pedro Nava, decidiu escrever-lhe a tal missiva, sem querer de forma alguma constranger o amigo. Após a devida introdução, pede a intercessão do memorialista junto a seu colega Jamil Haddad. O autor da carta diz que o prefeito tem um bom trânsito junto ao Brizola e ao Darcy Ribeiro, que poderiam coloca-lo no âmbito municipal ou estadual. E finaliza: “Como vê, são coisas que só assentam bem numa epístola”.

Com a carta, o remetente sentia-se menos invasivo, com mais tempo para programar e organizar sua fala e seus argumentos. Na carta seguinte o mesmo signatário escreveu sobre seus bons pensamentos a respeito da figura de Nava, enviando juntamente seu currículo: “sei perfeita e absolutamente que se bastasse o império de seu coração, minha incorporação estaria assegurada. Ainda uma vez mais, muito obrigado por tudo!”

Cartas-convite

Muitas das missivas que integram o arquivo de Nava, não tratam de assuntos extensos, nem diretamente sobre a obra memorialística. Sob esta classificação, podemos colocar as cartas curtas de felicitações pelos aniversários de Nava, principalmente seu octogésimo aniversário, que foi comemorado com entusiasmo pelos intelectuais mineiros, pelos sabadoylianos e pela elite intelectual em geral. Francisco Iglesias na ocasião escreveu: “como todo cidadão brasileiro, estou hoje embandeirado na comemoração dos seus oitenta anos. Gloriosos oitenta anos! Vida de trabalho, exercício constante da inteligência e da dignidade, entrega ao próximo, tudo em função da causa pública, ou, simplesmente, do homem. [...] Bem, esta é apenas

para o meu abraço de aniversário. Tudo de bom, caro amigo”.²⁰⁰

Nesse tipo de correspondência ordinária, importante para manter a rede de relações sociais em dia, incluímos os convites para eventos sociais, os cartões de Boas Festas, felicitações por Prêmios recebidos e por aniversários. Um exemplo é um cartão de Darci Ribeiro desejando vida longa e felicidades ao memorialista²⁰¹, único registro do remetente.

Aqui também colocamos os convites recebidos pelo memorialista para estar em eventos sociais: “Hoje, queda da Bastilha, o Walter Clark faz 40 anos. Gostaria de ter Você entre os amigos que vão com ele tomar um drink, no Country, a partir das 19 horas. Você é pescoço forte, Nava.”²⁰²

Cartas Institucionais²⁰³

O médico Pedro Nava esteve *enredado* nos círculos médicos intelectuais, que o ligavam à medicina, às letras e às humanidades, como podemos ver nas cartas da *Sociedade Brasileira de Médicos Escritores*. A medicina há muito tempo já vinha estabelecendo relações diretas com o poder estatal. No início do século XX, eram os “homens da ciência” e de “letras” que formavam o alto escalão da intelectualidade brasileira. Eles mantinham práticas singulares de sociabilidade, canais através dos quais veiculavam suas idéias e estabeleciam suas relações com o conjunto da sociedade.²⁰⁴

A *Sociedade Brasileira de Médicos Escritores* enviou à Nava três cartas que vão de julho de 1976, informando a admissão do médico-escritor na instituição, a outubro de 1981, comunicando que o mesmo foi escolhido o médico-escritor do ano.

²⁰⁰ Carta de Francisco Iglésias a Pedro Nava, Belo Horizonte, 5 de junho de 1983. PN458/AMLB/FCRB.

²⁰¹ Carta de Darci Ribeiro a Pedro Nava. São Francisco (EUA), 16 de fevereiro de 1982. PN 765/AMLB/FCRB.

²⁰² Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1976. PN 761/AMLB/FCRB.

²⁰³ Estas nomeações foram dadas apenas para este trabalho, não são classificações das seções do arquivo de Pedro Nava. Estamos cientes de que estes papéis por si sós não tem o sentido que estamos dando a eles como um conjunto.

²⁰⁴ VENANCIO, Gisele. *Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna*. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ (tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Social), 2003. p.32

Nas cartas recebidas e guardadas por Nava, verificamos algumas que dizem respeito a prêmios oferecidos a ele por seus escritos memorialísticos. A *Associação Paulista de Críticos de Artes*, em março de 1974, enviou uma missiva comunicando que o autor de *Baú de Ossos* foi contemplado como melhor escritor na categoria *Ensaio* daquele ano.

A *BC Editora Jornalística*, escreveu em 1983 homenageando Nava pelo recebimento do Prêmio Personalidade Global:

Por acreditar que Pedro Nava é uma pessoa que está trabalhando com persistência e dinamismo para superar o pouco otimismo das previsões que têm sido feitas, tomamos a liberdade de destacar Pedro Nava como personalidade global de 1983. Sabemos o muito que Vossa Senhoria poderá contribuir para ajudar o Brasil a enfrentar os problemas atuais, não só pela sua tradição de escritor ativo e dinâmico como também pela liderança que decore de sua indiscutível personalidade.

Na sequência da carta, deixam claro que não querem associar o nome do memorialista à publicidade ou induzi-lo a qualquer tipo de apoio ao BC - Diário: “É unicamente a decisão consciente de quem tem o dever de servir o Brasil”²⁰⁵. A homenagem foi assinada por Ana Maria Engel, secretária da redação.

Em outubro de 1974, a *Câmara Brasileira do Livro*²⁰⁶ informou, através de uma missiva, que o memorialista havia recebido o *Prêmio Jabuti de Memórias* pela publicação de *Balão Cativo*. Entre 1975 e 1983, Nava recebeu duas cartas-convite para receber homenagens da *União Brasileira de Escritores*.

Nesta seção que intitulamos de cartas institucionais, encontramos algumas missivas remetidas por instituições genuinamente políticas, como no caso da *Câmara Municipal de Belo Horizonte*²⁰⁷ que enviou um ofício informando o médico-memorialista de que havia sido homenageado como cidadão honorário da capital mineira. Ou ainda,

²⁰⁵ PN 109/AMLB/FCRB.

²⁰⁶ PN 154/AMLB/FCRB.

²⁰⁷ PN 156/AMLB/FCRB.

cartas da *Prefeitura Municipal de Juiz de Fora*²⁰⁸ agradecendo a colaboração do médico na primeira edição do *Jornal de Cultura* e remetendo edições do mesmo, datadas do ano de 1974. Estas correspondências institucionais, na maioria das vezes, parecem associar Nava a assuntos relacionados ao campo cultural no sentido amplo e não apenas ao campo literário, devido às memórias.

Outra correspondência que nos mostra o capital social adquirido por Nava nos meios culturais e midiáticos do país após a publicação de suas Memórias é de agosto de 1983. A instituição remetente é o *Centro Brasil Democrático* que pediu a adesão do memorialista ao gesto coletivo de solidariedade ao povo da Nicarágua. Segundo Sirinelli, estes manifestos de apoio às causas sociais assinados por intelectuais e que permitem aos seus signatários se engajar num protesto, são um lugar precioso para a análise das idéias e das sociabilidades dos microcosmos intelectuais.²⁰⁹

Ainda nas correspondências que permitem desvelar a força do capital simbólico de Nava, temos dois ofícios enviados em 1970 e 1972 pela *Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara* comunicando que havia sido designado membro do Conselho Federativo como representante da área cultural. No final da missiva, o memorialista faz um comentário a lápis, como lhe era de costume fazer nas correspondências desse tipo recebidas, sobre o convite da Federação de comparecer à reunião para discutir, entre outras coisas, um projeto de resolução das cerimônias de colação de grau: escreve que não comparecerá para “*não votar tamanha violência*” e que em vez de ter o selo de “Brasil Independente” no cabeçalho da carta, deveria ser um selo “Brasil dependente”. Realmente, Pedro Nava não era “lá muito protocolar”²¹⁰.

Nesta mesma categoria está a carta enviada pelo *Museu Histórico do Rio de Janeiro* pedindo a opinião do memorialista sobre seus boletins culturais e o *Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro*, que, em julho de 1979 convidou Nava a se encontrar com o Chanceler da Alemanha Federal, Helmut Schmidt. No final do papel há o seguinte

²⁰⁸ PN 741/AMLB/FCRB.

²⁰⁹ SIRINELLI, *Op.cit.* p. 249.

²¹⁰ Carta sem data enviada pela Editora Sabiá comentando a opinião do Governo de que Pedro Nava não é lá muito protocolar. Informação tirada do resumo das cartas contido no Inventário de Arquivo Pedro Nava. PN 333/AMLB/FCRB.

comentário do destinatário: “Sem resposta. Não sou intelectual oficial”.

O autor de *Baú de Ossos* não simpatizava com honrarias, títulos e posições de prestígio e nunca integrou diretamente as hostes do poder estatal. Sua posição política, conforme ele próprio contou, foi influenciada pelos ideais anarquistas de seu tio Antonio Sales, criador da *Padaria Espiritual*, movimento literário que foi fundado em 1892 no Ceará e envolveu escritores e outros simpatizantes das artes em geral. A *Padaria* publicou por seis anos *O Pão*, pequeno jornal escrito repleto de humor e irreverência que circulava aos domingos e teve 36 edições.

No arquivo de Nava encontramos um caderno que data do ano de 1920, quando o memorialista tinha 17 anos e cursava o 5º ano no Internato Pedro II. O caderno contém as respostas dos alunos às perguntas feitas por um colega²¹¹. O menino Pedro Nava respondeu às questões com sarcasmo e pessimismo. Algumas respostas revelam um pouco da personalidade do adolescente: se diz “*pessimista, porque o mundo é máo e a humanidade incomparavelmente peor (Schopenhauer)*”, afirma ter o ideal de

atingir ao supremo oynismo, a mais requintada frieza, a mais revoltante indiferença, para poder assim, ter a força de espírito necessária para bem viver, bem adular a mulher do próximo, defraudar o mundo, para ser perfeito, completo, inteiro...pessimista!

Neste caderno Nava afirmou que

a vida é como um amphiteatro anatômico: - ahi estudamos as chagas sempre abertas, vemos a podridão, o mal, o horror, o cancro, e peor de tudo a hypocrisia do optimismo, tudo num montão de lama: a sociedade.

E a morte: “É uma cessação completa da força de cohesão que une as moléculas do nosso corpo; é o relâmpago que separa o orgânico

²¹¹ Perguntas feitas por Carlos Paiva Gonçalves. O caderno foi enviado por Paiva Gonçalves em 1973 juntamente com uma carta elogiando os livros do ex-colega de internato. Carta de Paiva Gonçalves a Pedro Nava, Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1974. PN 422/AMLB/FCRB.

do inorgânico, é a suprema felicidade!”.

À pergunta namoras com que fins, Nava respondeu: “com os piores”. E a se pretende se casar: “Por ora não; casar-me-ei se encontrar mulher perfeita, o que é impossível. Portanto...”, pois “não pretendo ser apontado pela sociedade, e chamado com desprezo: - O próximo”. Sobre suicídio, o menino responde que em nenhuma situação o cometeria e sobre o amor diz que pensa que tudo não passa de fingimento, hipocrisia, “o manto que encobre a luxúria e a bestialidade dos sexos”.

Estas respostas provavelmente fizeram Nava, já com 70 anos, rir do menino, de 17, que as escreveu. Porém elas demonstram que algumas das visões de mundo do interno se conservaram mesmo quando o menino se tornou o médico e quando este se transformou no memorialista.

Em seus livros de memórias, Nava exprimiu suas opiniões sobre vários assuntos ligados à política, principalmente em *Galo das Trevas* e *O círio perfeito* em que demonstrou sua perplexidade diante das atrocidades cometidas pelo governo Vargas. Nas entrevistas e artigos que escrevia para jornais e revistas, o médico-memorialista também falava sobre suas opiniões a respeito da política:

Politicamente sou um socialista [...] depois de ter sido anarquista durante quase toda a minha vida [...] eu optei pelo socialismo para fugir do idealismo, do impossível, da quimera que é a anarquia²¹². Sempre fui liberal [...] e mais que liberal [...] numa posição esquerdizante. Eu sou um homem de centro inclinado para a esquerda [...] ²¹³

Outra demonstração de sua repulsa aos títulos oficiais, honorarias e sodalícios está na negação do memorialista a se candidatar a uma vaga na *Academia Brasileira de Letras* (ABL), como podemos identificar em cartas de intelectuais que demonstraram não concordar com a posição do memorialista que tanto elogiaram.

²¹² Veja, 25/06/1983. Apud: LE MOING, Monique. *A solidão povoada. : uma biografia de Pedro Nava*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. p. 166.

²¹³ Jornal do Brasil, 02/06/1978. Apud: LE MOING, Monique. Idem.

Ricardo Máximo em 1983, enviou uma carta ao “Caríssimo amigo” expondo seu entusiasmo em relação a Nava candidatar-se a uma vaga na ABL:

Informei-me por casualidade, de que há uma movimentação em torno de seu nome para a Academia Brasileira de Letras. A coisa pareceu-me oportuníssima! Evidentemente não porque seja o amigo um espécimen de academismo ou academicismo. Vade Petro! Mas porque materializa nossa mais pura tradição literária. Mais ainda: nossa mais pura tradição humana! Nada tem de enfatuado, nada exhibe de bazófia, de exibicionismo livrétrico, de pompa beletrista, de elitismo escarnecente, de sensaboria esdruxulamente insossa, de vaidade transvertida de humanismo esotérico! [...] É dar uma chance aos chás para que se convertam em meetings de prosa magistral, em colóquios de universais mineiridades e rio de janeirismos vividos em glória e na Glória.²¹⁴

E após gastar muita tinta da caneta, perguntou: “Então, sou convincente?”

Em 28 de abril de 1983, foi remetido ao memorialista um Manifesto de apoio a sua candidatura à ABL, assinado por Antônio Houaiss, Orígenes Lessa, Ciro dos Anjos, Alceu Amoroso Lima, Américo Jacobina Lacombe, Francisco de Assis Barbosa, D. Marcos Barbosa, Otto Lara Resende, José Candido de Carvalho e Aurélio Buarque de Holanda. Vale lembrar que os assinantes eram freqüentadores das reuniões de sábado na casa de Plínio Doyle, além de admiradores da obra de Nava. Mas não foi o suficiente para convencer o memorialista.

Em resposta a esse Manifesto assinado por seus amigos, o memorialista enviou cartas a alguns dos assinantes expondo seus motivos.

Tenho tido com várias pessoas conversas semelhantes à que V e o Houais tiveram comigo

²¹⁴ Carta de Ricardo Máximo a Pedro Nava, Rio de Janeiro, 3 de maio de 1983. PN 366/AMLB/FCRB.

na noite em que passaram em minha casa. Conforme a insistência dos interlocutores de intenção amável, para encurtar conversa terminasse muitas vezes num – vamos ver, a gente fala depois, etc, etc. que pode chegar aos ouvidos seus e do Houaiss de maneira falseada. É por isto que escrevo esta carta e outra nos mesmos termos ao Houaiss – para reiterar o que ficou dito na nossa conversa, ou seja: 1) Professo o maior respeito pela ABL que – repetindo frase do nosso Arinos – foi, é e será sempre maior que os acadêmicos; 2) Não sou candidato à Academia, não estou inscrito, nem me inscreverei me candidatando; 3) Por motivos de gratidão pessoal às gentilezas que me tem feito o Sérgio Correia da Costa – não posso competir com ele e nem aceito que ele desista de sua candidatura em meu benefício; 4) Como médico conheço minhas possibilidade de sobrevida e oitentão, não cobiço mortalha dourada. 5) Sou e serei gratíssimo a V e ao Houaiss pela bondade que tiveram comigo e de ambos, cada dia, com motivos de ser mais amigo. 6) Esta carta não é confidencial.²¹⁵

A Wilson de Lima Bastos, Nava ainda colocou mais um argumento contra sua candidatura: “Ser acadêmico implica na aceitação grupal e fraternal de grande numero de pessoas e é impossível, numa coletividade associativa, gostar de todos os companheiros. Pessoa do meu temperamento ia ser logo marginalizada – por sua incapacidade de convivência pacífica com toda gente”.²¹⁶

Na tentativa de reunir os fragmentos que explicariam um possível motivo da recusa de Pedro Nava em se candidatar a ABL, encontramos outro rascunho seu de uma carta enviada a José Guilherme Merquior, em 1983. Ali o memorialista escreveu que já não podia mais dormir nem trabalhar por conta da indicação à Academia. Pediu ao amigo que não fizesse mais nada a seu favor para ocupar tal cadeira,

²¹⁵ Rascunho de carta arquivada por Pedro Nava, s.d., s.l.

²¹⁶ Rascunho de carta enviada a Wilson de Lima Bastos por Pedro Nava. Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1983. PN 108/AMLB/FCRB.

pois caso perdesse, seria um oitentão derrotado, sentiria-se no ridículo total que cercaria o fim de sua vida. Imaginava o prazer que isto seria para os seus inimigos – que não eram poucos [...]. Argumentou que seria um mau acadêmico, por não querer votar nos notáveis, ou expoentes que se tivessem apenas se distinguido nas suas profissões. Além disso, não queria concorrer com Sérgio Correia da Costa que era amigo de Nieta. Finalizou a carta pedindo desculpas por todo o transtorno que causou, mesmo sem querer, a tantos amigos e intelectuais queridos que se mobilizaram para sua indicação.

E para finalizar esse assunto sobre a insistência de um lado e a recusa categórica de outro, com um pouco de humor, vale citar um trecho da única missiva enviada por José Olympio em seu próprio nome e não no de sua Editora, escrita em uma letra quase incompreensível entre as 5 e 7 horas da manhã, num papel de bloco de notas ocupando 12 páginas do mesmo: “Vá para Academia. Deixe de fazer cú doce e de [?] Te querem lá Nava [?] Já estamos velhinhos [...] Vai pra Academia Nava. Te querem lá”.

Mas apesar de todo o esforço de se manter longe das instâncias de consagração acadêmica, o médico-memorialista foi eleito sócio correspondente da *Academia Sobralense de Estudos e Letras*, em 1979, como nos mostra a carta assinada por Ribeiro Ramos, presidente da instituição na ocasião.

Tratando de negócios

Através da divisão das correspondências, incluímos como remetentes institucionais também as editoras que usaram do meio epistolar para se comunicar com Pedro Nava. Dentre as casas-editoras, a *Livraria José Olympio Editora* foi uma das remetentes que mais possui cartas no arquivo de Nava. Essa editora publicou vários dos livros do memorialista e pode ser considerada um importante *lócus* de sociabilidade intelectual do Rio de Janeiro no século XX. São 32 cartas de maio de 1973 a abril de 1983, onde Nava e José Olympio mantiveram uma relação que foi além das fronteiras profissionais. Ao saber pela televisão que o memorialista se suicidara diante do edifício que morava, o amigo e editor ficou muito abalado: “Ele podia ter subido

até aqui e conversaríamos tanto e ele se reencontraria com a vida”²¹⁷.

No arquivo encontramos também, seis cartas da *Editora Nova Fronteira*, que datam de agosto de 1979 a fevereiro de 1983 e tratam das vendas de livros de Nava, assim como outros assuntos interessantes para a história editorial do país.

Outras editoras também se interessaram pelos escritos de Nava após a publicação e o sucesso de suas memórias. Entre elas está a *Editora Alfa – Omega*, que enviou duas vias do contrato de cessão de direitos autorais referente ao conto “*Morro do Imperador*”, presente no livro *Balão Cativo* e selecionado por Roberto Drummond para figurar na antologia *Assim Escrevem os Mineiros*, publicada por aquela editora, a carta data de junho de 1977. A *Editora Ática*, em 1984, pede através de uma epístola, licença para a utilização de trechos da autoria de Nava para o livro *Momentos de Minas*, integrante do projeto *Minas de Livros*. Estas cartas fazem parte de um de conjunto midiático que associava Nava diretamente à Minas Gerais e a assuntos relacionados com a tradição mineira, conforme discutimos no capítulo anterior.

²¹⁷ VILAÇA, Antonio Carlos. *José Olympio, o descobridor de escritores*. Rio de Janeiro: Thex, 2001. p. 259.

Considerações Finais

O término do trabalho, ao dar a sensação de dever cumprido também traz o sentimento de que este seria o momento ideal para começá-lo. Após as leituras, os fichamentos, os diálogos com outros estudiosos, as agonias dos prazos, os cansativos mas divertidos dias no arquivo e muito tempo na frente da tela do computador dedicado à construção do texto, chegou ao fim mais uma etapa da vida acadêmica e também pessoal.

O estudo das correspondências trocadas entre homens e mulheres de letras pode ser feito através de diferentes abordagens. O trabalho apresentado aqui está embasado, principalmente, no conceito de correspondências-rede e correspondência-laboratório, de Michel Trebitsch, nas várias obras suas citadas, em que as missivas são abordadas como práticas culturais que posicionam intelectuais dentro de um determinado campo de atuação e legitimação.

As epístolas recebidas por Pedro Nava podem ser bons instrumentos de abordagem de sua sociabilidade intelectual, pois são uma das fontes escritas segundo um modo de relações sociais dominado pela oralidade. Desta forma, o estudo da correspondência social de Pedro Nava, presente no arquivo do autor, permitiu, de maneira fragmentária como é própria desse tipo de fonte, mapear a sua rede de relações pessoais, marcada também por outros lugares de sociabilidade intelectual.

As correspondências nos mostraram um Nava mais sociável, diferente de um escritor recluso que trancou-se em casa por anos a fio para escrever suas memórias, como muitas vezes parece ser o caso do memorialista.

Durante a pesquisa nas cartas sentimos falta das vozes femininas entre os intelectuais-remetentes de Nava. O círculo intelectual que o médico-memorialista freqüentou, o Sabadoyle, os amigos da Rua da Bahia, os jornalistas e escritores mais falados pelos divulgadores culturais, era composto grande parte pelo universo masculino.

O universo intelectual dos outrora *Rapazes da Rua da Bahia* foi permeado por sentimentos de pertencimento e identificação a uma

mineiridade que esteve sempre presente nos laços de amizade e explicitada nos *laços de papel* que uniram esses homens por toda a vida.

As cartas, na sua maioria são datadas do período posterior a publicação das memórias, pós 1972. Mas em seus conteúdos trouxeram relatos de encontros entre Nava e homens ligados às letras antes mesmo deste período, e posterior aos anos 1920, como é o caso de Afonso Arinos, Otto Lara Resende, Carlos Drummond e Juscelino Kubitschek,

A escrita epistolar para os escritores e homens de letras contemporâneos de Pedro Nava serviu como uma prática para estabelecer e manter uma rede de relações profissionais e intelectuais que por muitas vezes alcançaram o campo afetivo e adentrou no território do privado. As correspondências nos propiciaram encontrar no arquivo indícios de uma forma específica de sociabilidade, para além dos lugares de consagração intelectual.

No arquivo de Nava encontramos vários documentos epistolares que testemunham o intercâmbio profissional e pessoal entre o signatário e os amigos do *Bar do Ponto* e no *Café Estrela*, nos idos de 1920, apontando que essas amizades mineiras ajudaram na projeção da obra de Nava décadas mais tarde.

Como vimos, mesmo com a difusão do telefone, as conversas epistolares faziam parte de uma cultura que utilizava o suporte do papel para estabelecer e manter os vínculos afetivos e profissionais. As palavras abaixo escritas por um remetente de Nava nos mostram como a carta foi muitas vezes o melhor meio de comunicação, não pela agilidade, mas pela condição de sua leitura:

Volvo a nosso pré-diálogo epistolar. O telefone, particularmente falando consigo, soa-me demasiado brusco, excessivo, imperdoavelmente intromissivo. Tenho sempre a sensação penosa de estar interrompendo algo fundamental. De estar retendo o curso da nave contínua. E vejo-me na miserável condição de freio da inteligentzia. Assim é sou compelido a missivar.²¹⁸

Afinal, a carta é lida no momento em que o destinatário quiser e

²¹⁸ Carta de Ricardo Máximo para Pedro Nava, s.l., s.d. PN 366/AMLB/FCRB.

não naquele imposto pelo interlocutor, no tocar do telefone.

As memórias fizeram de Nava conhecido pelo grande público mas, nas cartas vislumbramos como esta obra repercutiu na sua rede de sociabilidade, intelectual e pessoal, causando um reconhecimento maior e para um público mais amplo. Não se pode pensar nos intelectuais como se fizessem uma história própria, que não se liga a história dos homens comuns, mesmo em suas pequenas “torres de marfim” suas produções rompem os muros acadêmicos e os foros intelectuais. Foi o caso da obra naviana, que alcançou uma publicização surpreendente para os padrões midiáticos – imprensa escrita, falada e televisada – da época, graças às críticas e os elogios de outros escritores, não apenas de mineiros proeminentes.

Nem todos os contatos intelectuais de Pedro Nava enviaram missivas ou as tiveram arquivadas pelo destinatário. Numa carta-resposta, o arquiteto Oscar Niemeyer nos informou sobre encontros entre Nava e outros intelectuais que não tem seus nomes como remetentes no arquivo do memorialista: “Lembro sempre de você, nossos encontros na casa do Rodrigo [de Mello Franco Andrade]; o [Manuel] Bandeira, o Vinicius [de Moraes] e o Gastão Cruls”.²¹⁹ Os últimos três não figuram entre os remetentes do memorialista. Desta forma, as missivas não dão conta de mapear completamente o campo intelectual a que Nava pertencia. Mas até onde foi possível, esperamos ter contribuído para tal.

Alguns remetentes foram privilegiados na dissertação, como foi o caso de Otto Lara Resende com suas muitas cartas, com sua escrita romanceada. A leitura delas foi tão agradável e trouxe tantas questões que foi impossível não citá-las muitas vezes. Para citar uma última vez, retomo uma das epístolas de Otto Lara Resende, que ao se referir a um episódio em que um sujeito estragara o carro de Nava, o jornalista escreveu com raiva e humor: “o cara é um mercantilista, um escrotinho que só pensa em dinheiro, cercado de uma gang abominável. Ele que venha pra cima de mim com poderes excepcionais que eu o entorto a ele pro resto da vida dele. Tá pensando que a gente é índio? Afinal, para quem não nos conhece, somos pessoas levemente respeitáveis – somos ou não somos?” Na carta seguinte continuou com o mesmo tom: “voce me avisa quando sair o livro, o 4º volume, para eu fazer um retiro

²¹⁹ Carta de Oscar Niemeyer a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 22 de julho de 1983. PN 652/AMLB/FCRB.

espiritual antes. Não aguento a porra dessa qualidade. Estou grogue, tonto, bestificado”.²²⁰

Apesar das escolhas teórico-metodológicas, algumas capazes de filtrar o “calor da pesquisa” no arquivo com suas múltiplas descobertas, o “grande feitiço do arquivo privado”, como chamou à atenção Ângela de Castro Gomes, nos rondou o tempo todo: ao tocarmos num objeto que pertenceu àquele que costumamos chamar de *nosso objeto de pesquisa* – o médico-memorialista Pedro Nava – que objetivado pelo termo não deixa de ser repleto de subjetividade que lhe atribuímos, ao ler os originais de suas memórias e suas correspondências. O arquivo de Pedro Nava “por guardar uma documentação pessoal, produzida com a marca da personalidade e não destinada explicitamente ao espaço público, ele revelaria seu produtor de forma “verdadeira”: aí ele se mostraria “de fato”, o que seria atestado pela espontaneidade e pela intimidade que marcam boa parte dos registros”²²¹

Nava foi também um artesão improvisado que mexeu com um pouco de tudo e aprendeu pela lenta experiência a trabalhar com os resíduos do passado, com as sobras do tempo e os ossos da família. “A grande árvore familiar a que deu vida é uma espécie de móbile da memória – formas fugitivas que imitam ainda de algum modo a Natureza, ao sopro de um Narrador. Será esta talvez sua vitória final sobre a Morte”.²²²

A mim só restou mesmo juntar a imaginação aos objetos pessoais, às cartas recebidas e às coisas que falaram sobre ele seus contemporâneos. Nasci exatamente no ano de sua morte. Mas sua obra permitiu que o conhecesse, mais de perto através de seu arquivo. O Pedro Nava apresentado nessa dissertação, que por tantas vezes teve seu nome repetido, não é o verdadeiro. É sua imagem construída nos vários discursos de seus contemporâneos acrescida da minha interpretação e da leitura de sua vida, de sua obra e de seu arquivo. Sem esquecer é claro, a

²²⁰ Carta de Otto Lara Resende a Pedro Nava. Rio de Janeiro, 21 de julho de 1976 e 1 de setembro de 1978. PN 761/AMLB/FCRB.

²²¹ GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. In: *Estudos Históricos: Arquivos Pessoais*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, v. 11, n. 21, 1998. p. 125.

²²² ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. “Móbile da memória”. In: _____. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 111.

admiração de uma leitora-fã, que na impossibilidade de lhe escrever algumas linhas, deixa esse trabalho.

Fontes

Entrevistas

- Entrevista de Wilson Figueiredo cedida ao site da Associação Brasileira de Imprensa em 27 de novembro de 2006. In: <http://www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=1608>.
- Entrevista cedida por Pedro Nava. Veja, 28 de março de 1984. p. 8. Seção Entrevista.

Atas

- Atas dos Sabadoyles publicadas em: SENA, Homero. *O Sabadoyle*: histórias de uma confraria literária. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

Cartas publicadas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A lição do amigo*: Cartas de Mario de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

ANDRADE, Mario de. *Namoros com a medicina*. 4ª edição. São Paulo: Martins; Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1980.

_____. *Cartas a Murilo Miranda (1934-1945)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

_____. SABINO, Fernando. *Cartas a um jovem escritor* : de Mario de Andrade a Fernando Sabino. Rio de Janeiro: Record, 1981

_____. *Correspondente Contumaz*. Cartas a Pedro Nava, 1925-

1944. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1982.

_____. *Mario de Andrade - Oneyda Alvarenga: cartas*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

_____. LINS, Álvaro. *Cartas de Mario de Andrade a Álvaro Lins*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1983.

_____. *A lição do guru: cartas a Guilherme Figueiredo (1937-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

Obras de Pedro Nava

NAVA, Pedro. *Bau de ossos*. Memórias 1. 6ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972.

_____. *Balão Cativo*. Memórias 2 (1973). 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

_____. *Chão de Ferro*. Memórias 3. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

_____. *Beira-mar*. Memórias 4. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

_____. *Galo das Trevas*. Memórias 5. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

_____. *O Círio Perfeito*. Memórias 6. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. *Território de Epidauro*. São Paulo: Ateliê editorial; Oficina do Livro, 2003. 2ª edição.

_____. *Capítulos da história da medicina no Brasil*. Cotia: Ateliê Editorial; Londrina: Eduel; São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003.

_____. *O bicho urucutum*. Seleção de textos de Paulo Penido. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

_____. Cadernos 1 e 2. São Paulo: Ateliê Editorial e Giordano, 1999.

Artigos sobre Pedro Nava

CÂNDIDO, Antônio. O Particular e o Universal na Autobiografia de Minas Gerais. SEMINÁRIO DE ESTUDOS MINEIROS, 1976, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 1976.

_____. Pedro Nava, uma Obra em Prosa Franca. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 mar. 1976.

_____. A Autobiografia Poética e Ficcional na Literatura de Minas. SEMINÁRIO DE ESTUDOS MINEIROS, 1977, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Ed. do Cinquentenário da UFMG, 1977.

_____. Poesia e Ficção na Autobiografia. In: _____. *A Educação pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. 223 p.

CASTRO, Tarso de. Para Pedro Nava. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 maio 1984, p. 26. II.

IGLÉSIAS, Francisco. *Baú de Ossos*. As Memórias de Pedro Nava. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 24 mar. 1973. Suplemento Literário.

_____. *Balão Cativo*. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 19 jan. 1974. Suplemento Literário.

_____. Evocação de Pedro Nava. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 maio 1994. Segunda Seção.

INOJOSA, Joaquim. Baú de Ossos. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 7 jun. 1973.

_____. Os Dois Desfiles de *Chão de Ferro*. *Jornal do Comércio*, Recife, 18 mar. 1977.

_____. Nava, o Mestre de Duas Artes. *Jornal do Comércio*, Recife, 4 jun. 1983.

_____. O Mestre de Duas Artes. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 jun. 1984. Cultura, pp. 2-3.

- JARDIM, Raquel. O Filão Mineiro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 maio 1979.
- _____. Nava e o Rio. *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, ano I, nº 1, 1984, p. 9.
- _____. Nava e o Rio. *Diário de Notícias*, Lisboa, Portugal, 15 mar. 1984.
- MARTINS, Wílson. As Neves de Antanho – IV. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 ag. 1973. Suplemento Literário.
- _____. A Descoberta do Mundo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 abr. 1974.
- _____. Memorialistas (I). *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 jun. 1979.
- _____. Memorialistas (II). *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 jun. 1979.
- _____. Em Busca do Tempo Perdido. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 fev. 1982.
- QUEIRÓS, Raquel de. O Estreante Pedro Nava. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 17 ag. 1947.
- _____. O Recriador de Fantasma. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 24 mar. 1973. Suplemento Literário.
- RESENDE, Oto Lara. O Crime de Não Perdoar. *O Globo*, Rio de Janeiro, 31 dez. 1978.
- _____. O Menino e o Conselheiro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 mar. 1980.
- _____. Eu Tu Ele: nós. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 out. 1980.
- _____. Fala, Memória. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2 nov. 1980.
- _____. Zero Absoluto. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 maio 1984.
- RIBEIRO, Léo Gilson. O Efêmero da Vida Humana, uma Conversa com Pedro Nava. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 15 maio 1984.
- RÓNAI, Paulo. A Humanidade num Baú de Ossos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 maio 1973.

Referências Bibliográficas

ABREU, Regina. Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados. *Estudos Históricos – Dossiê Comemorações*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, vol. 7, n.14, 1994, p. 205-230.

_____. *A fabricação do imortal*. Memória, história e estratégias de consagração no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco/ Lapa, 1996.

AGUIAR, Joaquim Alves de. *Espaços da memória*. Um estudo sobre Pedro Nava. São Paulo: Editora da USP: Fapesp, 1998. (Ensaio de Cultura; 15)

AMADO, J.; FERREIRA, M.M. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1991.

ANDRADE, Mario de. *O movimento modernista*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

ARTIÈRES, Philippe. “Arquivar a própria vida”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998. v. 11, n. 21. p. 9-34.

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. O móbile da memória. In: _____. *Enigma e comentário*. Ensaio sobre literatura e experiência. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

ARRUDA, Maria do Nascimento. *Mitologia da mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

BARBOSA, Francisco de Assis. *Intelectuais na encruzilhada - correspondência* de Alceu Amoroso Lima e Antonio de Alcântara Machado (1927-1933) Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.

BASTOS, Maria Helena Câmara, CUNHA, Maria Teresa Santos e MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Orgs.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000.

_____. (Orgs.). *Destinos das letras: História, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002.

BOBBIO, Noberto. *Os intelectuais e o poder – dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

BOMENY, Helena. *Guardiões da razão: modernistas mineiros*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

_____. *Constelação Capanema*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, Universidade São Francisco, 2001.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1974.

_____. *Razões Práticas; sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.

_____. A ilusão biográfica. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

_____. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia da Letras, 2005.

BUENO, Antônio Sérgio. *Visceras da memória: uma leitura da obra de Pedro Nava*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

CANÇADO, J.M. *Memórias videntes do Brasil: a obra de Pedro Nava*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

CANDIDO, Antônio. *A formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5ª edição. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1975.

CARVALHO, José Murilo de. História intelectual do Brasil: a retórica como chave de leitura. In: *Topoi: Revista de História*. Rio de Janeiro: PPGHIS/Departamento de História/UFRJ, ago. 2000.

CARVALHO, I.C.M. *Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica*. Horizontes antropológicos. Porto Alegre: 9, n.19, jul. 2003.

CAVALCANTI, Lauro. *Modernistas na repartição*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ-IFHAN, 2000.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. A história hoje; dúvidas, desafios e propostas”. In: *Estudos Históricos – Dossiê CPDOC, 20 anos*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, v. 7, n.13, 1994. p. 97-113.

_____. (Org.) *Práticas da leitura*. Introdução de Alcir Pécora. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. O homem de letras. In: VOVELLE, Michel (Dir.). *O homem do Iluminismo*. Trad. Maria Georgina Segurado. Lisboa: Editorial Presença, 1997. p. 117-153.

_____. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CURY, Maria Zilda Ferreira. *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

DAUPHIN, Cécile & POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de ler: cartas familiares no século XIX. Trad. Maria Helena Câmara Bastos. In: BASTOS, Maria Helena Câmara et alii (Orgs.). *Destino das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 75-87.

DOYLE, Plínio. *Uma vida*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Casa Rui Barbosa, 1999.

DIAZ, Brigitte. *L'épistolaire ou la pensée nomade*. Paris: PUF, 2002.

EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

FERNANDES, Lygia. *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu Meyer e outros*. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1968.

FRAIZ, Priscila. Arquivos pessoais e projetos autobiográficos: o arquivo de Gustavo Capanema. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: FVG, 2000, p. 73-102.

GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Batella. *Prezado Senhor, Prezada Senhora – estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GIZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Tradução: Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. Provas e possibilidades à margem de 'Il ritorno de Martin Guerre', de Natalie Zemon Davis. In: *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.

_____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução: Frederico Carotti. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

GOMES, Angela Maria de Castro. *História e Historiadores*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Estudos Históricos – Dossiê Arquivos Pessoais*. Rio de Janeiro: FVG, 1998. p.121-127.

_____. *Essa gente do Rio... modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999.

_____. (Org.) *Capanema: O Ministro e seu Ministério*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

_____. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GONTIJO, Rebecca. Paulo amigo: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 163-193.

_____. *O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador*. Niterói: UFF. (tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Social), 2006.

_____. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: SOIHET, Rachel, BICALHO, Maria Fernanda Baptista e GOUVÊA, Maria de Fátima Silva (Orgs.). *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 259-284.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Distribuição de papéis*: Murilo Mendes escreve a Carlos Drummond de Andrade e a Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996. (Papéis Avulsos, 27)

_____. *Contrapontos: notas sobre correspondência no modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004. (Papéis Avulsos, 47)

GRANJON, Marie-Christine; TREBITSCH, Michel (Dir.). *Pour une histoire comparée des intellectuels*. Paris: Editions Complexe/IHTP – CNRS, 1998. (Collection Histoire du temps présent)

HALLEWEL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: T.A. Queiroz; USP, 1985.

HEYMANN, Luciana. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. In: *Estudos Históricos – Dossiê Indivíduo, Biografia e História*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, n. 19, 1997. p. 41-81.

_____. *De "arquivo pessoal" a "patrimônio nacional": reflexões acerca da produção de "legados"*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

IONTA, Marilda. *As cores da amizade*. Cartas de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade. São Paulo: Fapesp - Annablume, 2007.

LE GOFF, Jacques. Como escrever uma biografia histórica hoje?. Tradução de Henrique Espada Lima Filho, do original “Comment écrire une biographie historique aujourd’hui?”. *Le Débat*, n. 54, mars-avril, 1989, p. 48-53.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. (1989). In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

_____. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIMA FILHO, Henrique Espada Rodrigues. *Descrirreconstrução: cultura e memória em Pedro Nava*. Florianópolis: Universidade Federal

de Santa Catarina/Programa de Pós-Graduação em Literatura, 1993.(Dissertação de Mestrado).

_____. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LORIGA, Sabrina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 225-249.

LUCA, Tânia Regina de. Monteiro Lobato: estratégias de poder e auto-representação n´A Barca de Gleyre. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 139-161.

MAIA, Tatyana. *A organização do Estado e o desenvolvimento da nação: a ação dos intelectuais no Ministério da Educação e Cultura (1956-1964)*. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2005. (Dissertação de Mestrado)

MELLO E SOUZA, Antonio Cândido de. A autobiografia poética e ficcional na literatura de Minas. In: *IV Seminário de Estudos Mineiros*. Belo Horizonte, Edições do Cinquentenário da UFMG, Imprensa Universitária, 1977.

MICELI, Sérgio. *Estado e Cultura no Brasil*. São Paulo: DIFEL, 1984.

_____. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: DIFEL, 1979.

MORAES, Marco Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar – a epistolografia de Mário de Andrade e seu projeto pedagógico*. São Paulo: FFLCH-USP, 2002. (Tese de Doutorado).

MOING, Monique Le. *A solidão povoada: uma biografia de Pedro Nava*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a*

nação. Trad. Maria Júlia Golwasser. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

PEREIRA, Leonardo A. M.. Literatura e história social: a “geração” boêmia do Rio de Janeiro do fim do Império. In: *História Social*, n. 1, Campinas, IFCH-UNICAMP, 1994.

PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. *O campo artístico sul-americano através da correspondência de um pintor uruguaio*. Florianópolis: PPGHST/UFSC, 2008. (Exemplar digitado).

PIRES JUNIOR, Sidney Oliveira. *Embates de um intelectual modernista*. Papel do Intelectual na correspondência de Mário de Andrade. Tese de doutorado. Orientadora: Zilda Márcia Gricoli Iokoi. Universidade de São Paulo, FFLCH, Departamento de História. 2004.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento e Silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Vértice, v. 2, n. 3, 1989.

PROCHASSON, Christophe. Atenção verdade!: Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. In: *Estudos Históricos*. - Dossiê Arquivos Pessoais. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, v.11, n. 21, 1998. p. 105-119.

RACINE, Nicole; TREBITSCH, Michel (Dir.). *Intellectuelles. Du genre em histoire des intellectuels*. Paris: Éditions Complexe, 2004.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas: Ed. da Unicamp/Cecult, 2001.

RODRIGUES, José Honório (Org.). *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

SARAIVA, Arnaldo. *Modernismo brasileiro e modernismo português*. Subsídios para o seu estudo e para a história de suas relações. São Paulo: UNICAMP, 2004.

SCHWARCZ. Lilia. *O espetáculo das raças; cientistas, instituições e*

questão social no Brasil (1870 - 1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHMITD, Benito. *Construindo biografias*. Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, v. 10, n.19, 1997. p. 3-21.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão; tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SIQUEIRA, Jesana Lilian. *Modernismo e modernistas mineiros: uma introdução*. Juiz de Fora: Departamento de História/Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005. (Monografia de bacharelado em História).

SIRINELLI, Jean François. A geração. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.

_____. Os intelectuais. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

SOIHET, R.; BICALHO, M. F. B.; GOUVEA, M.F.S (Orgs.). *Culturas políticas*. Ensaios de histórica cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: MAUAD, 2005

TREBITSCH, Michel. Avant-propos: la chapelle, le clan et le microcosme. In: *Les Cahiers de l'Institut d'Histoire du Temps Present - Sociabilites intellectuelles*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, n. 20, mars 1992. p.11-21.

_____. Correspondances d'intellectuels: le cas des lettres d'Henri Lefebvre à Norbert Guterman (1935-1947). In: *Les Cahiers de l'Institut d'Histoire du Temps Present - Sociabilites intellectuelles*. Centre

National de la Recherche Scientifique, n. 20, mars 1992. p.70-84.

VALE, Vanda Arantes do. Medicina e literatura nas biografias e obras de Guimarães Rosa e Pedro Nava. *In: III Seminário Internacional Guimarães Rosa*. Belo Horizonte. Caderno de Resumos. Belo Horizonte: CESPUC - MG, 2004.

_____. Memória e Memória de Pedro Nava – Uma apresentação. *In: I Encontro do Centro de Estudos dos Oitocentos*. São João Del Rey, 2004.

VASCONCELOS, Eliane (Org.). *Inventário do Arquivo Pedro Nava*. Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2001.

_____. (seleção e organização de texto). *Pedro Nava, o alquimista da memória*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2003.

VELLOSO, Monica Pimenta. Cafés, revistas e salões: microcosmo intelectual e sociabilidade. *In: Modernismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

_____. A literatura como espelho da Nação. *In: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Vértice, v. 1, n.2, 1988. p. 239-263. 1988.

_____. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Textos CPDOC/FGV, 1987

VENANCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. *In: Estudos Históricos – Dossiê Sociabilidades*. Rio de Janeiro, n. 28, 2001. p. 23-47.

_____. Sopros inspiradores: troca de livros, intercâmbios intelectuais e práticas de correspondências no arquivo privado de Oliveira Vianna. *In: BASTOS, Maria Helena et all (Orgs.). Destino das*

letras: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 217-242.

_____. *Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna*. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ (Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História Social), 2003.

_____. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, Angela de Castro. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 111-137.

VILLAÇA, Antonio Carlos. *José Olympio: o descobridor de escritores*. Rio de Janeiro: Thex, 2001.

WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada*. Jornalistas e escritores em Minas Gerais. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ANEXOS

ANEXO 1

Nº	REMETENTE	PERÍODO DAS CARTAS	NÚMERO DE EPÍSTOLAS	LOCAL. NO ARQUIVO
1	Carlos Drummond de Andrade	Set 1947 a Nov 1983. Rio de Janeiro	32 cartas	PN 038
2	Cyro dos Anjos	Nov 1969 a Fev de 1984. Brasília e Rio de Janeiro	6 cartas	PN 048
3	Raul Bopp	Jan 1974 a Dez 1974. Rio de Janeiro	2 cartas	PN 128
4	Mário da Silva Brito	Jan 1977 e Mar de 1978. Rio de Janeiro	2 cartas	PN 143
5	Plínio Doyle	Bilhete sem data. Sem local.	1 bilhete	PN 317

6	Afonso Arinos de Mello Franco	Out 1959 a Set 1981. Washington e Porto	10 cartas	PN 385
7	Alphonsus de Guimarães Filho	Mai de 1977. Rio de Janeiro	1 carta	PN 436
8	Antônio Houaiss	Ago 1974 a Ago 1983. Rio de Janeiro	4 cartas	PN 455
9	Joaquim Inojosa	Jun 1974 a Jan de 1979. Rio de Janeiro	3 cartões	PN 460
10	Américo Jacobina Lacombe	Jan 1974. Rio de Janeiro	1 carta	PN 493
11	Cândido Mota Filho	Fev 1973. Rio de Janeiro.	1 carta	PN 630
12	Hélio Pelegrino	Jan de 1973 a Mar de 1983. Rio de Janeiro	5 cartas	PN 696
13	Gilberto Mendonça Teles	Fev a Ago de 1983. Rio de Janeiro	2 cartões	PN 902

N°	REMETENTE	PERÍODO E LOCAL DAS CARTAS	NÚMERO DE EPÍSTOLAS	LOCAL. NO ARQUIVO
1	Otavio Mello Alvarenga	Out de 1981. Rio de Janeiro	2 cartas	PN 029
2	Austen Amaro	Jan 1977 a Mar 1983. Belo Horizonte	2 cartas	PN 034
3	Carlos Drummond de Andrade	Set 1947 a Nov 1983. Rio de Janeiro	32 cartas	PN 038
4	Cyro dos Anjos	Nov 1969 a Fev de 1984. Brasília e Rio de Janeiro	6 cartas	PN 048
5	Luis Camilo	s.d. Boston – EUA	1 carta	PN 160
6	Mílton Campos	Abril a Ago de 1948. Belo Horizonte	4 cartas	PN 171
7	Gustavo Capanema	Jun 1973 a out 1978. Brasília e Rio de Janeiro	6 cartas	PN 176
8	Wilson Figueiredo	Ago de 1977 a Set de 1983. Rio de Janeiro	11 cartas	PN 372
9	Alphonsus de Guimarães Filho	Mai de 1978. Rio de Janeiro	1 carta	PN 436
10	Francisco Iglesias	Jan de 1974 a Jun de 1983. Belo Horizonte	4 cartas	PN 458

11	Juscelino Kubistchek	Dez 1966 a mar de 1976. Rio de Janeiro	4 cartas	PN 485
12	Hélio Pellegrino	Jan 1973 a Mar de 1983. Rio de Janeiro	5 cartas	PN 696
13	Abgar Renault	Jan 1973 a Dez de 1983. Rio de Janeiro	7 cartas	PN 759
14	Otto Lara Resende	Ago 1973 a Nov 1983. Rio de Janeiro	27 cartas	PN 761
15	Fernando Sabino	Maio de 1982. Rio de Janeiro	2 cartas	PN 796
16	Murilo Rubião	30 jul. 1968 a jun. 1983. Rio de Janeiro e Belo Horizonte	2 cartas	PN 789 carta não disponível para consulta

ANEXO 3

Assuntos	Número de remetentes	Localização dos remetentes
Referências aos livros de Pedro Nava	10 remetentes	PN 29, PN 38, PN 34, PN 48, PN 176, PN 385, PN 485, PN 696, PN 759, PN 761
Relatos de outras formas de comunicação	5 remetentes	PN 29, PN372, PN 696, PN 796, PN 761
Relato da circulação de livros	3 remetentes	PN 29, PN 38, PN 761
Tratamento íntimo	12 remetentes	PN 29, PN 38, PN 34, PN 171,PN 372, PN 485, PN 696, PN 759, PN 48, PN 385, PN 796, PN 761
Referências à Minas Gerais	5 remetentes	PN 38, PN372, PN 485, PN 696, PN 761
Recomendações familiares	8 remetentes	PN 29, PN 38, PN 171, PN 34, PN 372, PN 485, PN 759, PN 385
Sugestões aos livros de Nava	1 remetente	PN 38,
Citação de outros	4 remetentes	PN 38, PN 48, PN 372, PN 759, PN 761

intelectuais e escritores mineiros		
---------------------------------------	--	--

ANEXO 4

Nº	REMETENTE	PERÍODO E LOCAL DAS CARTAS	NÚMERO DE EPÍSTOLAS	LOCAL. NO ARQUIVO
1	Miguel de Almeida	Mar a Ago de 83. São Paulo.	3 cartas	PN 026
2	Paulo Mendes de Almeida	Jan de 1973 a Jan. de 1980.São Paulo.	13 cartas	PN 028
3	Francisco de Assis Barbosa	Abr 1972 a Mai de 1983. Rio de Janeiro	6 cartas	PN097
4	Rubem Braga	Jan 1983. Rio de Janeiro	3 cartas	PN 133
5	José Maria Cançado	Outubro de 1981. Belo Horizonte	1 carta	PN 175
6	Antonio Cândido	Mar 1973 a Jun de 1983. São Paulo	4 cartas	PN 174
7	Moacir Werneck de Castro	Jun e Nov de 1983	2 cartas	PN 207
8	Lúcio Costa	Set 1977 a Set de 1981. Rio de Janeiro	2 cartas	PN 283
9	Sérgio Correia da	Fev de 1978 a Dez de 1982. EUA	6 cartas	PN287

	Costa			
10	Olavo Drummond	Jan de 1979 a Nov de 1983. São Paulo	4 cartas	PN 318
11	Paulo Duarte	Fev a Ago de 1976. São Paulo	2 cartas	PN 321
12	Emil Farhat	Mai de 1974. São Paulo	2 cartas	PN 357
13	Guilherme Figueiredo	Mar de 1973 a Dez 1983. Rio de Janeiro	3 cartas	PN 371
14	Brasil Gérson	Jun de 1974. Rio de Janeiro	1 carta	PN413
15	Rachel Jardim	Jan de 1973 a Mai de 1984. Rio de Janeiro	10 cartas	PN 471
16	Geraldo França de Lima	Dez 1980. Rio de Janeiro	1 carta	PN 522
17	Roberto Marinho	Fev de 1975. Rio de Janeiro	1 carta	PN 561
18	José Guilherme Merquior	Jul de 1979 a Jun de 1983. Montevideu e Londres.	5 cartas	PN599
19	José Mindlin	Ago de 1976 a 7 Fev 1984. São Paulo	4 cartas	PN 603
20	Oscar Niemeyer	Set de 1977 a Jul de 1983. Rio de Janeiro	3 cartas	PN652

21	José Olympio Pereira Filho	Jun de 1983. Rio de Janeiro	1 carta	PN 660
22	Clóvis Pacheco	Fev de 1980 a Ago de 1981. São Paulo	14 cartas	PN 673
23	Rachel de Queirós	Jan 1951 a Abr. 1974. Quixadá (CE)	2 cartas	PN 746
24	Marques Rebelo	Mar de 1973. Rio de Janeiro	1 carta	PN 756
25	Otto Lara Resende	Ago de 1973 a Nov de 1983. Rio de Janeiro	27 cartas	PN 761
26	Darci Ribeiro	Fev de 1982. São Francisco (EUA)	1 cartão	PN 765
27	Lígia Fagundes Telles	Ago de 1975 a Nov de 1983. São Paulo	2 cartas	PN 903
28	Dalton Trevisan	Mai de 1974 a Dez de 1983. Curitiba	20 cartas	PN 913
29	Érico Veríssimo	Fev de 1973 a Abr de 1974. Porto Alegre	2 cartas	PN 936
30	Antônio Carlos Villaça	Nov. 1974. Rio de Janeiro	1 carta	PN 951
31	Humberto Werneck	Jan de 1979. São Paulo	1 carta	PN 961

32	Ziraldó	Set de 1983. S.l.	1 carta	PN 965
-----------	----------------	-------------------	---------	--------